



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

ANA CLÁUDIA FABRE ELTERMANN
SUZY ZAPAROLI

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
O SOMBRIO NA LITERATURA: CRIANDO NARRATIVAS DE TERROR

FLORIANÓPOLIS

2014

ANA CLAUDIA FABRE ELTERMANN

SUZY ZAPAROLI

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DOCÊNCIA
O SOMBRIO NA LITERATURA: CRIANDO NARRATIVAS DE TERROR

Relatório Final de Estágio de Docência elaborado na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas sob a orientação da Professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott.

FLORIANÓPOLIS

2014

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Isabel Monguilhott pela orientação e às colegas de estágio pelo companheirismo.

Se grama não fosse pra pisar, seria arbusto.

Prof. Pedro

...só aos poucos é que o escuro é claro.

Guimarães Rosa

RESUMO

O presente relatório busca refletir sobre as atividades desenvolvidas durante a experiência de estágio docência realizado pelas graduandas Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina no segundo semestre de 2014, sob orientação da professora Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. A experiência de ensino-aprendizagem foi realizada na turma 71 do sétimo ano do ensino fundamental II, na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.

Palavras-chave: Estágio docência, Ensino-aprendizagem, Relatório.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	10
1.1. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	10
1.1.1. A escola.....	10
1.1.2. A turma.....	13
1.1.3. A professora.....	14
1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Ana Cláudia Fabre Eltermann.....	16
1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Suzy Zapparoli.....	19
1.2. PROJETO DE DOCÊNCIA.....	22
1.2.1. Escolha do tema e justificativa.....	22
1.2.2. Referencial teórico.....	24
1.2.3. Objetivos.....	28
1.2.4. Conhecimentos trabalhados.....	29
1.2.5. Metodologia.....	29
1.2.6. Recursos necessários.....	33
1.2.7. Avaliação.....	34
1.2.8. Planos de aula.....	37
1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA.....	94
1.3.1. Relato das aulas.....	94
1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica.....	102
2. DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE.....	104
2.1. O PROJETO EXTRACLASSE.....	104
2.1.1. Apresentação.....	104
2.1.2. Justificativa.....	105
2.1.3. Referencial teórico.....	105
2.1.4. A linguagem como objeto de ensino e suas implicações.....	106
2.1.5. O jornal escolar como estratégia para o ensino da língua.....	111
2.1.6. Objetivos.....	112
2.1.7. Metodologia.....	112
2.1.8. Recursos.....	113
2.1.9. Avaliação.....	113

2.1.10. Planos de aula.....	113
2.2. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA NO EXTRACLASSE.....	123
2.2.1. Relato das aulas.....	123
2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica.....	125
3. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	127
4. ENSAIOS INDIVIDUAIS.....	128
4.1. A experiência de estágio: o início do percurso, por Ana Cláudia Fabre Eltermann.....	128
4.2. Estágio: Costurando e vestindo experiências, por Suzy Zapparoli.....	129
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
6. REFERÊNCIAS.....	133
7. ANEXOS.....	135

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado a partir da experiência de estágio docente realizada na turma 71 do sétimo ano da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito sob a orientação da professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. O relatório segue a linha de nosso percurso no estágio, sendo dividido em etapas.

Primeiramente, passamos por um momento de observação da escola e das aulas da professora efetiva da turma, totalizando 10h/a. Esta seção é intitulada, no presente relatório, como “1.1. Descrição do espaço escolar”. Nela descrevemos a escola, seu Projeto Político Pedagógico, sua linha de ensino, seu espaço físico, bem como nossas impressões acerca da turma e da prática docente realizada.

Em seguida, trazemos a seção “1.2. Projeto de docência”, que fez parte de nosso planejamento, no qual escolhemos o tema, o gênero e os assuntos a serem trabalhados em nossa prática, que totalizou 16h/a. Descrevemos, nesta seção, a justificativa de nossa escolha, as teorias nas quais nos baseamos para estruturar nossas aulas, os objetivos que tínhamos, a avaliação proposta, bem como os conhecimentos que pretendíamos alcançar e a metodologia empregada, além dos próprios planos de aula.

Em seguida, no tópico “1.3. Relatos do exercício de docência”, na seção intitulada “1.3.1. Relatos das aulas”, fazemos uma descrição de nossa prática pedagógica, para em seguida realizar uma reflexão aprofundada sobre a mesma na seção “1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica”.

Posteriormente, abordamos o projeto extraclasse no tópico “2. Docência em projetos extraclasse”, em que trazemos a construção do projeto e sua história, apresentando a justificativa, o referencial teórico, os objetivos, além de trazermos a metodologia e o material que precisamos para tanto na seção de recursos para, em seguida, refletirmos sobre os critérios de avaliação. Por último, apresentamos os planos de aula, em que tratamos do plano em si, isto é, o passo a passo de cada aula.

Fazemos, após isso, relatos sobre a docência no extraclasse, na seção “2.2. Relatos do exercício de docência no extraclasse”, mostrando como as aulas foram realizadas, além de descrevermos como se deram as atividades pensadas nos planos de aula. Na mesma seção, analisamos ainda a nossa própria prática, comparando com a docência na turma do sétimo ano.

Trazemos, em seguida, ensaios individuais, nos quais refletimos sobre tudo o que observamos e realizamos ao longo da experiência do estágio, na seção “2. Ensaios

individuais”. Ao final, então, colocamos nossas considerações finais, na seção “3. Considerações finais”, as referências utilizadas, em “4. Referências” e, por fim, os anexos, nos quais trazemos fotos, textos escritos por alunos, materiais utilizados por nós em nossas aulas e as entrevistas realizadas.

1. DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1.1 DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

1.1.1 A escola

A Escola Beatriz de Souza Brito, tal como a conhecemos atualmente, está localizada na rua Deputado Antônio Edu Vieira no Bairro Pantanal na cidade de Florianópolis. Este bairro foi “[...] formado no final do século XIX, era constituído na sua maioria por famílias pobres, descendentes de açorianos e negros” (PPP, 2013, p.5).

Para pensarmos na formação da escola Beatriz de Souza Brito, é necessário voltarmos antes mesmo da criação de seu espaço físico, tal como o vemos atualmente. Assim, retrocederemos até o início do século XX, quando existia a escola masculina do Pantanal localizada no alto do morro Sertão do Pantanal. A escola do Sertão como era conhecida, tinha suas aulas ministradas apenas por uma professora, nas chamadas *turmas mistas*, onde as aulas eram realizadas da primeira até a quarta série do primário conjuntamente, ou seja, no mesmo espaço físico.

No início da década de 50, o número de crianças do bairro cresceu o que levou à criação da primeira casa-escola, onde a educadora ministrava suas aulas em sua própria casa, ou seja, o alunos dirigiam-se até a casa do educador para receber a sua formação. Com a entrada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a construção da *Eletrosul* no bairro do Pantanal, ampliando o referido bairro e oferecendo mais emprego para os moradores da comunidade, a realidade socioeconômica transformou-se. Por conta dessas mudanças, em 1963, as quatro casas-escolas existentes, foram reunidas em um único espaço, junto ao posto de saúde, criando o *Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito*.

Em 1986 houve a transformação do *Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito* em Escola Básica, ampliando a escola que antes oferecia formação apenas da 1ª à 4ª série, para a escolarização até a 8ª série. Conseqüentemente, a escola também devia ampliar o seu espaço físico, isso acarretou seu rompimento com o posto de saúde do bairro e deslocando-se até o endereço que hoje a encontramos, a saber, na rua Deputado Antônio Edu Vieira, no bairro Pantanal. Também no mesmo ano, houve um concurso público para o magistério municipal, e através deste, a entrada de doze professores efetivos com nível superior, para 5ª à 8ª série.

Atualmente, são 23 professores que atuam tanto nos anos iniciais como nos anos finais do Ensino Fundamental, sendo 12 deles efetivos e 11 temporários. A escola também possui

em seu quadro de funcionários 23 profissionais de apoio pedagógico/administrativo e 15 funcionários que atuam nos serviços gerais (segurança, cozinha, etc.), educando cerca de 500 alunos.

Os alunos se deparam com uma escola de múltiplos espaços. Além das salas de aula, os discentes possuem acesso a salas de refeitório, biblioteca, sala de multijogos, quarto do brinquedo e sala de informática.

A biblioteca é ampla, iluminada, e possui um bom acervo. Há mesas e cadeiras que podem ser utilizadas para leitura, além de um espaço com tapete e almofadas, para um maior conforto. Há quase sempre uma bibliotecária disponível para auxiliar os alunos, e o espaço permanece aberto durante a maior parte do tempo. A sala de multijogos possui brinquedos educativos que, em sua maior parte, têm relação com a matemática (material dourado, dominó, etc.). Já a sala do brinquedo serve como uma biblioteca: o aluno retira o brinquedo no intervalo e deve devolvê-lo assim que terminar de utilizá-lo. Podemos observar também que na escola há rampas de acessibilidade para alunos com deficiência.

A escola também possui um grande jardim com árvores e flores que a comunidade ajudou a plantar no projeto *Humanização da Escola*. Há de se destacar que a escola se encontra em um terreno em relevo, assim, há uma sequência de blocos que foram construídos um mais alto em relação ao outro. A quadra de esportes fica, assim, no último “degrau” desse terreno escolar, rodeada por uma floresta de um lado e por uma tela de outro. O que nos chamou atenção na visita foi o contato com a natureza que a escola de certa forma proporciona. Ao lado da quadra há enormes pedras, que os alunos costumam *escalar* e *brincar*. Atualmente, esse espaço da quadra não é de livre trânsito para os alunos, pois a escola vem passando por um processo de reforma, o que limita momentaneamente o espaço físico que pode ser utilizado. O auditório, por exemplo, o maior espaço que a escola possui, não pode ser usado. As salas de aula também, como nos informou a professora de português, estão mais cheias do que o normal.

Se não levarmos em conta a parte da escola em reforma, os alunos podem transitar por todos os espaços, desde que acompanhados de adultos, com exceção de algumas áreas administrativas. Os funcionários, no entanto, parecem estar quase sempre presentes em locais como a biblioteca, auxiliando os estudantes no que precisam.

No que se refere aos objetivos e compromissos da escola, como podemos observar no Projeto Político Pedagógico (PPP), o eixo norteador do ensino é o domínio da linguagem, como atividade tanto discursiva quanto cognitiva. Nesta perspectiva, o domínio da leitura e da escrita se constitui como uma das necessidades mais importantes do ser humano, sendo este

domínio uma condição necessária para o exercício da cidadania. Assim sendo, a escola não deve apenas levar o aluno ao mundo da escrita, mas torná-lo letrado. O objetivo da escola seria, dessa forma, fornecer aos seus estudantes os instrumentos para que eles possam selecionar e buscar o conhecimento, além de relacionar e organizar as informações do mundo.

A língua, conforme o PPP, é considerada instrumento de ensino e aprendizagem em todas as disciplinas, pois o texto é o suporte para quase todas as atividades que são realizadas. Assim, a preocupação com a linguagem deve ocorrer em todas as disciplinas, sendo a leitura e a escrita um compromisso de todas as áreas.

Tivemos a oportunidade de observar, ao longo da nossa experiência docente, que os professores têm consciência de que suas disciplinas não são estanques, mas são dinâmicas e devem dialogar com a leitura e a escrita. A escola destaca a importância da interdisciplinaridade guiada por este caminho, ideia já proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):

A língua, sistema de representação do mundo, está presente em todas as áreas do conhecimento. A tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita não se restringe, portanto, à área de Língua Portuguesa, já que todo professor depende da linguagem para desenvolver os aspectos conceituais de sua disciplina (BRASIL, 1998, p. 31).

A escola desenvolveu, e continua desenvolvendo, vários projetos. Entre eles, ocorreu o *Humanização da Escola*, já mencionado, em que os alunos e os professores, junto com a comunidade escolar, fizeram uma arborização do espaço escolar, melhorando-o esteticamente e trazendo maior prazer aos alunos em frequentar as aulas.

Outro projeto é o *Escreve Beatriz*, no qual vários alunos escreveram textos próprios, com a ajuda dos professores, que foram reunidos em uma coletânea, formando um livro. Esta pequena publicação fica na biblioteca da escola, para que os outros alunos possam ler os textos dos colegas e se inspirar a participar também. Além disso, na biblioteca, há momentos de contação de histórias para os alunos, além de encenações de algumas cenas de livros, como a de *Robinson Crusóe*, que foi realizada para desencadear o interesse e a curiosidade pela leitura das obras.

No âmbito da produção de textos pelos alunos, é necessário citar também o projeto desenvolvido pelo Governo Federal, *Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro*, do qual a escola se envolve, através das aulas de Língua Portuguesa. Esse projeto inclui a distribuição de cadernos com textos e dinâmicas relacionadas a determinado gênero, para cada aluno, e um caderno do professor com as instruções para desenvolver o gênero previsto

naquela série. O projeto também prevê a formação à distância da docente, para que esta possa trabalhar com o material disponibilizado. Ao final do estudo do caderno, cada aluno desenvolve uma produção de acordo com o gênero estudado. Essa produção será sujeitada à um processo de seleção primeiro na turma, em seguida em nível municipal, depois estadual e federal.

Outro projeto importante é o Curso de Robótica, composto atualmente por 14 alunos, e que faz parte da Jornada de Educação Tecnológica (JET), que conta com o apoio da prefeitura de Florianópolis. Os alunos, em encontros semanais de três horas, aprendem noções básicas de robótica de forma lúdica e divertida. Alguns alunos da turma do 7º ano, em que realizamos nosso estágio, participaram do curso.

Há também um projeto de criação de uma edição do jornal da escola *Notícias do Beatriz*, que resultou de uma atividade extraclasse conduzida por alunos de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, da Universidade Federal de Santa Catarina, e que nós também desenvolvemos durante o período de estágio. Discutiremos mais sobre essa experiência em outra seção deste relatório.

Por último, a escola também realiza saídas de estudos, excursões para algumas cidades como São Paulo, Curitiba, Blumenau e Pomerode. Acompanhados dos professores, os alunos visitam museus, exposições, feiras e parques, contribuindo para uma formação além do espaço da sala de aula.

1.1.2. A turma

Durante o estágio observação, notamos que as aulas de língua portuguesa, que são divididas, durante a semana, em quatro períodos de 45 minutos, são realizadas em um espaço pequeno para a quantidade de 33 alunos. A sala, no entanto, é bem arejada e iluminada, possuindo um quadro branco, mesa para o professor, carteiras bem conservadas e um armário ao fundo, no qual os estudantes podem guardar seus livros didáticos, evitando ter que carregar peso para casa. Além disso, não há muitos cartazes nas paredes, evitando a poluição visual e dispersão do aluno, possuindo cortinas com uma cor clara, o que torna o ambiente mais agradável.

Para conhecermos melhor o perfil dos alunos do 7º ano matutino, antes de entrarmos em sala de aula como professoras, além de observarmos seus comportamentos ao longo das dez aulas, aplicamos um questionário. Neste, que encontra-se em anexo elaboramos questões a respeito do contexto familiar, escolar e cotidiano dos alunos. Através dos questionários,

constatamos que a turma é constituída por 18 meninas e 15 meninos, na faixa de 12 a 14 anos, a maioria dentro da idade esperada para o 7º ano. Após o período de observação, dois novos alunos integraram a turma, sendo um menino e uma menina. Boa parte dos alunos são naturais de Florianópolis, tendo alguns casos de alunos nascidos em outras cidades catarinenses, outros estados e uma estudante de outro país. O maior número de estudantes faz o trajeto até à escola a pé, mostrando que moram nas proximidades da escola.

Ainda através dos questionários, observamos que apenas três alunos não possuem computador e acesso à internet em casa. A maioria, entretanto, utiliza a internet para entrar em redes sociais populares como o *Facebook*, o *Youtube*, o *Whatsapp*, além de jogos online. Percebemos, contudo, que o interesse pela leitura fora da sala de aula, em geral, é escasso, sendo poucos os alunos que procuram outros textos que não são cobrados pela escola. Encontramos alguns casos singulares de alunas que, além de serem leitoras assíduas, escrevem e publicam em redes sociais *fanfics*¹ escritas por elas.

Durante o estágio, pudemos observar que os estudantes, em geral, gostavam de participar da aula, sempre se prontificando a ler quando lhes era pedido. Uma minoria, no entanto, não realiza as atividades propostas, passando a maior parte do tempo indiferentes ao que acontece. Há bastantes conversas durante a aula, exigindo interrupções constantes de sua fala. Percebemos, no entanto, que os discentes respeitam os educadores, não afrontando-os e construindo com os mesmos um diálogo ao longo das aulas.

1.1.3. A professora

A professora da turma mostrou-se receptiva, sempre se colocando à disposição para o que precisássemos. Além da observação das aulas, utilizamos ainda em nossa pesquisa uma entrevista por escrito com a professora, para que pudéssemos conhecê-la melhor, além do questionário entregue aos alunos, nos quais eles comentam os pontos positivos e negativos da aula. Em relação à sua atuação como educadora, observamos que ela dispõe de muito respeito e controle na sala de aula, já que não levanta a voz para seus alunos e busca sempre esperar que todos tenham a atenção, para depois explicar ou dar instruções de atividades. Também pudemos observar a organização com que a mesma conduz a aula, sempre anotando as atividades diárias no quadro e trazendo todos os materiais necessários para realizar a sua atividade pedagógica “sem atropelos”.

¹ *Fanfic* é a abreviação de um termo inglês, *fan fiction*, que significa “ficção de fã”. São histórias criadas por fãs a partir de histórias conhecidas, abrangendo desde mangás, programas televisivos, livros, etc. Há sites específicos para a publicação deste gênero.

Através da entrevista, tomamos conhecimento que a docente teve sua formação no curso de Letras Português na UFSC e trabalha na carreira de magistério há 19 anos, sendo que nos últimos 15 anos é professora da Rede Municipal de Florianópolis. Trabalha na escola há um ano. Ela tem carga horária semanal de sessenta horas que são divididas entre a rede municipal e estadual. Participa do projeto *Olimpíadas de Língua Portuguesa*, trabalhando a língua portuguesa através dos gêneros.

Para o planejamento das aulas, a professora contempla sugestões dadas pelos estudantes, bem como por colegas de trabalho e por leituras e pesquisas que realiza. Além disso, procura sempre fazer uma autoavaliação de sua prática, procurando fazer o ensino-aprendizagem da melhor forma possível. Há um planejamento anual, elaborado pela professora, que ela procura cumprir, baseada nos conteúdos e gêneros abordados no livro didático e nas *Olimpíadas de Língua Portuguesa*. O principal material utilizado por ela é o livro didático, exigência da escola. A professora traz ainda outros textos, além de revistas e gibis.

Em suas aulas, procura abranger os eixos do ensino de Língua Portuguesa fala/escuta, leitura/escrita e análise linguística, seguindo a teoria bakhtiniana em que a unidade do estudo da língua é o *enunciado concreto* que aparece na interação verbal. A educadora ainda afirma que, para ela, a língua/linguagem é a interação e o sujeito é aquele que atua sobre o mundo em que está inserido. Essa concepção demonstra, também, que a professora segue os ideais dos PCNs. Com relação à oralidade, procura chamar a atenção dos alunos para a importância de ouvir e respeitar a fala do outro. No que se refere à leitura, estimula sempre os alunos à ler, mantendo um horário semanal reservado para visitas à biblioteca e leitura em sala de aula. Há ainda momentos de leitura coletiva, em que ou a própria professora lê, ou pede que alguns alunos leiam em voz alta. Comenta sempre, ainda, da importância que a leitura ocupa em sua própria vida, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento de suas atividades como para o exercício de sua cidadania. Quanto à escrita, propõe produções textuais sobre o gênero trabalhado ou reescrita de alguma história já lida em sala. Disponibiliza tempo para o planejamento da produção, para a escrita e, quando necessário, para a revisão e para a reescrita. Quanto à análise linguística, ela é enfocada de acordo com o gênero textual que está sendo trabalhado, no qual ela elenca conteúdos gramaticais relevantes para que se possa entender e produzir o gênero em estudo.

Quanto ao diálogo com outros professores e disciplinas, a docente afirma que ocorre essa interação no período do recreio, do almoço ou das reuniões, em que há um tempo para que os professores planejem juntos. Neste mesmo ano letivo, já duas atividades em conjunto

havia sido realizadas, havendo uma terceira em andamento. Além da interação entre os colegas da escola, a docente também tem contato com outros professores em formações pedagógicas da rede municipal.

1.1.4. Análise crítica das aulas observadas, por Ana Cláudia Fabre Eltermann

Ao entrarmos no estágio, nós, estudantes de letras, temos a oportunidade de fazer um vínculo entre a teoria que vimos ao longo do curso com a prática, vivenciando o cotidiano escolar. Este é um momento de transição entre o fazer discente e o fazer docente, em que podemos observar se e como as teorias atuais de ensino aparecem na realidade da escola e da prática docente observada. O objetivo desta análise é refletir sobre o que foi visto durante o período de observação das aulas, sobre o que aprendemos ao longo deste tempo e sobre as estratégias utilizadas pela docente. Esta oportunidade de observação nos dá suporte para a preparação de nossa própria prática, pois com ela pudemos perceber como os alunos do 7º ano responderam a determinadas abordagens. Desta forma, podemos continuar com o trabalho que, ao nosso olhar, foi positivo, e procurar outras estratégias em aspectos que não consideramos tão eficazes.

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito se pauta no domínio da linguagem como norteador do ensino, em qualquer disciplina. Dessa forma, ler e escrever se torna prioridade, pois é condição necessária não só na busca do conhecimento, mas para o próprio exercício da cidadania. O texto é, assim, considerado o suporte para o ensino-aprendizagem em qualquer área. Esta ideia vem ao encontro do que Bakhtin, no capítulo *Os gêneros do discurso*, do livro *Estética da criação verbal*, afirma. O autor coloca que todas as esferas humanas são atravessadas pela língua e que o enunciado é a forma de utilização dessa língua, que é sempre concreta e única. Gêneros do discurso são então os tipos de enunciados que se tornam relativamente estáveis. Para o autor, só podemos falar, escrever, nos comunicar, através dos gêneros do discurso. Estes são adquiridos naturalmente, assim como a fala. Até mesmo na conversa mais informal, um gênero existe, moldando nosso discurso.

Na aula, observada por nós, a professora trabalha nesta perspectiva bakhtiniana, baseada em gêneros. Em seu planejamento anual, pudemos observar que as aulas são reunidas em blocos, de acordo com o gênero textual a ser trabalhado. Como afirma Bakhtin, em qualquer estudo que se faça da língua é necessário abarcar as modalidades de gêneros, pois são elas que representam a língua em uso e, portanto, viva. O estudo, dessa forma, não é feito

de forma descontextualizada, a partir de frases soltas, mas sim de textos, pois são neles que a língua se revela em sua totalidade.

Ainda nesta perspectiva, Irlandé Antunes, em *A aula de português*, afirma que “(...) somente uma *concepção interacionista da linguagem*, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante” (ANTUNES, 2003, p.41). A professora Rita comenta que procura, ao longo de suas aulas, considerar este aspecto interacionista da linguagem. Como afirmou na entrevista que realizamos com ela, acredita que a língua é conhecida através da interação, dos enunciados concretos ouvidos e produzidos na comunicação que fazemos com outras pessoas. Apesar disso, observamos em alguns momentos que a professora espera uma resposta única, a resposta “correta” para uma pergunta interpretativa, desconsiderando, muitas vezes, aquelas que fogem do padrão determinado. Dessa forma, acaba desconsiderando este aspecto interacionista da linguagem.

Este é o eixo norteador do ensino de natureza operacional e reflexivo, que considera o aluno como um interlocutor, e não um ser passivo. Assim sendo, Geraldi (1996) afirma que os eixos que devem nortear o ensino de língua devem ser: o uso da linguagem e a reflexão sobre ela. O uso ocorre nas práticas de escuta, leitura e produção de textos, tanto orais quanto escritos e em diferentes gêneros do discurso. E a reflexão ocorre nas práticas de análise linguística. Para Geraldi, a produção de textos é o ponto de partida e de chegada do processo de ensino e aprendizagem da língua. A análise linguística teria como finalidade o aprimoramento dessas práticas de uso.

Observamos que a professora consegue contemplar estes vários eixos, embora alguns de forma mais efetiva do que outros. Presenciamos vários momentos de leitura em sala de aula, que acontecia de formas diversas. Houve, ao longo da observação, a leitura em voz alta de uma crônica (gênero que estava sendo trabalhado) pela professora, e outra leitura em voz alta feita por alunos. Há ainda uma aula na semana destinada à leitura silenciosa, na qual os alunos podem ir até a biblioteca para retirar livros. Dessa forma, a professora estimula a leitura sempre, fornecendo um tempo semanal para leitura por fruição. Além disso, a docente procura, em diálogo com os alunos, mostrar a importância que a leitura ocupou em sua vida. Como afirma Antunes, “O aluno, antes de qualquer coisa, deveria estar convencido das vantagens de saber ler e de poder ler. O professor faria bem, então, em ajudar o aluno a construir uma *representação positiva da leitura* e dos poderes que ela confere ao cidadão” (ANTUNES, 2003, p.81). As leituras que aconteciam em voz alta mostravam-se efetivas. No entanto, as aulas destinadas à ida para a biblioteca acabavam se tornando um momento de

“lazer” para a maior parte dos alunos, que saíam de sala, mas voltavam sem livros nas mãos. A leitura mediada, neste caso, mostrou-se mais eficaz.

Apesar da prática, que consideramos positiva, efetuada pela professora, muitos alunos parecem desinteressados com a leitura. Ao mesmo tempo em que vemos estudantes se dispondo a ler imediatamente quando lhes é pedido, outros parecem alheios ao que ocorre, sem nem mesmo abrirem o livro didático ou o caderno durante as aulas. Dessa forma, principalmente na aula reservada à leitura individual, há um prejuízo na atenção que os alunos dão as suas leituras, devido ao barulho e agitação do resto da turma.

Quanto à escrita, percebemos que, conforme Antunes (2003) considera ideal, a professora dispõe de tempo para os alunos tanto para o planejamento de seus textos, quanto para a escrita e reescrita destes. Presenciamos uma aula em que a professora propôs que os estudantes pensassem sobre o que poderia virar tema de suas crônicas, ajudando-os a lembrar de acontecimentos cotidianos presenciados por eles que poderiam ser interessantes para serem contados. Em outra aula, o tempo foi utilizado para a escrita da crônica. E em outro momento presenciado, a professora devolveu aos alunos um texto produzido anteriormente sobre memória, com observações, que poderia ser revisado e reescrito, a partir de uma orientação individual. Os alunos, dessa forma, tem a oportunidade de planejar e revisar suas produções e o texto não é considerado acabado, pronto, estanque. No entanto, assim como ocorreu na leitura individual, o tempo destinado para o planejamento da escrita era, muitas vezes, utilizado para conversas e brincadeiras. Os alunos que queriam planejar e começar os seus textos, não conseguiam devido ao barulho e à movimentação na sala de aula.

A respeito da oralidade, não observamos uma sistematização deste eixo em especial. A professora, no entanto, estabelece sempre um diálogo com os alunos, procurando ouvi-los e estimulá-los a exporem seus pontos de vista sobre o assunto trabalhado. Em vários momentos chamou a atenção para a importância de ouvir o outro, de respeitá-lo durante sua fala.

No que se refere à análise linguística, de acordo com Possenti, em *Por que (não) ensinar gramática na escola*, “Para muitas pessoas das mais variadas extrações intelectuais e sociais, ensinar língua é a mesma coisa que ensinar gramática” (POSSENTI, 1996, p. 60). Para Possenti, esta discussão de ensino de análise linguística e gramática continua atual, porque mesmo havendo uma mudança de discurso, a prática não foi alterada (POSSENTI, 1996, p. 63). A professora nos informou em entrevista que traz os conteúdos gramaticais de acordo com o gênero estudado, elencando conteúdos gramaticais que considera relevantes para o entendimento e para a produção do gênero. O conteúdo gramatical, dessa forma, não é descontextualizado, mas acontece a partir dos textos trabalhados. Embora a professora pareça

ter consciência dessas teorizações atuais sobre análise linguística, não pudemos observar muitos momentos como este em sala de aula, pois a professora ficou restrita apenas a algumas figuras de linguagem, assunto que não foi aprofundado. Pelo que pudemos perceber, a passagem da teoria para a prática, neste aspecto, ainda permanece obscura para muitos dos profissionais da área.

Consideramos importante destacar também que o material didático é utilizado como norteador das aulas. É a partir dele que a professora seleciona os conteúdos considerados importantes para cada etapa escolar. Esta é uma orientação da escola em geral e que a professora segue. Traz, no entanto, esporadicamente, alguns textos a mais, complementando o que foi trabalhado no livro. Destacamos que o professor não deve ser um reproduzidor de algo escrito por uma autoridade (no caso, o autor do livro didático), mas também um pesquisador, um produtor de conhecimento. Cito aqui Geraldi, em *A aula como acontecimento*, que diz que a função do professor é a de não buscar sozinho sentidos para cada resposta de cada pergunta formulada, mas deve ao invés disso “(...) organizar com os alunos mais perguntas e buscar em colegas, em profissionais, nas fontes, na herança cultural, os esclarecimentos disponíveis: é aqui que a pesquisa começa, é aqui que o caminho começa a ser construído (...)” (GERALDI, 2010, p. 97).

Por fim, pudemos perceber que a professora da turma realiza uma prática consciente, tentando se aproximar ao máximo das atuais teorizações sobre o ensino, procurando sempre fazer uma auto-avaliação para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra da melhor forma possível. Através da observação e de conversas com a docente e os discentes, pudemos refletir sobre as dificuldades e satisfações com as quais o professor se depara em seu trabalho.

1.1.5. Análise crítica das aulas observadas, por Suzy Zaporoli

A partir da observação das dez aulas, descritas anteriormente, chegou o momento de debruçar-nos sobre elas e refletirmos sobre a prática pedagógica e seus desdobramentos, bem como os princípios que a subsidiam. Não se trata, portanto, de fazer um julgamento ou avaliação sobre as atitudes pedagógicas em sala de aula. Trata-se de costurar ideias sobre o papel do educador e suas ações. Desse modo, percebemos que a prática docente observada está ligada à teoria de Bakhtin, já que a educadora vê os alunos como sujeitos singulares onde o *eu* constrói o conhecimento com o *outro* através da interação verbal e do *passo*, visto como atitude (in)repetível de determinado sujeito em determinado espaço-tempo.

Observamos, também, que as aulas de língua portuguesa são desenvolvidas através de gêneros do discurso, seguindo a ideia bakhtiniana de que toda a unidade concreta da linguagem, ou seja, o enunciado, se materializa através de gêneros que são os tipos de discurso relativamente estáveis. Contudo, compreendemos que este uso do gênero como instrumento de ensino, se desenvolve, na prática observada, através de “gavetas”; onde é estudado um gênero após o outro, havendo assim, uma seleção de textos que possuem a mesma configuração. Essa forma de abordagem, que está presente no livro didático seguido pela professora, é criticada por Dolz, argumentando que “trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno.” (DOLZ, 2014, p. 10). Aqui se faz, portanto, uma pequena crítica ao ensino de gênero seguido pela professora, justamente pela utilização por parte dela do livro didático - que afinal de contas, precisa de uma organização temática. Devemos, no entanto, levar em conta o cotidiano dos professores em geral, que, atualmente, se encontram sem tempo para preparar suas aulas, utilizando o livro didático como instrumento para a sua prática pedagógica.

Observamos durante as aulas que há uma preocupação em sempre resgatar o cotidiano dos alunos para realizar atividade de escrita ou de leitura, nos lembrando que:

[...] as *informações prévias* com que o *leitor chega ao texto*, derivadas de seu próprio *conhecimento de mundo* e das *relações simbólicas* que, aí, estabelece, também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão de texto. O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor; pois está em todo o material linguístico que o constitui e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. (ANTUNES, 2013, p.78).

Esse resgate da realidade do aluno para a sala de aula, realizado pela professora de português, lembra-nos da teoria de Vygotsky (1987) onde o sujeito se constitui através da interação com o outro, passando da *Zona real* (conhecimento já adquirido), ou seja, da realidade concreta do aluno, para a *Zona Potencial* (conhecimento que pode ser desenvolvido). Dessa forma, cada sujeito irá trazer uma *bagagem* de conhecimentos diferente ao outro sujeito, marcando assim a sua singularidade. O professor teria o papel, portanto, de mediador entre o que o aluno já possui internalizado e o que o aluno pode saber. A zona de atravessamento, de mediação entre a ZD real e a ZD potencial, é nomeada pelo filósofo como *Zona de Desenvolvimento Proximal* e se constituiria como uma ponte, onde atuaria o educador.

Podemos, ainda, refletir em uma ligação das aulas observadas com a teoria de Geraldi que propõem o aprendizado operacional e reflexivo da língua através de três unidades de ensino: a prática de leitura, a prática de produção textual e a prática de análise linguística. Não se trata de separá-las e fragmentar o ensino sobre esses módulos, mas tecê-los em uma só rede. Segundo o autor, o que se tem visto nas escolas, é um ensino voltado, muito mais para a instrumentalização dos saberes, do que sua prática crítica. Não observamos essa instrumentalização na prática docente, percebemos também que a professora regente conduz sua aula com o nó entre as três unidades destacadas por Geraldi.

Também ao longo das aulas, percebemos que a docente privilegia a prática de leitura em seu planejamento, partindo do texto para a produção do aluno e a análise linguística como no estudo de figuras de linguagem. Houve a leitura de uma crônica com diálogo argumentativo, uma discussão sobre o gênero, e em seguida uma reflexão linguística sobre as metáforas presentes no texto. Observamos que no ensino da literatura há uma aproximação com Antunes (2013) e Geraldi (2006), quando a educadora realiza uma leitura interativa de textos autênticos, ou seja, textos reais e contextualizados historicamente e socialmente para o aluno. Há também, nas aulas observadas, um espaço para a leitura por fruição, “pelo simples prazer que provoca” (ANTUNES, 2013, p. 83), pois em um momento da observação, a educadora leu uma crônica de Fernando Sabino, por que gostava deste texto, suscitando assim um estímulo para seus alunos. Essa prática da educadora na sala de aula faz com que a leitura seja uma interação entre leitor/obra/escritor, constituindo um verdadeiro diálogo aberto, já que todo texto é múltiplo de significados.

1.2 PROJETO DE DOCÊNCIA

1.2.1. Problematização, escolha do tema e justificativa

Acreditamos que toda relação de ensino-aprendizagem deve ser direcionada de acordo com as necessidades e possibilidades dos sujeitos envolvidos. É necessário, dessa forma, conhecer e considerar alguns fatores para o planejamento de nossa prática docente. Após o período de observação do nosso campo de atuação, pudemos conhecer mais sobre a prática que vinha sendo realizada e sobre os caminhos possíveis que poderíamos adotar para a construção desse projeto.

Tomando como base a observação que fizemos do espaço escolar, do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e das aulas de Língua Portuguesa assistidas, traçamos um panorama do contexto no qual iríamos atuar. Constatamos que o eixo norteador do ensino da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito é o domínio da linguagem, enquanto atividade discursiva e cognitiva. Dessa forma, através do mote “Ler e escrever: compromisso de todas as áreas”, a escola considera a leitura e a escrita necessidades básicas do ser humano e o seu principal objetivo seria tornar o aluno letrado. Assim, o estudante pode selecionar, buscar, organizar e relacionar as informações do mundo, tendo subsídios para obter o conhecimento sempre.

Com a leitura dos questionários produzidos por nós aos alunos e com o contato que tivemos com eles durante o estágio observação, pudemos também conhecer os educandos, seus gostos e conhecimentos de mundo, suas necessidades e atividades dentro e fora da escola, seus comportamentos e dificuldades em leitura e escrita, bem como a própria visão deles sobre a aula de português. A partir disso, consideramos que os discentes participavam mais ativamente nas aulas que envolviam leitura de diversos textos. Assim, a leitura que exercia um fascínio na turma e é o cerne do Projeto Político e Pedagógico da escola, foi eleita como o fio condutor de nossas aulas. Dessa forma, era necessário que elegêssemos um tipo de leitura para desenvolver com a turma, visto que a perspectiva adotada pela escola tem os gêneros do discurso como norteadores do ensino.

Pelo fato da professora regente já ter trabalhado outros gêneros discursivos propostos na grade curricular do sétimo ano, como poesia, crônica com diálogo argumentativo e relato de experiência, optamos por desenvolver o gênero conto. Por ser um gênero que possui como característica narrativas curtas, e “devem ser lidos em uma assentada só”, segundo Poe, os contos facilitam a apreensão de sentido pelos alunos, não causando desinteresse durante a

leitura. A escolha desse gênero se deve também, em especial, à percepção que temos da falta do hábito e da apreciação de leitura fora da escola por parte de alguns alunos da turma. Assim nosso objetivo é que, a partir do gênero conto, os alunos do sétimo ano, através de uma série de atividades propostas, sejam estimulados a desenvolver uma prática de leitura a longo prazo, ampliando ainda a compreensão dos mecanismos subjacentes à criação do gênero escolhido.

Seguindo essa linha, elegemos como tema o conto de terror, por percebermos, através dos questionários respondidos, ser este um assunto cativante aos alunos e que despertaria a curiosidade pelo desfecho da história. Também verificamos, através de busca em outros materiais voltados para o grau de escolaridade proposto, que histórias de terror e suspense eram um tema próprio para o sétimo ano. A partir do tema escolhido, selecionamos textos integrais e variados, que permitissem aos alunos tanto o contato com contos em uma linguagem de fácil compreensão, como o conto de Ruth Rocha, quanto com textos mais longos e com a linguagem um pouco mais complexa, como o conto de Edgar Allan Poe. Dessa forma, o contato com discursos múltiplos permitiu que o aluno fosse envolvido no tema e no gênero proposto, mas sem a ingenuidade de que essa relação precisa ser totalmente facilitada pelo professor para ser compreendida (com o uso de adaptações, por exemplo).

Por fim, decidimos trabalhar os elementos narrativos próprios do gênero conto, com a finalidade de os estudantes dominarem a configuração do mesmo, para produzir um conto de terror. Também, através da leitura, aprofundamos o estudo da classe gramatical adjetivo, já que é um elemento constante nos textos trabalhados e consideramos importante para a descrição do espaço e do personagem de um texto narrativo.

Além disso, procuramos estimular o potencial criativo dos estudantes, proporcionando atividades que despertassem a originalidade e a imaginação. Para isso, articulamos diferentes tipos de linguagens, pois acreditamos que esta interação entre texto, imagem e som amplia e ressignifica a produção de sentidos. Dessa forma, os alunos podem criar relações das mais diversas, potencializadas pelo uso de outras expressões artísticas.

Procuramos, ainda, em nossas aulas, não apenas abordar determinados conteúdos programáticos, mas elaborar atividades—que permitissem ao aluno uma atividade crítica e reflexiva. Dessa forma, consideramos o aluno um ser que não deve ter um papel passivo de apenas ouvinte, reconhecendo, assim, sua posição responsiva ativa no processo dialógico, base de toda comunicação discursiva. Além disso, a leitura vista nesta perspectiva não é considerada apenas uma decodificação de sinais gráficos, mas uma atividade que gera reflexões e questionamentos, que devem ser abordados em sala de aula.

1.2.2 Referencial teórico

1.2.2.1. Linguagem e sujeito

Consideramos fundamental pensar o ensino de língua portuguesa à luz da linguagem. Nesta perspectiva, afirma Geraldi, em *Portos de Passagem*, que a linguagem é fundamental para o desenvolvimento de todo e qualquer ser humano. É através dela que apreendemos conceitos para que possamos intervir no mundo e, ainda, nos encontramos com o outro e confrontamos ideias. É preciso pensar o ensino de língua portuguesa, dessa forma, à luz da linguagem. Assim sendo, a interlocução é fundamental neste processo, pois ela é o espaço de produção da linguagem e, conseqüentemente, de constituição de sujeitos. A linguagem, na interlocução, faz-se como evento e só se faz consistente no momento singular em que alguém a enuncia. É nesta fala singular que a linguagem e o sujeito se constituem.

Como se pode observar, a língua não é algo pronto, que o sujeito se apropria e utiliza; todo o processo interlocutivo se reconstrói em cada situação que envolve a linguagem. Além disso, vemos que o sujeito é social, pois uma interlocução só é possível através do outro, com o qual se interage. Essas interações, no entanto, embora singulares, fazem parte de um contexto social e histórico mais amplo, sofrendo, portanto, as interferências, os controles e as seleções que ele impõe (embora também interfiram nestes limites).

Tudo que se fala, de acordo com Geraldi, é visto ingenuamente como algo pronto, como se houvesse expressões fixas e previamente existentes para se dizer tudo. O autor vai contrapor isso, afirmando que a fala depende de um conhecimento prévio de recursos expressivos disponíveis, mas que, no momento da interlocução, necessita de operações de construção de sentidos. Aquele que fala, ao enunciar, seguindo uma ordem, um regulamento pré-existente, (re)significa as palavras e frases que utiliza. Geraldi observa que não se pode pensar em extremos: nem que a língua é algo pronto, que não possa ser interferido, nem que algo que se diz pode significar qualquer coisa, sem seguir uma historicidade. Em suas palavras, o trabalho linguístico não é “nem um eterno recomeçar nem um eterno repetir” (GERALDI, 1997, p. 11).

Em relação a isso, Bakhtin, no capítulo “Interação verbal”, de sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma que a enunciação é o produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, com uma linguagem em comum. O interlocutor não pode ser abstrato; os indivíduos fazem parte de um contexto social definido e suas deduções,

motivações e apreciações dependem desse contexto em que eles se encontram. Toda palavra, segundo Bakhtin, possui duas faces, pois sempre procede *de* alguém, *para* alguém, ou seja, é sempre o produto de uma interação entre um locutor e um ouvinte, pertencendo, portanto, aos dois. O locutor, assim sendo, não tem a palavra como sua propriedade. São as relações sociais, a situação e o meio que determinam a estrutura da enunciação, sua forma e estilo.

No que se refere à relação entre o sujeito e suas ações linguísticas, Geraldi dá ênfase ao trabalho do sujeito como fio condutor da reflexão. Para ele, a própria aprendizagem da língua é um ato de reflexão sobre a linguagem, pois quando se produz um diálogo, há uma tentativa de se compreender a fala do outro e de fazer-se compreender por ele. Neste processo ocorre uma decodificação, em que as palavras do outro nos são convertidas em nossas próprias palavras, e vice-versa.

Geraldi problematiza o ensino que vinha/vem sendo trabalhado nas escolas, propondo novos olhares sobre a linguagem, o sujeito-aluno e as interações sociais. Mostra que o aluno não é um mero “copista” da fala dos outros, mas um indivíduo que atua sobre sua língua e sobre seu meio interacional.

1.2.2.2. Gêneros discursivos

Bakhtin, no capítulo “Os gêneros do discurso”, do livro *Estética da criação verbal*, coloca que todas as esferas humanas são atravessadas pela língua, então é natural que o caráter e os modos de utilização dela sejam tão diversos. O enunciado é a forma de utilização dessa língua, que é sempre concreta e única. Gêneros do discurso são então os tipos relativamente estáveis de enunciados. Para Bakhtin, só podemos nos comunicar através dos gêneros do discurso, que são adquiridos naturalmente, assim como a fala. Em toda conversa, mesmo informal, existe um gênero moldando o discurso. Já que as intenções comunicativas são várias, e o próprio momento histórico produz modificações de acordo com as necessidades de cada época, é possível pensar que o número de gêneros discursivos é infinito.

A partir dessas considerações, o autor faz uma distinção entre gêneros de discurso primário e secundário. O secundário, que surge em situações de comunicação cultural (artística, científica, sociopolítica, etc.), é mais complexo e normalmente escrito, e acontece pela transformação do gênero primário, que tem uma ligação mais forte com a realidade existente. A natureza do enunciado é melhor estudada e definida nesta inter-relação entre os dois tipos de gêneros e não somente de um deles.

1.2.2.3. Professor como mediador

Vygotsky em sua obra *A formação Social da Mente*, afirmando que o processo de desenvolvimento dos saberes cognitivos da criança não está separado da aprendizagem, mas “progredir de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizagem” (VYGOTSKY, 1991, p. 102), elabora os conceitos de Zonas de Desenvolvimento encarados como níveis que a criança perpassa no processo de aquisição de conhecimento. Segundo o estudioso, a *Zona de Desenvolvimento Real* seria o conhecimento que a criança já tem internalizado e a *Zona de Desenvolvimento Potencial* é aquilo que a criança pode desenvolver. Servindo como ponte entre esses dois níveis de desenvolvimento, há a *Zona de Desenvolvimento Proximal* que “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão em estado embrionário.” (VYGOTSKY, 1991, p. 97). Dessa forma, o educador deve atuar neste nível de desenvolvimento, servindo como ponte para que o aluno dê o *passo concreto* daquilo que já conhece (ZD real) para aquilo que ainda não domina (ZD potencial). Assim, não se pode encarar um sujeito como uma tábula rasa, mas como um ser ativo diante do conhecimento, sendo que não apenas o meio, mas também o(s) outro(s) sujeitos irão contribuir para essa passagem e desenvolvimento do conhecimento através da interação.

Vygotsky também destaca a linguagem como forma para a interação do *eu* com o *outro*, portanto tendo um papel importante para o desenvolvimento dos processos cognitivos, já que ao mesmo tempo que há um desenvolvimento da linguagem, há uma marcação do sujeito no mundo através desta.

1.2.2.4. Eixos do processo de ensino-aprendizagem

Geraldi (1997), em *Portos de passagem*, afirma que os eixos que devem nortear o ensino de língua devem ser tanto o uso da linguagem como a reflexão sobre ela. O uso acontece nas práticas de escuta, leitura e produção de textos, tanto orais quanto escritos, e em diferentes gêneros do discurso. Já a reflexão ocorre nas práticas de análise linguística. Para o autor, a produção de textos é o ponto de partida e de chegada do processo de ensino e aprendizagem da língua, pois é ela que devolve a voz ao aluno em sala de aula. A análise linguística teria como finalidade o aprimoramento dessas práticas de uso.

Geraldi propõe o ensino *operacional e reflexivo* da língua através de três unidades de ensino: a prática de leitura, a prática de produção textual e a prática de análise linguística.

Não se trata aqui de separá-las e fragmentar o ensino sobre esses módulos, mas tecê-los em uma só rede. Segundo o autor, o que se tem visto nas escolas é um ensino voltado muito mais para a instrumentalização dos saberes do que sua prática crítica, já que há uma simulação dessas práticas linguísticas na escola:

Na escola não se escrevem textos, produzem-se redações. E estas nada mais são do que uma simulação da língua escrita. Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leitura. Por fim, na escola não se faz análise linguística, aplicam-se a dados preexistentes. E isso é simular a prática científica da análise linguística. (GERALDI, 2006, p. 90)

É necessário na prática pedagógica superar essa simulação e fragmentação do ensino da língua portuguesa, fazendo com que a leitura deixe de ser mecânica para ser um momento de construção de sentidos trazidos pelos textos, e a de escrita deixe de ser uma atividade meramente escolar, tornando-se um momento de expressão da subjetividade, de comunicação à distância, de registros de vivências e compreensões de mundo.

1.2.2.5. Conto

Luzia de Maria, no livro *O que é conto*, introduz o leitor ao gênero conto e afirma que este, em sua modalidade narrativa, surgiu como ramificação das antigas narrativas de tradição oral. A partir do Romantismo ele começou a adquirir autonomia, se tornando, então, uma experiência literária.

Sobre as especificidades deste gênero, Ricardo Piglia, em seu texto *Teses sobre o conto*, afirma que o conto possui duas histórias, uma que é contada em primeiro plano e outra que é contada em segredo, de forma enigmática. Um bom contista seria aquele que conseguiria contar a segunda história nos interstícios da primeira. O efeito de surpresa se daria no momento em que a segunda história, que foi contada de forma fragmentária ao longo do texto, apareceria na superfície. Este efeito de surpresa, que vai contra o previsível e o convencional, seria a base do conto, que possui sempre esse caráter duplo.

De acordo com Piglia, o conto clássico contava sempre uma história, anunciando que havia outra por trás dela. Havia, dessa forma, uma estrutura fechada, que terminava com um final surpreendente. Já na versão moderna do conto, há uma tensão entre as duas histórias, sem que essa tensão seja resolvida. Assim, as duas histórias são contadas como se fossem apenas uma e o mais importante nunca é dito. O subentendido e a alusão são, portanto, as chaves desse conto moderno.

Assim sendo, o conto, segundo Piglia, nos faz ver uma verdade secreta “sob a superfície opaca da vida” (PIGLIA, 2004, p. 94), fazendo com que aquilo que estava oculto apareça. O conto seria, dessa forma, uma espécie de iluminação profana.

Ainda sobre o caráter peculiar do conto, Cortázar, em *Alguns aspectos do conto*, faz uma comparação entre este gênero e o romance. Afirma que o conto parte da noção de limite, diferentemente do romance, que parte da noção de tempo de leitura, de esgotamento. Cortázar faz então um paralelo com o cinema e a fotografia, mostrando que no cinema, como no romance, a captação de uma realidade ampla acontece com o desenvolvimento de elementos parciais, acumulativos. Diferentemente, tanto na fotografia como no conto, há a escolha de um elemento significativo, que se torna abertura para algo maior, que vai muito além do que está contido na imagem ou no texto. Cortázar comenta que: “Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*” (CORTÁZAR, 2006, p.152)

O autor afirma ainda que um bom contista sempre, mesmo que de forma inconsciente, escolhe um tema que traz uma abertura do pequeno para o grande, do individual para o geral. Um bom conto narra, dessa forma, um elemento singular, e a partir dele abre para toda a essência do humano, tornando-se, assim, universal.

Por fim, retomamos Luzia Maria (2004) que reflete sobre os conceitos e definições de conto que aparecem nos manuais de teoria literária. Luzia Maria desconfia que boa parte dos contos produzidos fogem às regras estabelecidas, pois as formulações só são válidas para um dado momento, para a constatação do que “já foi feito” em uma certa época, mas que a literatura, por ser viva, sempre rompe com os laços que as encerram em compartimentos estanques. As definições, portanto, precisam ser sempre reformuladas, na tentativa de se “apreender cada novo lance” (MARIA, 2004, p. 24), pois todo valor da arte está naquilo que traz de novo.

1.2.3. Objetivos

1.2.3.1. Objetivo geral

Desenvolver as potencialidades nas práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística através de contos de terror e outras linguagens artísticas, aprofundando o conhecimento sobre a classe gramatical adjetivos e a configuração do gênero conto e seus elementos narrativos.

1.2.3.2. Objetivos específicos

- Desenvolver a participação e integração nas atividades propostas pelas educadoras, socializando suas impressões das leituras de contos e valorizando o olhar do outro;
- Aperfeiçoar o olhar para novas linguagens, como a audiovisual, e sua relação com a palavra escrita (literatura);
- Ampliar o repertório de leitura e produção escrita de contos;
- Interpretar contos de terror realizando as atividades e discussões propostas pelas educadoras;
- Reconhecer as características do grupo gramatical adjetivo e seu funcionamento no texto;
- Identificar os elementos narrativos que compõem o gênero conto, a saber, personagem, espaço, tempo, narrador e enredo;
- Produzir um conto de terror, observando a configuração do gênero.

1.2.4. Conhecimentos trabalhados

Contos de terror; interpretação textual-discursiva, elementos narrativos; adjetivos e locuções adjetivas.

1.2.5. Metodologia

1.2.5.1. As aulas

A primeira aula terá início com a apresentação das estagiárias e com uma conversa sobre o projeto que será realizado com a turma. Será realizada, então, a leitura da primeira parte do conto *A coisa*, de Ruth Rocha. Os alunos, em seguida, irão produzir uma pequena descrição escrita do que seria “a coisa” assustadora para eles, que estaria no conto. Por fim, a professora irá passar uma caixa com o objeto presente na história dentro dela e finalizar a leitura do conto. Este seria o primeiro contato com o tema que será trabalhado, que é o medo, o susto.

Nas segunda e terceira aulas, será feita a leitura do conto *O gato e o diabo*, de James Joyce, na qual as ilustrações do livro serão projetadas por meio de *datashow*. Esta será a motivação para o conto que será lido em seguida: *O gato preto*, de Edgar Allan Poe. As leituras serão acompanhadas de discussões sobre questões relevantes que os textos provocam.

Na quarta aula, ainda vinculada aos dois textos anteriores, será exibido o curta-metragem de animação *Vincent* para, logo após, ser feita uma discussão oral e escrita sobre o mesmo e sua relação com os contos lidos.

A quinta e a sexta aulas terão como foco a leitura do conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz, e o curta-metragem de animação *Alma*. Será feita, nas duas aulas, uma discussão oral e uma resolução de exercícios de interpretação sobre as duas histórias, com a correção dos mesmos.

Já a sétima aula será para a exposição oral da professora sobre os elementos narrativos que configuram o gênero conto, com a retomada dos contos lidos anteriormente. Ainda nesta aula, os alunos preencherão uma folha, criando descrições de personagens, espaços, tempos e narradores, que serão utilizadas em algumas atividades. A oitava aula será um exercício com as descrições feitas na aula anterior, em que os alunos se reunirão em grupo e sortearão algumas daquelas descrições criadas, para formar um pequeno conto. Na nona aula, a leitura será *A ceia dos mortos*, de Salma Ferraz. Após a leitura e a discussão, a professora contará aos alunos alguns costumes de outras culturas relacionados à morte.

A décima aula será focada na produção textual de um conto assustador. Como motivação, a professora colocará uma música assustadora e passará para os alunos algumas imagens que lembrem histórias de terror. Os alunos terão que escrever palavras que venham à mente deles quando veem aquelas imagens e, a partir dessas palavras e das atividades feitas ao longo das aulas, escreverão o conto.

Na décima segunda aula, será feita a leitura do conto *O coração peludo do mago*, seguida de uma discussão oral e um exercício escrito sobre os elementos narrativos. A aula seguinte será reservada para a correção do exercício e para uma explicação sobre a classe gramatical dos adjetivos. Nesta serão utilizados exemplos retirados dos contos escritos pelos alunos. Por fim, será entregue uma folha com um exercício, para ser realizado individualmente.

Nas duas aulas seguintes, haverá um tempo reservado para a reescrita do conto pelos alunos. Em seguida, será feita uma dinâmica em que os estudantes escreverão, em dois papéis diferentes, um substantivo e um adjetivo que o qualifique. Os papéis serão colocados em duas caixas e os alunos terão que sortear um de cada, para ler em voz alta para a turma a junção criada.

A última aula será iniciada com a leitura de alguns contos dos alunos, selecionados pelas professoras. A seguir, será exibido o curta-metragem *Deathigner*, seguido de uma

discussão. Por fim, haverá um fechamento e uma conversa com os alunos sobre as aulas realizadas.

1.2.5.2. Cronograma das aulas

Data	Atividade
Terça (07/10) 1ª aula	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto que será realizado na turma - Leitura da <i>A Coisa</i>, de Ruth Rocha - Produção de uma descrição em uma folha entregue pelas professoras - Mostra da coisa da história dentro de uma caixa
Quarta (08/10) 2ª e 3ª aula	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma pequena biografia de James Joyce - Leitura de <i>O Gato e o Diabo</i>, de James Joyce - Discussão sobre o conto lido - Apresentação de uma pequena biografia de Edgar Allan Poe - Leitura do conto <i>O Gato Preto</i>, de Edgar Allan Poe
Sexta (10/10) 4ª aula	<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do curta-metragem <i>Vincent</i>, de Tim Burton - Discussão sobre a relação do curta com o conto lido na aula anterior. - Atividade escrita de interpretação
Terça (14/10) 5ª aula	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do conto <i>Crianças à venda</i>, de Rosa Amanda Strausz - Exibição do curta-metragem <i>Alma</i>, de Rodrigo Blaas - Atividade escrita, para casa, de interpretação do conto lido na última aula e do curta-metragem <i>Alma</i>
Quarta (15/10) 6ª e 7ª aulas	<ul style="list-style-type: none"> - Correção das atividades das aulas anteriores. - Exposição sobre a configuração e os elementos do conto (personagem, narrador, espaço, tempo e enredo), retomando os contos já trabalhados - Exercício de criação sobre os elementos do conto

Sexta (17/10) 8ª aula	- Atividade em grupo de escrita a partir dos elementos do conto
Terça (21/10) 9ª aula	- Leitura do conto <i>O coração peludo do mago</i> , de J.K. Rowling - Discussão sobre os elementos do conto e exercício
Quarta (22/10) 10ª e 11ª aulas	- Correção de atividades realizadas sobre <i>O coração peludo do mago</i> - Motivação - Começo de conversa: As professoras trazem uma música de terror e imagens de personagens assustadores e os alunos devem falar palavras horripilantes através dessas imagens - Proposta de produção textual de um conto
Sexta (24/10) 12ª aula	- Explicação sobre o uso de adjetivos baseada nas produções dos alunos - Dinâmica sobre adjetivos
Terça (28/10) 13ª aula	- Exercícios escritos sobre adjetivos
Quarta (29/10) 14ª e 15ª aula	- Leitura do conto <i>A ceia dos mortos</i> , de Salma Ferraz - Reescrita do conto
Sexta (31/10) 16ª aula	- Exibição do curta-metragem <i>Deathigner</i> - Leitura dos melhores contos selecionados pelas estagiárias Suzy Zapparoli e Ana Eltermann

1.2.6. Recursos necessários

1.2.6.1. Recursos materiais

- *Datashow* (disponível na escola);
- Computador;
- Folhas de papel almaço;
- Folhas coloridas;
- Quadro branco (disponível na sala);
- Caneta para quadro branco (disponível na escola);
- Tesoura;
- Fita adesiva;
- Caixa de som;
- Aparelho de áudio (disponível na escola);
- Caixas de papelão;
- Fotocópias dos textos.

1.2.6.2. Recursos bibliográficos

FERRAZ, Salma. *A ceia dos mortos*. Blumenau: Edifurb, 2012.

JOYCE, James. *O gato e o diabo*. Trad. Lygia Bojunga. Ilustr. de Lelis. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: AGUIAR, Luiz Antonio (ORG.) et al. *Era uma vez à meia-noite*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

ROCHA, Ruth; ONO, Walter. A coisa. In: *As aventuras do Alvinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

ROWLING, Joanne Kathleen. O coração peludo do mago. In: _____. *Os contos de Beedle, o bardo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

STRAUSZ, Rosa Amanda. Crianças à venda. Tratar aqui. In: _____. *Sete ossos e uma maldição*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

YOUTUBE. *Alma*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=irbFBgI0jhM>>. Acessado em: 21/09/2014.

YOUTUBE. *Deathigner*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mptpw8fQ-lw>> Acessado em: 26/09/2014.

YOUTUBE. *Vincent*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_W_1IEZlj8g>. Acessado em 21/09/2014.

1.2.7. Avaliação

Acreditando que a avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem, não sendo um fim deste mesmo, concordamos com Zabala (1998) em que, “avaliação é um elemento-chave de todo o processo de ensinar e aprender, sua função se encontra estreitamente ligada à função que se atribui a todo o processo.” (ZABALA, 1998, p. 220). Dessa forma, o modo como avaliamos o aluno irá depender das situações didáticas que adotamos como educadores. Essas situações, segundo o mesmo autor, podem ser encaixadas em quatro tipos de conteúdo, sendo esses: factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Esses conteúdos exigem atividades próprias para serem desenvolvidos em sala de aula e, portanto, avaliações diferenciadas. Enquanto os dois primeiros possuem um caráter mais formal, com atividades fechadas, nas quais o aluno deve provar que compreendeu determinado conceito ou fato, nos conteúdos procedimentais é necessário que ele domine o saber e o aplique na prática, exigindo do professor a criação de atividades abertas, realizadas em sala de aula, que possibilite ao professor “a observação sistemática de como cada um dos alunos transfere o conteúdo para a prática” (ZABALA, 1998, p. 207). Já os conteúdos atitudinais demandam maior consciência e atenção do professor, necessitando uma observação das atitudes dos alunos no espaço escolar.

Seguindo esta linha, a avaliação, em nossa prática docente, será desenvolvida ao longo das aulas levando em conta os quatro tipos de conteúdo (factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais), sendo formativa, ou seja, haverá um acompanhamento do desenvolvimento do aluno no decorrer das aulas, já que concordando com Perrenoud, que contrapõe a avaliação somativa à avaliação formativa:

A prova cumulativa e o exame dão ao aluno uma chance – real ou imaginária – de enganar: preparação intensiva de última hora, a cola, auxílio mendigado, sedução desarmadora, ausências calculadas, permitindo-lhe influenciar o julgamento do professor. (...). A avaliação formativa, contínua e intensiva, não oferece proteção alguma aos alunos para quem a preguiça ou a indiferença do professor são as únicas chances. (PERRENOUD, 1999, p. 133)

Dessa forma, se faz necessário não apenas um tipo de avaliação, pautada em perguntas estagnadas e com respostas prontas, em que o aluno memoriza e já esquece. O professor deve diversificar ao máximo suas atividades pedagógicas, abrangendo os quatro conteúdos já citados, logo, possuindo várias formas de analisar o desempenho do estudante.

A avaliação formativa também está presente na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Na primeira seção intitulada “Das disposições Gerais”, encontramos o seguinte trecho no tópico V: “a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;” (LDB, 1996, p. 6). Reconhecendo, assim, que o sistema de avaliação contínuo e qualitativo é o instrumento que concede ao educador a possibilidade de encarar o aluno como um ser singular, já que não prevê respostas prontas, nossas aulas irão abranger este tipo de avaliação, através de uma ficha de desempenho, que será preenchida no decorrer das aulas de acordo com a observação da participação dos alunos.

Também optamos por ter um espaço para a avaliação somativa, voltada para os aspectos quantitativos de um produto final, a saber, a produção de um conto de terror. Esta se encontra entrelaçada com a avaliação formativa, já que para a elaboração da produção final é necessário que o aluno participe dos momentos propostos pelas educadoras. No conto, que foi elaborado individualmente, serão analisados os aspectos: adequação ao gênero conto, aspectos linguísticos, criatividade, coesão e coerência. Os alunos terão tempo em sala de aula para realizar a tarefa, sendo que haverá espaço, também em sala, para a reescrita do texto.

Ainda sobre o debruçar-se nas produções escritas, levamos em consideração os questionamentos levantados por Irlandé Antunes (2006) que em *Avaliação da produção textual no ensino médio* analisa a avaliação da produção textual na escola, afirmando que a escrita é vista como uma atividade pontual e estática, um ato mecânico que tem um tempo definido para acontecer. Muitas vezes se esquece que, ao produzir um texto, o aluno já o preparou há muito tempo, durante suas leituras, suas aprendizagens, suas outras escritas. É por isso que um bom texto não se faz por meio de dicas, mas de informação, de conhecimento do objeto sobre o qual se vai escrever, de conhecimentos linguísticos e textuais. A avaliação de um texto, portanto, não se faz através de um resultado final, mas sim de um processo que ocorreu ao longo da escrita.

Outro ponto que Antunes coloca é que na avaliação do professor, normalmente, se apontam os erros cometidos (em sua maioria os que se situam na superfície do texto), mas sem apresentar outras formas de dizer o mesmo, ou apenas apontando o bloco onde o problema se encontra, cabendo ao aluno identificá-lo e resolvê-lo. Mesmo quando comentários são feitos, estes são vagos e imprecisos, dificultando um aprimoramento por parte do aluno.

A autora sugere que a prática de avaliação de textos se torne um momento de reflexão e de análise, em que apontamentos sobre inadequações no texto sejam feitos, mas com indicações de alternativas, sem o foco no erro. A evidência passa a ser, ao invés de na correção, na análise da língua e nas suas múltiplas possibilidades. O momento se torna uma outra oportunidade de aprendizado, em que a preocupação não está no que está incorreto, mas sim no melhor modo de dizer algo.

Dessa forma, Antunes reflete sobre o que deve ser avaliado em uma produção textual. Escrever bem não significa somente não cometer erros gramaticais, mas fazer um texto de acordo com cada situação interativa. De acordo com a autora, para se fazer um texto são necessários conhecimentos de:

- a) elementos linguísticos,
- b) elementos de textualização,
- c) elementos da situação em que o texto ocorre (ou 'o estatuto pragmático do texto'), como as finalidades pretendidas, os interlocutores previstos, o espaço cultural e o suporte em que o texto vai circular, o gênero em que vai ser formulado, entre outros. (ANTUNES, 2006, p. 171)

Os elementos linguísticos incluem o léxico e a gramática, ou seja, o conjunto de palavras de uma língua e as normas que regulam a combinação dessas palavras em segmentos maiores, de modo que sentidos e intenções possam ser expressos. Os elementos de textualização incluem as propriedades do texto (coesão, coerência, informatividade, intertextualidade), e os procedimentos de construção de sequências no texto. Os últimos elementos, de ordem pragmática, abrangem as intenções pretendidas, o gênero textual, o domínio discursivo, o conhecimento prévio, o interlocutor previsto, as condições materiais e a ancoragem do texto.

A avaliação, portanto, segundo Antunes, não deve ser feita só com o material linguístico que aparece na superfície, mas sim de forma multidimensional, bem mais ampla e complexa. Esta avaliação deve ser sempre recriada, mobilizando estratégias, recursos e instrumentos diversos.

Por último, é fundamental pensarmos a avaliação como um instrumento para o próprio trabalho docente que deve ter objetivos ou finalidades bem estabelecidas que sirvam como orientação concreta da avaliação. Isso não é tarefa fácil, pois “exige uma atitude observadora e indagadora por parte dos professores, que os impulsionem a analisar o que acontece e a tomar decisões para reorientar a situação, quanto for necessário.” (ZABALA,

1998, p. 220). A avaliação, da forma como a concebemos, deve ser um termômetro para a própria atividade educativa.

1.2.8. Planos de aula

Plano de aula (1ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zaparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 07/10/2014 (terça-feira)

Horário: 11h-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver a experiência de leitura, interpretação textual e escrita através da participação ativa em todas as atividades propostas.

Objetivos Específicos

Ler e interpretar o texto *A coisa* de Ruth Rocha;

Elaborar uma produção textual, desenvolvendo a escrita, a criatividade e o uso da classe gramatical adjetivos.

Conhecimentos abordados

Leitura, interpretação textual e escrita.

Metodologia

Primeiramente será feita a apresentação das educadoras e uma conversa sobre o projeto que será realizado para a turma. Também, nesse momento, a professora irá explicar sobre o sistema de avaliação. Em seguida, será realizada a leitura da parte inicial do texto *A Coisa* de Ruth Rocha pela professora enquanto os alunos acompanham nas cópias entregues a eles. Nesse momento, será mostrada uma caixa fechada, onde estaria o objeto que provoca medo nos personagens ficcionais.

Após a leitura e observação da caixa, os alunos deverão produzir uma descrição do que seria “a coisa”, imaginada por eles, em uma folha almaço entregue pela educadora. A descrição deverá ter algumas características (adjetivos) do objeto. Essa produção deverá ser entregue para a professora. Por fim, a docente mostrará *a coisa* presente na história, a saber, um espelho, dentro da caixa, que será passada para que cada aluno veja. Em seguida, a docente lerá o desfecho da história, que está na segunda parte da história.

Recursos

Caixa com um espelho dentro, 35 cópias do texto *A coisa* de Ruth Rocha, 33 folhas almaço.

Avaliação

Será avaliada a participação nas atividades propostas pelo professor e a elaboração de uma produção escrita com a descrição da *coisa*, presente no texto.

Referências

ROCHA, Ruth; ONO, Walter. *A coisa*. In: *As aventuras do Alvinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

Anexos

A coisa — Ruth Rocha

(*Primeira Parte*)

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, por que as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

— Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

— A Coisa! — ele gritava. — A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

— A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

— Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

— Mas o meu existe! — disse Alvinho.

— Tá bem, tá bem, eu vou — disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há...

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

(Segunda Parte)

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol desprendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

Plano de aula (2ª e 3ª aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zaparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 08/10/2014 (quarta-feira)

Horário: 10h15-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver a leitura, a interpretação de texto e a participação nas discussões propostas pela educadora.

Objetivos Específicos

Ler os contos de terror *O gato preto* de Edgar Allan Poe e *O gato e o diabo* de James Joyce, ampliando o seu conhecimento sobre o tema do projeto (contos de terror);

Interpretar a leitura realizada, através da discussão relacionada às questões que serão propostas pela professora;

Conhecer um pouco sobre a história dos escritores James Joyce e Edgar Allan Poe.

Conhecimentos abordados

Leitura e interpretação de textos.

Metodologia

A aula terá início com a educadora fazendo a motivação da aula, em que contará um pouco da biografia de James Joyce e fará a leitura de seu conto *O gato e o diabo*, na qual cada aluno deverá ler uma parte do texto (a educadora trará uma caixa com os nomes dos alunos, o nome sorteado será o próximo a ler). A leitura será projetada no quadro através de *datashow*. Em seguida, através de algumas perguntas, a docente conduzirá a discussão sobre o conto: será que gato preto dá azar?, o prefeito agiu de forma correta ao fazer um acordo com o diabo?, o prefeito teve uma boa ideia?, quais outras estratégias poderiam ser usadas para enganar o diabo?, entre outras.

Após a discussão, a educadora irá ler o conto *O gato preto* de Edgar Allan Poe, enquanto os alunos irão acompanhando nas cópias fornecidas. Em seguida, será exposto pela educadora um pouco sobre a vida do escritor Edgar Allan Poe.

Recursos

35 cópias dos textos *O gato e o diabo* de James Joyce e *O gato preto* de Edgar Allan Poe, arquivo digitalizado do primeiro conto citado, *datashow* e caixa com os nomes dos alunos para sorteio.

Avaliação

Será avaliada a participação nas atividades propostas pelo professor, lendo e discutindo sobre os contos trabalhados em sala de aula.

Referências

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: AGUIAR, Luiz Antonio (ORG.) et al. *Era uma vez à meia-noite*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

JOYCE, James. *O gato e o diabo*. Trad. Lygia Bojunga. Ilustr. de Lelis. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

Anexos

O GATO E O DIABO

James Joyce

Villers-sur-Mer, 10 de agosto de 1936

Querido Stevie,

Dias atrás mandei para você um gatinho de brinquedo recheado de bombons, mas talvez você não tenha ouvido falar do gato de Beaugency.

Beaugency é uma cidade antiga, deste tamanho, que fica às margens do Loire, o rio mais longo da França. O Loire é, também, muito largo, pelo menos comparado com os outros rios de lá. Quando passa por Beaugency o rio é tão largo que, se você quiser atravessar de uma margem à outra, teria que dar, no mínimo, mil passos.

No passado, quando os habitantes de Beaugency queriam atravessar o rio, eles eram obrigados a ir de barco, por que... ponte? Nem pensar! Eles não tinham dinheiro para construir ponte alguma e, muito menos, pagar gente que construísse uma para eles. Então, fazer o quê?

O Diabo, que está sempre lendo tudo que é jornal, ficou sabendo deste triste fato. Então, se vestiu muito bem vestido e foi fazer uma visitinha ao Senhor Prefeito de Beaugency, que se chamava Monsieur Alfred Byrne.

O Senhor Prefeito, que também adorava se vestir bem, recebeu o Diabo usando um magnífico manto vermelho e uma impressionante corrente de ouro, que trazia sempre pendurada no pescoço. Não se separava da corrente nem enquanto dormia, encolhido, com os joelhos quase na boca.

O Diabo contou para o Senhor Prefeito o que tinha lido nos jornais e disse que estava disposto a construir uma ponte em Beaugency para que o povo todo pudesse atravessar o rio quantas vezes quisesse.

Disse que podia construir uma ponte tão boa quanto a melhor que existia no mundo, e mais: podia construí-la numa única noite! O Prefeito perguntou ao Diabo quanto é que custaria aquela *maravilha*.

“Dinheiro nenhum”, respondeu o Diabo. “Faço de graça. Só quero uma coisa: o primeiro que atravessar a ponte vai me pertencer.”

“Combinado”, disse o Prefeito.

A noite chegou e todo o povo de Beaugency foi dormir.

Quando amanheceu, cada um que abria a janela dava com uma bela ponte de pedra, muito bem construída, atravessando o rio todinho. E todos gritavam, fascinados: “Ah, Loire, que ponte linda que a gente ganhou!”.

Todo mundo correu pra cabeceira da ponte para apreciar melhor a grande obra. Enquanto o Diabo, de pé, na margem oposta do rio, ensaiava um passo de dança, esperando o primeiro a atravessar. Mas ninguém se atrevia a dar um passo, por medo do Diabo.

De repente, ouviu-se o som das trombetas – sinal para que o povo silenciasse –, e o Prefeito, Monsieur Alfred Byrne, surgiu envolto no seu magnífico manto vermelho, ostentando a pesada corrente de ouro em volta do pescoço. Carregava um balde cheio d’água e, com a outra mão, amparava um gato espremido debaixo do braço.

O Diabo parou de dançar quando viu o Prefeito aparecer na outra margem do rio. Pegou a luneta para enxergar melhor. O povo todo começou a cochichar. O gato levantou o olhar para o Senhor Prefeito e assim ficou, uma vez que, na cidade de Beaugency, era permitido gato grudar o olho em prefeito.

Quando o gato se cansou de olhar para o Prefeito (até os gatos se cansam de olhar para prefeitos), começou a brincar com a tal corrente de ouro dele.

O Senhor Prefeito parou na cabeceira da ponte. Cada homem travou a respiração; cada mulher prendeu a língua. O Prefeito depositou o gato na ponte e, com a rapidez de um raio, tchaaaaaa!, despejou o balde inteiro em cima do gato.

O gato, agora entre o Diabo e o balde d’água, nem pestanejou! Orelha apontada pra trás, varou a ponte numa corrida desabalada e se jogou nos braços do Diabo.

O Diabo ficou danado feito só mesmo um diabo fica. “*Messieurs le Balgentiens*”, ele berrou lá do outro lado da ponte, “*vous n’êtes pás de belles gens du tout! Vous n’êtes que des chats!*” E chamou o gato: “*Viens ici, mon petit chat ! Tu as peur, mon petit chou-chat ? Tu as froid, mon pau petit chou-chat ? Viens ici, le diable t’emporte ? On va se chauffer tous le deux*”².

² Para quem não entende muito bem francês macarrônico, o Diabo falou mais ou menos assim: “Povo de Beaugency, vocês não são gente boa! Vocês não passam de gatos de telhado: vira-latas!”. Depois, disse ao gato: “Vem cá, meu gatinho, vem. Tá com medo, não é, meu fofo? Não fique assim, não, o Diabo vai tomar conta de você, viu? Tá com frio? A gente se aquece um no outro, pobre gatinho, vem”.

E lá se foram os dois.

Desde aquele dia, os habitantes da cidadezinha ficaram conhecidos por “*les chats de Beaugency*” (os gatos de Beaugency).

Mas a ponte ainda está lá, e as crianças estão sempre nela: andando, bicicletando, brincando.

Espero que você tenha gostado dessa história.

Nonno.

P.S.: O Diabo, em geral, fala uma língua que ele mesmo vai inventado mundo afora, chamada bellysbabble; mas ele fala, também, um monte de outras línguas. Só que, quando fica zangado, ele fala um francês macarrônico muito bom, apesar de quem já o ter ouvido falar assim dizer que ele tem um forte sotaque dublinense.

O GATO PRETO

EDGAR ALLAN POE

TRADUÇÃO DE LUIZ ANTONIO AGUIAR

NÃO ESPERO nem solicito que qualquer pessoa acredite nesta narrativa assustadora, embora também bastante familiar, que inicio aqui. Eu seria louco se tivesse tal expectativa, a um ponto em que meus próprios sentidos rejeitam aquilo que testemunham. E no entanto, louco não sou — e tenho certeza de que não estou sonhando. Mas morrerá amanhã e hoje quero aliviar minha alma. Meu objetivo imediato é apresentar ao mundo, do modo mais direto, sucinto e sem comentários, uma série de incidentes meramente domésticos. O fato é que esses incidentes me aterrorizaram, torturaram e destruíram. Mesmo assim, não tentarei explicá-los. Para mim, nada representam além do horror — e agora bora muitos os considerassem somente estranhos. Quem sabe, depois disso, alguma compreensão possa ser encontrada, que reduza meu fantasma a algo comum e explicável — alguém com uma inteligência mais serena, mais lógica e muitíssimo menos impressionável do que a minha, e que perceberá nestas circunstâncias que descrevo em detalhes, com assombro ainda, uma vulgar sucessão de causas e efeitos naturais.

Desde a minha infância, sempre fui conhecido por minha docilidade e por minha sociabilidade. A ternura do meu coração era tão acentuada que me tornava alvo das piadas de meus amigos. Tinha uma afeição especial por animais, e meus pais sempre me proporcionaram inúmeros e variados mascotes. Com eles, eu passava grande parte do meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando os alimentava ou acariciava. Essa particularidade do meu caráter cresceu comigo e, já em minha idade adulta, extraía daí uma das minhas principais fontes de prazer. Para aqueles que já nutriam carinho por um cão leal e sagaz, mal preciso me dar ao trabalho de explicar a natureza da gratificação que deriva daí. Há algo no amor de um animal, sempre imune ao egoísmo e propenso ao autossacrifício, que toma direto o coração daquele que teve oportunidade frequente de experimentar a frágil amizade e irrisória lealdade do mero homem.

Casei ainda jovem e, para minha felicidade, encontrei uma esposa com temperamento não diferente do meu. Observando minha inclinação por mascotes domésticos, ela não perdia oportunidade para procurar os animais que mais me agradavam. Tinhamos pássaros, peixes dourados, um belo cão, coelhos, um pequeno macaco e um gato.

Este último era um felino notavelmente bonito e grande, inteiramente preto e espantosamente esperto. Ao comentar sua inteligência, minha esposa, que não era, nem mesmo no seu íntimo, supersticiosa, aludia com frequência à crença popular de que todos os gatos eram bruxas disfarçadas. Não que jamais falasse nisso a sério — e a única razão de mencionar esse assunto é porque acabou de retornar à lembrança.

Plutão — era esse o nome do gato — era meu mascote e meu companheiro de brincadeiras favorito. Era sempre eu quem o alimentava, e ele me acompanhava pela casa inteira.

Eu tinha até mesmo dificuldade em evitar que ele me seguisse pelas ruas.

Assim foi nossa amizade por anos, nos quais meu temperamento habitual e meu caráter — por conta da influência de uma diabólica intemperança — sofreram (enrubesço ao confessá-lo) uma mudança radical para pior. Dia a dia, eu me tornava mais e mais taciturno, mais irascível, cada vez menos atencioso quanto aos sentimentos dos demais. Cheguei mesmo a falar de modo grosseiro com minha mulher. A certa altura, já a tratava com violência física. Meus mascotes, é claro, também foram vítimas das mudanças em meu espírito e jeito de ser. Não apenas passei a negligenciá-los, como até mesmo os maltratava. Em relação a Plutão, no entanto, ainda conseguia me conter o suficiente para não judiar dele, embora não tivesse escrúpulos em fazê-lo com os coelhos, o macaco e até mesmo o cachorro, sempre que, ou por acidente, ou por causa do afeto que me tinham, cruzavam meu caminho. Entretanto, essa doença cresceu dentro de mim — e o que mais, se não doença, é o álcool? — e, mais à frente, até mesmo Plutão, que já envelhecia e por isso se tornava um tanto cheio de manias — até mesmo Plutão omeçou a sofrer as consequências dos meus maus humores.

Certo dia, voltando para casa absolutamente embriagado de uma das tavernas sombrias que frequentava pela cidade, achei que o gato estava evitando minha presença. Agarrei-o, então, e ele, aterrorizado com minha violência, me feriu levemente, com uma dentada na mão. A fúria de um demônio imediatamente se apossou de mim. Eu já não me reconhecia. Minha alma original parecia ter abandonado de vez o meu corpo, e uma maldade diabólica, alimentada pelo gim, fazia vibrarem todas as fibras do meu ser. Saquei do bolso do colete um canivete, abri-o, apertei a garganta

do pobre bichano com uma das mãos e, deliberadamente, cortei um dos seus olhos para fora da órbita! Enrubesço, arde meu rosto, estremeço, ao me lembrar dessa atrocidade indesculpável.

Quando pela manhã a razão retornou a mim — já tendo se dispersado durante o sono os vapores da noite de dissipação —, experimentei sentimentos que combinavam horror e remorso pelo crime que cometera; mas, mesmo considerado com a melhor boa vontade, era nada mais do que um débil e equivocado sentimento, e a alma, esta permanecia intocada. Logo voltei a cometer excessos e afogava em vinho a lembrança do meu ato.

Nesse meio-tempo, o gato lentamente se recuperava. A órbita do olho decepado, é verdade, tinha uma aparência assustadora, mas pelo menos ele não demonstrava sentir mais dor alguma. Perambulava pela casa, como de hábito, mas, como era de se esperar, fugia apavorado sempre que eu me aproximava. Eu mantinha tanto dos meus antigos sentimentos que, no início, me magoava com essa evidente rejeição da parte da criatura que antes me amara tanto. Mas logo esse sentimento deu lugar à irritação. E logo me veio, como minha derradeira e irrevogável degradação, o espírito da *perversidade*. Desse espírito, não há filosofia que se ocupe. No entanto, tenho tanta certeza da existência da minha alma quanto de que essa perversidade é um dos mais primitivos impulsos do coração humano — uma das faculdades, ou sentimentos, inerentes e primários, que moldam o caráter do homem. Quem nunca se viu uma centena de vezes cometendo algum ato vil ou idiota, justamente pela razão de saber que *não* deveria cometê-lo? Por acaso, não temos uma perpétua propensão a, desprezando todo o nosso bom-senso, violar a *Lei*, meramente porque entendemos que temos

de desafiá-la? Digo que esse espírito da perversidade foi o que me levou à queda final. Foi essa compulsão insondável da alma de *envergonhar a si mesma* — de violentar sua própria natureza — de praticar o mal somente pelo Mal — que me impeliu a ir adiante e finalmente consumir as torturas que havia infligido ao inofensivo animal.

Certa manhã, a sangue-frio, passei um laço em seu pescoço e enforquei-o num galho de árvore; e enforquei-o com lágrimas escorrendo-me dos olhos, já com o mais amargo remorso correndo meu coração — eu o matei *porque* sabia que ele me havia amado e porque sentia que ele não tinha me dado nenhuma razão para feri-lo. Eu o matei porque sabia que, assim procedendo, estava cometendo um pecado, um pecado mortal que portanto ameaçaria de condenação eterna minha alma, excluindo-a — se assim fosse possível ainda — da misericórdia infinita do mais clemente e mais terrível Deus.

Na noite do dia em que pratiquei aquele crudelíssimo ato, fui despertado no meio da madrugada por gritos de *Fogo!* As cortinas de minha cama estavam em chamas. A casa inteira estava ardendo. Foi com grande dificuldade que minha esposa, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi total. Toda a riqueza que eu possuía no mundo foi extinta e eu me entreguei ao desespero.

Não me submeto à fraqueza de buscar uma relação de causa e efeito entre meu desastre e a atrocidade que cometi. Estou meramente traçando uma linha de eventos — e espero não estar fazendo nenhuma ligação imperfeita entre os fatos. Um dia depois do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com somente uma exceção, haviam desabado. Essa exceção era uma parede interna, não muito grossa, localizada mais ou menos no centro da casa, e contra a qual estava encosta-

da a cabeceira da minha cama. No local, o gesso da cobertura da parede havia, em sua maior parte, resistido à ação do fogo — algo que atribuí ao fato de ter sido assentado recentemente. Ali junto, reunia-se uma grande multidão, e muitas das pessoas examinavam um trecho dela em particular, com apurada e ansiosa atenção. As palavras *estranho, singular* e outras expressões similares excitaram minha curiosidade. Assim, me aproximei e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gigantesco gato. A imagem fora fixada com maravilhosa nitidez. Havia uma corda em torno do pescoço do gato.

Na primeira vez que contemplei essa aparição — isso porque não havia como eu compreendê-la de outro modo —, meu assombro e meu terror foram extremos. Mas, um tanto depois, o raciocínio veio em minha ajuda. O gato, assim recordava eu, fora enforcado em um jardim adjacente à casa. Quando fora dado o alarme sobre o incêndio, o jardim havia sido imediatamente tomado pela multidão — alguém devia ter cortado a corda que prendia o animal à árvore e o atirara, por uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Provavelmente, isso havia sido feito com o propósito de me despertar. O desabamento das outras paredes havia comprimido a vítima da minha crueldade contra a substância do gesso, ainda fresco, cuja cal, juntamente com as chamas, e mais a amônia desprendida pela carcaça, haviam modelado a figura que eu via.

Embora esses pensamentos tenham aplacado minha razão, se não também minha consciência, a respeito da surpreendente visão que descrevi, nem por isso esta deixou de causar profundo impacto na minha imaginação. Por meses, à frente, não consegui me ver livre do fantasma do gato e, durante esse período, sempre retornava ao meu espírito algo

como um sentimento que parecia, mas não era, remorso. Cheguei mesmo a sentir a falta do animal e a procurar nos pardiéiros que agora frequentava por um outro mascote da mesma espécie e de algum modo de aparência semelhante para tomar o seu lugar.

Certa noite, estava eu já entorpecido num desses antros infames quando minha atenção foi de súbito atraída para uma coisa negra que repousava em cima de um imenso barril de gim, ou de rum, que constituía a principal peça de mobília da sala. Eu estivera olhando fixamente para o topo do barril havia alguns minutos, e o que me causava surpresa agora era o fato de não haver até então percebido nada ali em cima. Aproximei-me, toquei-o, e era um gato preto — um gato enorme — tão grande quanto Plutão, e muito parecido com ele em todos os aspectos, menos numa coisa: Plutão não tinha pelos brancos em nenhuma parte do seu corpo, enquanto que este gato tinha uma grande, embora indefinida, mancha branca cobrindo quase toda a região do seu peito.

Quando o toquei, o animal imediatamente ergueu-se, rronronou alto e esfregou-se contra a minha mão, parecendo estar adorando minha atenção. Essa era, portanto, exatamente a criatura que eu vinha procurando. Imediatamente propus ao dono comprá-lo, mas o homem disse que o animal não lhe pertencia, que não sabia coisa alguma sobre ele, e que inclusive jamais o havia visto por ali.

Continuei a acariciá-lo e, quando me preparava para ir embora, o animal demonstrou querer me acompanhar. Permiti que o fizesse, parando vez por outra e lhe dando carinhosas palmadinhas, enquanto seguia caminho. Quando chegou em casa, imediatamente se pôs à vontade, e logo se tornaria o predileto de minha mulher.

Da minha parte, em breve comecei a sentir crescer em meu íntimo certa antipatia em relação ao bichano. Acontecera exatamente o contrário do que eu havia esperado. Entretanto — não sei como nem por quê — seu evidente carinho por mim mais me aborrecia e mesmo me irritava. Aos poucos, esses sentimentos de aborrecimento e irritação evoluíram para o mais amargo ódio. Eu evitava o animal; uma certa vergonha e a lembrança do meu ato anterior de crueldade me impediam de maltratá-lo fisicamente. Por algumas semanas, impedi-me de bater nele e de cometer contra ele qualquer violência; mas gradualmente — muito gradualmente — passei a olhá-lo com rancor insupportável e a fugir em silêncio de sua odiosa presença, como se o animal fosse o próprio hálito da peste.

O que sem dúvida aumentou o ódio que tinha ao animal foi a descoberta, na primeira manhã depois que o trouxe para casa, de que, assim como Plutão, também ele havia sido privado de um dos olhos. Essa circunstância, no entanto, somente o tornou mais querido à minha mulher, que, como eu já disse, possuía, em grande intensidade, aquela humanidade de sentimentos que, no passado, fora um dos traços marcantes do meu caráter e a fonte de vários de meus mais simples e puros prazeres.

Em contrapartida à minha aversão, entretanto, a predileção desse gato por mim parecia aumentar. O bichano seguia meus passos com uma pertinácia que será difícil fazer o leitor compreender. Sempre que me sentava, lá vinha ele entrosçar-se por baixo da minha cadeira, ou espreguiçar-se sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas repugnantes carícias. Se eu me levantava para caminhar, metia-se por entre meus pés e quase me fazia tropeçar, ou, cravando suas longas e afiadas garras em minhas roupas, escalava, desse

modo, até meu peito. Em tais ocasiões, embora tivesse fortes impulsos de exterminá-lo, ainda me continha de fazê-lo, em parte devido à lembrança do meu crime anterior; mas, principalmente — deixe-me confessá-lo —, por absoluto *terror* em relação ao animal.

Tal medo não se referia exatamente a algum mal físico — e no entanto, me veria perplexo, sem condições de defini-lo. Quase tenho vergonha de confessar — mesmo nesta cela junto com meu companheiro — que o horror e o *pavor* que o gato me inspirava eram ampliados por uma das mais simplórias quimeras que seria possível conceber. Minha mulher havia chamado a minha atenção: mais de uma vez para a natureza da mancha de pelos brancos que já mencionei e que constituía a única diferença visível entre o estranho animal e aquele que eu destruíra. O leitor lembrará que essa mancha, embora grande, fora originalmente bastante indefinida; mas, aos poucos, de uma maneira quase imperceptível, e que por um longo tempo minha razão rejeitou, classificando-a de mera imaginação, acabou por assumir a forma precisamente definida de uma silhueta. Era agora a representação de um objeto que eu estremeco somente em nomear — e por isso, acima de quaisquer outros motivos, eu odiava e temia o monstro, e me teria livrado dele, *se me atrevesse a tanto*. Era agora, juro, uma imagem horrenda, apavorante, a imagem de uma *forca*. Ah, lúgubre e terrível máquina de horror, crime, agonia e morte.

E então, estava eu agora de fato amaldiçoado muito além das maldições da mera humanidade. E um animal, uma *besta* sem raciocínio, cujo companheiro eu eliminara desdenhosamente, uma besta sem raciocínio era o agente da minha — eu, um homem feito à imagem e semelhança do Altíssimo Deus — intolerável angústia. Pobre de mim! Nem durante o

dia, nem durante a noite, conhecia eu a bênção do repouso. De dia, a criatura não me deixava um instante sequer sozinho; e, à noite, eu despertava de hora em hora de sonhos de insupportável terror, dando então com o hálito daquela *coisa* em meu rosto, e seu grande peso — um pesadelo corporificado que eu não tinha forças para afugentar — sobre meu coração!

Sob a pressão de tais tormentos, o débil resquício de bondade que ainda existia dentro de mim sucumbiu. Minha única companhia eram pensamentos cruéis. A animosidade de meu temperamento usual evoluiu para o ódio contra todas as coisas e a espécie humana. Minha mulher tornou-se a vítima — que vergonhal — mais usual de minhas súbitas, frequentes e incontrolláveis explosões de fúria, às quais eu me abandonava cegamente. Ela tudo sofria, resignada e sem uma única queixa.

Certa feita, ela me acompanhou em alguma tarefa doméstica até a adega de nossa antiga casa, que nossa pobreza atual nos obrigava a manter como moradia. O gato descia os degraus, seguindo-me, e em dado momento quase me fez cair, o que me levou à loucura. Erguendo um machado e esquecendo, em minha fúria, o medo infantil que até então havia contido minha mão, desfechei um golpe no animal que, sem dúvida, seria mortal se houvesse saído como eu queria. Mas o golpe foi detido pela mão de minha esposa. Possuído, por conta dessa interferência, por uma raiva demoniaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado em seu cérebro. Ela caiu, instantaneamente morta, sem sequer um gemido.

Tendo executado o horrendo crime, sem hesitar e com determinação, comeci a providenciar a ocultação do corpo. Sabia que não poderia removê-lo da casa, fosse dia ou

noite, sem o risco de ser visto pelos vizinhos. Muitas ideias atravessaram minha mente. Num dado momento, pensei em cortar o cadáver em pequenos pedaços e destruí-los no fogo. Em outro, resolvi cavar uma sepultura para ela no chão da adega. Mais à frente, pensei em jogá-la no poço do quintal e em encaixotá-la, como se fosse uma mercadoria, com os cuidados de praxe, para desse modo chamar um carregador para tirá-la da casa. Finalmente, tive a ideia que achei de longe a melhor de todas, decidindo-me por emparedará-la na adega, como, segundo se conta, os monges na Idade Média faziam com suas vítimas.

A adega servia esplendidamente para tal propósito. Lá, as paredes eram pouco resistentes, e recentemente haviam sido recobertas por um gesso de má qualidade, que a umidade do ambiente havia impedido de secar. Além disso, em uma das paredes havia uma saliência, provocada por uma falsa chaminé, ou uma lareira que fora tapada para ficar igual ao resto da adega. Não tive dúvidas de que seria capaz de retirar os tijolos, naquele pedaço, enfiar ali o corpo e refazer toda a parede, como estava antes, de modo que os olhos não fossem capazes de detectar coisa alguma suspeita.

Não me enganei quanto a isso. Com um pé de cabra, facilmente retirei os tijolos e, depois de ter cuidadosamente posicionado o corpo contra a parede interna, mantive-o, com alguma dificuldade, naquela posição, enquanto refazia a parede para deixá-la como era antes. Tendo arrumado argamassa, areia e fibras, preparei o revestimento de gesso com todo o cuidado para que em nada se distinguisse do velho, e assim, cheio de precauções, iniciei o trabalho de reposição dos tijolos. Ao terminar, constatei com satisfação que tudo ficara perfeito. A parede não mostrava o menor sinal de que havia sido mexida. O entulho e a poeira no chão foram re-

movidos com extremo cuidado. Olhei em volta, triunfante, e disse a mim mesmo:

— Pelo menos desta vez, meu esforço não foi em vão.

Meu próximo passo foi procurar o felino que havia sido a causa da tragédia. Eu já havia enfim me resolvido firmemente a matá-lo. Se tivesse conseguido encontrá-lo, na ocasião, não haveria dúvidas de que seria o seu fim, mas parecia que o astuto animal ficara de sobreaviso devido à violência desencadeada havia pouco por minha ira, e evitava se deixar à vista enquanto durasse aquele meu estado de espírito. É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação de alívio que a ausência da detestada criatura propiciou ao meu peito. O animal não reapareceu durante a noite — e assim, ao menos por uma noite desde a chegada dele, dormi profunda e tranquilamente: ah, sim, eu dormi, mesmo com o fardo do assassinato na alma!

O segundo e o terceiro dias passaram e meu algoz não apareceu. Eu já respirava de novo como um homem livre. O monstro, aterrorizado, havia fugido da minha casa para sempre. Nunca mais teria de vê-lo. Minha felicidade era suprema. A culpa pelo meu ato hediondo pouco me perturbava. Algumas perguntas eram feitas, mas prontamente respondidas. Até mesmo uma busca foi empreendida, mas, naturalmente, nada foi encontrado. Já dava minha futura fidelidade como garantida.

No quarto dia depois do assassinato, chegou um grupo de policiais, de modo totalmente inesperado, que fez uma rigorosa busca em toda a casa. Convencido, no entanto, da impossibilidade de encontrarem o meu esconderijo, não me senti sequer alarmado. Os policiais me obrigaram a acompanhá-los durante a busca. Não deixaram de examinar nenhum canto nem compartimento. Finalmente, pela terceira

ou quarta vez, desceram comigo para a adega, sem que um músculo meu sequer estremecesse. Meu coração batia sem sobressaltos, como alguém embalado na própria inocência. Atravesssei a adega de um lado a outro. Cruzei os braços sobre o peito e por todo o tempo andava, lentamente, para lá e para cá. Os policiais estavam totalmente satisfeitos e já se preparavam para sair. A alegria em meu coração era forte demais para ser contida. Queimava-me por dentro o desejo de dizer uma palavra, ao menos, comemorando meu triunfo, e para convencê-los de uma vez e por completo de que não poderiam me culpar por nada.

— Meus senhores — disse eu afinal, enquanto subiam as escadas —, fico encantado por ter desfeito suas suspeitas. Desejo a todos boa saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, senhores, esta... bem, esta casa é muito bem construída... — No meu incontinentemente impulso de dizer qualquer coisa, mal sabia o que estava falando. — Posso até mesmo dizer que a construção é excelente. Essas paredes... Estão de partida, senhores...? Estas paredes foram levantadas com solidez.

E aí, tomado pelo prazer inelutável de me gabar, usando uma bengala que carregava, golpeei com força a parede, justamente naquele ponto onde estava o cadáver da minha amada esposa.

Mas queira Deus me proteger e me afastar das garras do arqui-inimigo! Assim que a reverberação da minha pancada foi engolida pelo silêncio, logo tive em resposta a voz vinda do túmulo. E era um gemido, a princípio abafado e entrecortado, como se fosse um soluço de criança, e logo a seguir crescendo para um longo, alto e contínuo, totalmente sobrenatural, inumano — um uivo! — guincho de horror e triunfo, que somente poderia ter saído do inferno,

produzido pela garganta dos condenados em agonia e dos demônios, na exultação por terem conseguido arrebatá-los.

Seria loucura tentar explicar o que passou pela minha mente. Já perdendo os sentidos, recuei até a parede oposta. Por um instante, os policiais, nas escadas, permaneceram imóveis, dominados pelo extremo terror e assombro. Mas, imediatamente a seguir, uma dúzia de vigorosos braços estava derrubando a parede. O cadáver, já em avançada decomposição e coberto de gosma de sangue, surgiu de pé, diante de nossos olhos. Sobre a cabeça, com a boca vermelha arreganhada e um solitário olho cuspiendo chamas, lá estava a horrenda besta cujo ardil me induziu a cometer o assassinato, e cuja voz delatora me entregara à força. Eu havia enparedado o monstro naquele túmulo.

Plano de aula (4ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino
Data: 10/10/2014 (sexta-feira)
Horário: 7h45-8h30

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Aprofundar a leitura e a atividade de interpretação criando relações entre literatura e outras linguagens.

Objetivos Específicos

Pensar relações entre linguagens diferentes através do tema histórias de terror, ampliando o olhar para a linguagem audiovisual;
Desenvolver o exercício da interpretação textual.

Conhecimentos abordados

Linguagem audiovisual e interpretação.

Metodologia

Primeiramente será assistido na sala de aula, através do *datashow*, o curta-metragem *Vincent*, dirigido por Tim Burton, e em seguida será feita uma discussão oral através das questões: o que você acha da vida imaginada por Vincent?, qual a coisa mais aterrorizante do curta assistido?, quais as relações que podem ser estabelecidas entre o conto *O gato preto* e o curta-metragem *Vincent*?. Após a discussão, a professora irá realizar algumas questões de interpretação (em anexo) relacionadas ao conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe, e o curta-metragem visto, as quais os alunos deverão responder por escrito.

Recursos

Datashow, 35 cópias do exercício a ser realizado.

Avaliação

Será avaliada a participação e integração dos alunos nas atividades propostas pela professora.

Referências

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: AGUIAR, Luiz Antonio (ORG.) et al. *Era uma vez à meia-noite*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

YOUTUBE. *Vincent*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_W_1IEZlj8g> Acessado em 21/09/2014.

Anexos

Exercícios de interpretação

1. Por que o personagem do conto *O gato preto* não gostava do gato Plutão? E por que não gostava do segundo gato?
2. Leia o quadrinho abaixo e responda as questões:



- a) Quais as relações que você encontra entre o quadrinho e o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe?
 - b) O que você acha das superstições? Você acredita em alguma? Quais outras superstições você conhece?
3. No curta-metragem que assistimos, o personagem Vincent gostava de ler o autor Edgar Allan Poe, por causa de sua temática de terror. Quais as relações que você percebeu entre o conto *O gato preto* e o curta-metragem *Vincent*?

Plano de aula (5ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 14/10/2014 (terça-feira)

Horário: 11h-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Ampliar a experiência de leitura do gênero conto de terror e da prática de interpretação.

Objetivos Específicos

Desenvolver o hábito e o gosto pela leitura de contos;

Refletir sobre o gênero conto de terror, sua configuração e especificidades;
Relacionar um conto com outra linguagem artística, no caso um curta-metragem;
Realizar uma atividade de interpretação de texto.

Conhecimentos abordados

Conto de terror, linguagem audiovisual (curta-metragem de animação) e exercícios de interpretação.

Metodologia

Será realizada uma leitura inicial para os alunos, feita pela professora em voz alta, do conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz. Em seguida, uma apresentação biográfica breve sobre a autora do texto, uma conversa com os alunos sobre o tema abordado, além de uma reflexão sobre a própria configuração do gênero conto.

Após isso, exibição do curta-metragem de animação *Alma* e discussão sobre o mesmo e sua relação com o conto lido anteriormente. Entrega de folha de exercícios de interpretação, nos quais há perguntas relacionando o conto com o curta-metragem, que serão respondidas pelos alunos no momento final da aula. Os alunos que não concluírem a atividade, poderão terminar na próxima aula.

Recursos

35 cópias do texto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz, e 35 cópias da folha de exercícios de interpretação, *Datashow*.

Avaliação

Será avaliada a compreensão de leitura, através dos exercícios de interpretação propostos.

Referências

STRAUSZ, Rosa Amanda. *Crianças à venda*. Tratar aqui. In: _____. *Sete ossos e uma maldição*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

YOUTUBE. *Alma*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=irbFBgI0jhM>>. Acessado em: 21/09/2014.



Crianças à venda. Tratar aqui

Todos disseram que Mariálva era louca e desalmada quando ela pôs os filhos à venda. Até o padre tentou demovê-la de ideia tão cruel. Mas nada adiantou. A mulher era obstinada. "Quero que eles tenham um futuro melhor que o meu", ela repetia.

Olhando bem para o lugar, quem poderia condená-la? Um casebre miserável, perdido numa curva do rio, sem eletricidade, sem comida, sem dinheiro, sem remédio, sem nada por perto. Tinha parido nove filhos. Só restavam cinco quando decidiu vendê-los. Não queria mais ver criança morrendo de fome e doença em seus braços sem que pudesse fazer nada para impedir.

O primeiro a partir foi Tião, levado por uma família americana. Um mês depois da viagem, chegou carta com foto do menino, limpo e sorridente, bem vestido e já mais gordinho, no meio de brinquedos e livros novos, e abraçado a seus novos pais. Mariálva enxugou as lágrimas e teve certeza de que fazia a coisa certa.

Em seguida, foram Franchineide, para o Rio de Janeiro, e Ronivon, para Curitiba.

Com o dinheiro da venda dos três, Mariaiva comprou uma cabra, três galinhas, um cobertor para as noites frias, sabão de tomar banho e uma panela nova.

O seguinte seria Fabiojunio, que já estava encomendado por uma família que vivia em Cruz Alta, uma cidade próxima. O casal chegaria dali a dois dias e Mariaiva se esforçava para dar banho no menino e torná-lo mais apresentável.

– Vê se não chora quando eles chegarem, senão eu te mato, viu? E nada de se sujar porque o sabão já está acabando. Tem que ficar limpo até depois de amanhã. Melhor nem se mexer muito, fique quieto dentro de casa.

Fabiojunio olhava os preparativos meio assustado. Mas as fotos dos irmãos cercados de conforto, carinho e comida já o tinham convencido. Tanto Tião quanto Francineide e Ronivon pareciam muito felizes. Assim, quando chegou o casal, despediu-se da mãe e de Simara – a irmã mais velha –, engoliu o choro e entrou no carro de seus novos pais.

– Mãe, a senhora não achou esses dois aí meio esquisitos, não? – perguntou a menina assim que o carro sumiu na estrada.

– Bobagem, menina. Rico é tudo esquisito mesmo.

Mas, no fundo, achou que a filha tinha razão. Não sabia dizer direito o que era – se a expressão meio vazia do casal, o jeito que eles tinham de olhar, meio fixo, sempre para frente, a maneira de se moverem, lenta demais.

Bobagem, repetiu mentalmente. Eram os mais ricos, os que tinham pago mais caro. Olhou para as notas em cima da mesa. Dava para comprar um monte de sabão e botar Simara para lavar roupa para fora.

O problema era justamente a filha, que não parava de tagarelar. Menina inconveniente. Tinha dez anos, só por isso não dava mais para vendê-la. Ninguém queria criança grande assim. Pois que ficasse quieta e ajudasse a fazer o dinheiro render – porque aquele era o último.

Isso era o que Mariaiva pensava. Menos de um mês depois da partida de Fabiojunio chegou uma carta. Trazia uma foto do menino e mais dinheiro ainda. A mulher ficou radiante.

– Eles devem estar mesmo muito encantados com Fabiojunio para mandarem essa dinheirama toda – disse ela arregalando os olhos.

Simara, sempre desconfiada, examinava a fotografia.

– Mãe, olha só...

Mas a mulher arrancou a foto de sua mão.

– Olha só digo eu, Simara! Sempre foi Lindinho, o seu irmão. Mas com essas roupas... Benza Deus! Parece um príncipe.

Na foto, o menino estava de pé, em meio a um imenso jardim sem flores, mas com o gramado muito bem cuidado, ao fundo do qual se via um casarão com a fachada ornamentada. Vestia sapatos pretos de verniz, meias brancas, terno azul-marinho combinando com a bermuda, camisa branca de colarinho e gravata de cetim cinza-claro. O cabelo estava penteado para trás, cheio de goma.

Simara não se convencera. Todos os outros irmãos enviavam fotos em que apareciam cercados de brinquedos, em parques, comendo doces, rindo, abraçados com a nova família. Fabiojunio não. Estava sozinho, de pé, com os braços estendidos ao longo do corpo, no meio daquele jardim imenso. Parecia triste.

Simara insistiu no assunto, mas Mariaiva proibiu a filha de prosseguir.

– Gente chique é assim. Não fica pulando e gritando. Ele está é ficando educado – encerrou a conversa.

• • •

No mês seguinte, a mesma coisa. Mais um envelope entregue pelo correio. Dentro, nem um bilhete. Só mais dinheiro e outra foto.

Agora, Fabiojunio aparecia de pé em um quarto amplo e ricamente mobiliado. Estava diante de uma cama alta, de dossel lalhado em madeira escura, e ao lado de uma escrivaninha cuidadosamente arrumada. Não havia brinquedos à vista. A roupa não era a mesma da foto anterior, mas muito parecida. E a expressão do menino também, embora parecesse ainda mais pálido e tristonho.

— Ele não está feliz — constatou Simara em voz alta, sabendo que a mãe não a ouviria. Estava ocupada demais fazendo planos para o dinheiro que chegara. Já dava até para pensar em comprar um fogão de verdade, com bujão de gás e tudo. E teria comida para fazer todos os dias.

Na verdade, teve muito mais do que isso. Todo mês chegava novo envelope com uma foto e mais dinheiro. Cega pela boa sorte repentina, mal olhava para o filho impresso no papel. Ia direto para o maço de notas, contava-as avidamente, sorria e fazia mais planos.

Apenas Simara estava cada vez mais intrigada. A cada foto que chegava, parecia-lhe mais evidente que havia algo muito estranho ocorrendo ao irmão. Sempre o mesmo tipo de roupa, os ambientes luxuosos — mas antiquados e soturnos —, e a expressão ausente, o olhar mortício, a postura imóvel.

A última foto era ainda mais impressionante. Solitário, sentado à cabeceira de uma mesa imensa, de madeira escura e polida, Fabiojunio não olhava para a baixela de prata à sua frente, nem para a louça filetada de ouro, nem para os talheres de cabo de madrepérola. Seu olhar tampouco se dirigia para o fotógrafo. Parecia fixar-se num ponto impossível, distante, muito além da realidade.

Intrigada com aquilo, Simara foi até a casa do padre e pediu-lhe emprestada sua lente de aumento. Já tinha visto o objeto algumas vezes depois das aulas de catecismo. Parecia mágico, com seu poder de ampliar pequenos detalhes. Quando era menor, adorava pegar a lente e observar a ponta de seu polegar, descobrindo as finas linhas que desenhavam redemoinhos em seus dedos.

Mas, agora, não havia tempo para brincar. Botou a foto sob o vidro da lente e examinou-a detidamente. Nem precisou procurar muito. Bastou-lhe focalizar os olhos do irmão para encontrar a explicação de sua expressão vazia: estavam furados. No lugar das córneas, havia apenas dois buracos negros, redondos e perfeitos.

Com um grito apavorado, Simara chamou o padre. O homem fez o sinal da cruz e prontificou-se a acompanhar a menina até a residência do casal que tinha levado Fabiojunio embora. Foi só o tempo de pegar uma pesada cruz de prata, um vidro de água benta e o dinheiro da passagem de ônibus. Com o envelope nas mãos, a menina o seguiu até a rodoviária.

Cruz Alta ficava a apenas sessenta quilômetros de distância. Duas horas de viagem na condução velha e malcuidada. Simara sacolejava pela estrada, impaciente. O padre, no entanto, ignorava a ansiedade da menina e traçava cuidadosamente seu roteiro. Iriam primeiro à igreja local buscar informações sobre a família. Se possível, levariam o pároco junto com eles até a casa. As fotos diziam claramente que se tratava de um caso de bruxaria e não queria enfrentar uma novidade daquelas sozinho.

Chamava-se padre André, era jovem e destemido. Mas também inexperiente e humilde o suficiente para admitir que

não tinha a menor ideia do que fazer quando encontrasse o estranho casal.

Não custaram a encontrar a igreja nem a conseguir falar com o padre Leal, um velhinho simpático, que cuidava da paróquia havia mais de trinta anos.

– Estamos com sorte – confidenciou o padre André a Simara. – Há tanto tempo aqui, ele deve conhecer a família.

O padre Leal, no entanto, ficou perplexo ao ver o endereço que Simara lhe mostrava.

– Deve haver algum engano, meus filhos. Esse endereço não existe.

Com um pressentimento ruim, Simara insistiu:

– É muito importante, padre. Por favor, nos ajude a encontrar essa família.

– Mas estou lhe dizendo, filha. Conheço o lugar, não existe casa nenhuma nesse endereço. Essa rua não passa de uma velha estrada abandonada. Nem carroça passa mais por lá.

Até então, o padre André só observava a conversa. Mas decidiu intervir:

– Padre Leal, temos motivos muito sérios para procurar essa casa – disse, enquanto abria o envelope e espalhava as fotos sobre a mesa.

– Veja isso.

O velho pároco examinou as fotos com as mãos trêmulas enquanto ouvia o relato da história feito por Simara. Por fim, deteve-se na que mostrava Fabiojunito no jardim. Após observá-la por alguns instantes, mergulhou a cabeça entre as mãos, murmurando:

– Não consigo acreditar...

Simara não se conteve e perguntou:

– O senhor conhece essa casa?

O religioso deu um profundo suspiro. Estava pálido e limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça. Mal conseguia falar.

Mas a menina era determinada. E não queria perder mais tempo.

– Então, nos leve até lá. Acho que meu irmão está correndo perigo.

O religioso limitou-se a balbuciar:

– Seu irmão está morto.

Padre André não se deu por vencido.

– Precisamos da sua ajuda. Talvez ainda possamos salvá-lo. Tenho certeza de que se trata de um caso de bruxaria.

O velho o interrompeu:

– Vou levá-los até o local.

Assim que entraram no velho Dodge Dart do pároco, este olhou para o padre André e disse:

– Preparem-se para ver uma coisa terrível.

Com o rosto amargurado, o religioso deu a partida no carro e recusou-se a responder a qualquer pergunta durante o trajeto. Cerca de vinte minutos depois, saiu da estrada principal e tomou um caminho abandonado e coberto de mato pelo qual o veículo avançava com dificuldade crescente. Quanto mais andavam, mais ermo tornava-se o local. Estava claro que havia muito tempo que ninguém passava por ali.

Finalmente, pararam num ponto a partir do qual seria impossível prosseguir com o carro. O mato era tão alto que batia no peito dos dois homens e cobria a cabeça de Simara. Saltaram, e o religioso suspirou:

– A partir daqui, teremos que seguir a pé.

Nem Simara nem padre André ousaram abrir a boca.

Apesar do sol quente da tarde, a luminosidade do lugar tinha

um toque pouco natural. E um silêncio sepulcral envolvia o caminho, como se ali não houvesse vida: nem insetos, nem animais, nem mesmo vento.

Depois de uns dez minutos de caminhada, uma clareira abriu-se abruptamente. À frente do grupo, surgiu um imenso terreno abandonado. Nem mesmo mato crescia ali, como se a terra tivesse sido amaldiçoada.

Ao olhar para a cena, Simara deu um grito. Reconheceu, ao longe, o casarão ornamentado. No entanto, à sua frente, erguia-se uma ruína, abandonada havia muitos anos em meio ao terreno desolado.

Não havia dúvida nenhuma, era a casa da foto. Ou era a casa como teria sido muitas décadas atrás.

– Vamos até lá – disse Simara energicamente. Ainda não conseguia acreditar no que via.

Partiu na frente, seguida pelos dois religiosos, ambos empunhando suas cruzes.

Não tinha medo. Não sentia nada além de uma urgência imensa e de uma esperança meio improvável de ainda encontrar o irmão. Abriu o pesado portão com um safanão e foi entrando. Deparou-se com o saguão de entrada, o mesmo que já tinha visto nas fotos. No entanto, agora, as paredes estavam descascadas, as vidraças das janelas, quebradas, a bela escadaria de madeira que conduzia ao segundo andar, destruída. E não existia mais nenhum dos móveis luxuosos que serviam de cenário para as poses de Fábiojunio.

Viu, logo à esquerda, o que deveria ter sido a sala de jantar. A mesa, a mesma onde o irmão aparecera na última foto, ainda estava lá. Comida por cupins, não passava de um monte de madeira podre, coberta por uma espessa camada de poeira e fungos.

Cada vez mais transformada, percorreu todos os cômodos do terreno até sair no pátio dos fundos, de onde podia se ver um antigo cemitério familiar e nove tumbas.

Correu para lá.

Não teve dificuldade em reconhecer o estranho casal que levava seu irmão nas fotografias amareladas que decoravam as duas primeiras sepulturas. Ali, estava a data da morte deles, ocorrida cerca de cinquenta anos antes. Próximos das tumbas principais – as mais ricas e enfeitadas – havia sete pequenos jazigos. O último era evidentemente recente e foi para ali que Simara correu. Sobre o túmulo, um nome: Fábiojunio, a última foto que tinha sido enviada à família e a data: apenas uma semana atrás.

Não tinha mais nada para ser visto ali. Tudo o que Simara queria era voltar para casa e contar para a mãe o que tinha descoberto. Deu meia-volta e saiu enxugando as lágrimas enquanto andava cada vez mais rápido, seguida pelos dois religiosos que ainda empunhavam suas cruzes, sem saber muito bem o que fazer com elas.

A viagem de volta foi lenta e silenciosa. O ônibus quebrou duas vezes e Simara só chegou em casa no dia seguinte. Achava que encontraria a mãe preocupada, mas a velha senhora estava radiante quando abriu a porta para a filha.

– Por que você não disse que ia visitar seu irmão? – perguntou a mulher com um sorriso.

Antes que a menina pudesse responder, a mãe mostrou-lhe um novo envelope.

– Olha só, acabou de chegar! Veio com uma carta. E com ótimas notícias.

Simara avançou para o envelope. A primeira coisa que viu foi a foto. Uma foto dela, vestida com roupas elegantes e antiquadas, de pé, braços estendidos ao longo do corpo, no pátio dos fundos da casa, onde havia o cemitério, embora a foto não mostrasse cemitério algum. Só um bonito jardim, com o gramado muito bem cuidado e árvores frondosas ao fundo.

Antes que pudesse se recuperar do susto, a mãe perguntou:

– Leu a carta? Eles ficaram encantados com você!

E completou, sorridente:

– E vêm buscá-la hoje mesmo, à noitinha. Você nem imagina como me pagaram bem!

Diante do olhar apavorado da menina, MariaIva franziu o cenho e engrossou a voz:

– Já para o banho. Está na hora de você também aprender a ser chique.

Exercícios de interpretação

1. No conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz, como a filha mais velha descobre que tem algo de errado com o irmão?
2. No mesmo conto, você acha que a mãe agiu certo em vender seus filhos? Por quê?
3. Qual relação você pode ver entre o conto *Crianças à venda* e o curta-metragem *Alma*?
4. No conto, não sabemos exatamente o que acontece com o irmão caçula. Somente ao final descobrimos que ele já morreu. Imagine que a filha mais velha recebe a visita de seu irmão em um sonho. O que você imagina que ele lhe diria? Continue a história abaixo:

A filha deita em sua cama cansada da viagem e abalada com a notícia da mãe. Não podia acreditar que seria a próxima a ser vendida para o mesmo casal que adotou seu irmão. Na mão, ainda carrega a última foto que a mãe recebeu e, olhando para si mesma no retrato, adormece.

De repente, ela ouve um barulho no corredor, anda lentamente até lá e vê uma sombra que a chama. Leva um susto, mas então percebe que a figura lembra o seu irmão. Aproxima-se dele e pergunta:

— O que aconteceu contigo? O que aquele homem e aquela mulher fizeram?

Ele responde:

— _____

Plano de aula (6ª e 7ª aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 15/10/2014 (quarta-feira)

Horário: 10h15-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Relembrar aspectos dos contos trabalhados, através da execução e correção de exercícios, além de conhecer os elementos da narrativa do gênero conto.

Objetivos Específicos

Retomar tema e configuração dos contos trabalhados nas aulas anteriores, através da realização de exercícios;

Corrigir exercícios interpretativos sobre os contos lidos;
Perceber quais são os elementos narrativos que configuram o gênero conto;
Trabalhar a criatividade na elaboração de elementos fictícios para uma narrativa;
Exercitar a produção escrita de descrições.

Conhecimentos abordados

Exercícios de interpretação e elementos narrativos (personagem, espaço, tempo, narrador e enredo).

Metodologia

Os alunos terminarão o exercício escrito iniciado na aula anterior. Após isso, retomada dos contos trabalhados com a correção, pela professora, dos exercícios de interpretação propostos.

Em seguida, será feita uma exposição oral pela professora dos elementos narrativos que configuram o gênero conto. Neste momento, a professora irá retomar os contos trabalhados anteriormente, para ilustrar sua exposição.

Por fim, a educadora irá distribuir aos alunos uma folha, na qual escreverão descrições fictícias de personagens, espaços, etc. Estas serão utilizadas na próxima aula.

Recursos

Folhas de exercícios da aula anterior e 35 cópias do exercício de descrições.

Avaliação

Será avaliada a compreensão de leitura, através das respostas dos exercícios de interpretação realizados.

Referências

AGUIAR, Luiz Antonio (ORG.) et al. *Era uma vez à meia-noite*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012.

JOYCE, James. *O gato e o diabo*. Trad. Lygia Bojunga. Ilustr. de Lelis. São Paulo: Cosacnaify, 2012.

STRAUSZ, Rosa Amanda. Crianças à venda. Tratar aqui. In: _____. *Sete ossos e uma maldição*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

YOUTUBE. *Alma*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=irbFBgI0jhM>>.

Acessado em: 21/09/2014.

Anexos

Aluno(a): _____

Ficha do personagem

Nome ou como é chamado: _____

Características físicas: _____

Características psicológicas: _____

Espaço

Nome do espaço / Tipo de espaço: _____

Faça uma descrição do local: _____

Tempo

A história acontece:

() em um tempo passado () no presente, na atualidade () em um tempo futuro

Caracterize este tempo que você imaginou: _____

Narrador

() Narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa (o narrador é uma das personagens da história. Ao mesmo tempo que conta os fatos, participa deles, mostra-se. Percebemos sua presença pelo uso da 1ª pessoa: *eu, nós* ou *a gente*.)

() Narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa (ausente do texto, limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões. O leitor não percebe a presença dele no texto.)

() Narrador intruso (não toma parte nos acontecimentos, mas comenta os fatos, expressa sentimentos e opiniões.)

Plano de aula (8ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 17/10/2014 (sexta-feira)

Horário: 7h45-8h30

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Ampliar o conhecimento sobre os elementos narrativos, através da escrita de um conto de terror em conjunto.

Objetivos Específicos

Exercitar o conhecimento sobre os elementos narrativos que configuram o gênero conto;

Exercitar a criatividade na produção escrita;

Desenvolver a cooperação e o trabalho em equipe na produção de um conto coletivo.

Conhecimentos abordados

Elementos narrativos (personagem, espaço, tempo, enredo e narrador) e produção textual do gênero conto.

Metodologia

No começo da aula, os estudantes serão reunidos em grupos de cinco ou seis alunos, através de entrega de papéis coloridos. Antes da entrada dos estudantes na sala, as classes serão devidamente organizadas pelas educadoras. Os estudantes irão se reunir conforme a cor do papel entregue a eles e ouvir as indicações da educadora, que irá colocar em caixas diferentes papéis com algumas descrições de personagem, tempo, espaço e tipos de narrador retirados das fichas preenchidas pelos alunos na aula anterior. Cada grupo irá retirar um papel de cada caixa, tendo assim um de cada dos quatro elementos narrativos (um personagem, um espaço, um tempo e um tipo de narrador). Cada grupo, em conjunto, irá elaborar um pequeno conto de terror com os elementos narrativos sorteados, através do modelo entregue pela professora.

Recursos

Atividades feitas pelos alunos na aula anterior, 10 folhas de papel almaço para a escrita, 5 caixas coloridas, pequenas tiras de folhas coloridas, fita adesiva.

Avaliação

Será avaliada a participação na elaboração da produção textual em grupo. Nesta, ainda, serão avaliados o uso adequado dos elementos narrativos selecionados, coesão, coerência e adequação ao gênero discursivo.

Referências

Não há.

Anexos

Exercício

1. Preencha as lacunas com as fichas sorteadas pelo grupo e, em seguida, continue a história.

Em _____ (tempo), quando tudo parecia perdido, _____ (personagem) foi até _____ (espaço) e encontrou _____. Foi quando, inesperadamente...

Plano de aula (9ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 21/10/2014 (terça-feira)

Horário: 11h-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Ampliar o repertório de leitura de contos, desenvolvendo a percepção da configuração e dos elementos do gênero.

Objetivos Específicos

Desenvolver a habilidade de leitura;

Realizar as atividades orais de interpretação propostas pela professora a partir do conto *O coração peludo do mago*;

Observar a configuração do gênero conto e os elementos da narrativa através do conto trabalhado.

Conhecimentos abordados

Leitura, configuração e elementos do conto (personagem, espaço, tempo, narrador e enredo).

Metodologia

A aula será iniciada com a leitura realizada pela professora do conto *O coração peludo do mago* de J.K. Rowling, para em seguida ser realizada uma discussão interpretativa oral sobre o conto a partir das seguintes questões: por que o mago resolveu tirar o coração do corpo?, vocês acham que os sentimentos (amor, medo, tristeza, etc.) nos atrapalham?, vocês gostariam de viver sem sentimentos?, se vocês fossem um mago, que outras ideias vocês teriam para não sentir emoções?, vocês observam alguma semelhança com o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe?, entre outras. Em seguida, a educadora irá realizar uma explicação sobre os elementos da narrativa através do conto lido e os alunos terão que responder um exercício que será entregue pela professora. Os exercícios serão corrigidos na próxima aula.

Recursos

35 cópias do conto *O coração peludo do mago* de J.K. Rowling e 35 cópias do exercício proposto.

Avaliação

Será avaliada a participação na discussão proposta pela professora.

Referências

ROWLING, Joanne Kathleen. O coração peludo do mago. In: _____. *Os contos de Beedle, o bardo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Anexos

O coração peludo do mago — J.K. Rowling **(do livro *Os contos de Beedle, o bardo*)**

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso, que observou que seus amigos agiam como tolos quando se apaixonavam, se enfeitando, andando aos saltos e corridinhas, perdendo o apetite e a dignidade. O jovem mago resolveu jamais se deixar dominar por tal fraqueza, e recorreu às artes das trevas para garantir sua imunidade.

Sem saber do seu segredo, a família do mago achava graça de vê-lo tão distante e frio.

“Tudo mudará”, vaticinavam eles, “quando uma donzela atrair seu interesse!”

O jovem mago, porém, permanecia impassível. Embora muita donzela se sentisse intrigada por seu ar altivo e recorresse às artes mais sutis para agradá-lo, nenhuma conseguia tocar seu coração. Ele se vangloriava de sua indiferença e da sagacidade que a produzira.

O frescor da juventude foi dissipando-se e os jovens de mesma idade e posição que o mago começaram a casar e a ter filhos.

“O coração deles deve ser apenas uma casca”, desdenhava ele mentalmente, observando o ridículo comportamento dos jovens pais ao seu redor, “ressecada pelas exigências desses pirralhos chorões!”

E mais uma vez ele se felicitou pela sabedoria da opção que fizera no primeiro momento.

No devido tempo, os pais do mago, já idosos, faleceram. O filho não lamentou a morte deles; ao contrário, considerou-se abençoado por terem desaparecido. Agora ele reinava sozinho em seu castelo. Depois de transferir o seu maior tesouro para a masmorra mais profunda, ele se entregou a uma vida desregrada e farta, na qual o seu conforto era o único objetivo dos inúmeros criados.

O mago estava convencido de que devia ser alvo da imensa inveja de todos que contemplavam sua solidão esplêndida e despreocupada. Feroz, portanto, foi sua raiva e desgosto, quando um dia ouviu dois dos lacaios discutindo a sua pessoa.

O primeiro criado manifestou pena do mago que, com tanto poder e riqueza, continuava sem alguém que o amasse.

Seu colega, entretanto, desdenhou, perguntando por que um homem com tanto ouro e dono de tão esplêndido castelo não fora capaz de atrair uma esposa.

Tal conversa desferiu um terrível golpe no orgulho do mago que os ouvia.

Ele decidiu imediatamente escolher uma esposa, e uma que fosse superior a todas as existentes. Possuiria uma beleza assombrosa e provocaria inveja e desejo em todo homem que a contemplasse; descenderia de uma linhagem mágica para que seus filhos herdassem excepcionais dons de magia; e seria dona de uma fortuna no mínimo igual à dele, para garantir sua confortável existência, apesar do acréscimo de pessoas e despesas.

Encontrar tal mulher talvez levasse cinquenta anos, mas aconteceu que, no dia seguinte à sua decisão, chegou à vizinhança, em visita a parentes, uma donzela que correspondia a todos os seus desejos.

Era uma bruxa de prodigioso talento e dona de grande riqueza. Sua beleza era tanta que mexia com o coração de todos os homens que a contemplavam, isto é, todos, exceto um. O coração do mago não sentiu absolutamente nada. Contudo, a moça era o prêmio que ele buscava, e, assim sendo, começou a cortejá-la.

Todos que notaram a mudança no comportamento do mago ficaram surpresos e disseram à donzela que ela tivera êxito, onde uma centena de outras havia fracassado.

A jovem, por sua vez, sentiu ao mesmo tempo fascínio e repulsa pelas atenções do mago. Ela pressentiu a frieza que havia sob o calor de suas lisonjas, pois jamais conhecera um homem tão estranho e distante. Seus parentes, contudo, consideraram essa união extremamente desejável e, muito interessada em promovê-la, aceitaram o convite do mago para um grande banquete em homenagem à donzela.

A mesa, carregada com peças de ouro e prata, continha os mais finos vinhos e as comidas mais suntuosas. Menestréis dedilhavam alaúdes de cordas sedosas e cantavam um amor que o seu senhor jamais sentira. A donzela sentou-se em um trono ao lado do mago, que lhe falava suavemente, empregando palavras de carinho que roubara dos poetas, sem a mínima ideia do seu real significado.

A donzela ouvia, intrigada, e por fim respondeu:

— Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!

O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro.

Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago.

Há muito tempo desligado dos olhos, ouvidos e dedos, o coração jamais se deixara cativar pela beleza, ou por uma voz musical, ou pelo tato de uma pele sedosa. A donzela ficou aterrorizada ao vê-lo, pois o coração encolhera e se cobrira de longos pêlos negros.

— Ah, o que você fez! — lamentou ela. — Reponha o coração no lugar a que pertence, eu lhe imploro!

Ao perceber que isto era necessário para agradá-la, o mago apanhou a varinha, destrancou a caixa de cristal, abriu o próprio peito e repôs o coração peludo na cavidade vazia que outrora ocupara.

— Agora você está curado e conhecerá o verdadeiro amor! — exclamou a donzela e abraçou-o.

O toque dos macios braços alvos da donzela, o som de sua respiração no ouvido dele, o aroma dos seus cabelos dourados; tudo isto penetrou como uma lança o seu coração recém-despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.

Os convidados ao banquete notaram a ausência do anfitrião e da donzela. A princípio despreocupados, começaram, porém, a se sentir ansiosos à medida que as horas passavam e, por fim, decidiram revistar o castelo.

Acabaram encontrando a masmorra, onde uma cena aterrorizante os aguardava.

A donzela jazia morta no chão, de peito aberto, e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos ensanguentadas um grande e reluzente coração, que ele lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu.

Na outra mão, ele empunhava a varinha, tentando induzir o coração murcho e peludo a sair do próprio peito. O coração, porém, era mais forte do que ele e se recusou a renunciar ao controle dos seus sentidos ou a retornar à urna em que estivera trancado por tanto tempo.

Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.

Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante, segurando um coração em cada mão; em seguida caiu atravessado sobre o corpo da donzela e morreu.

Exercício de interpretação

1. Complete a tabela com os elementos narrativos do conto *O coração peludo do mago*, de J.K. Rowling:

Elementos da narrativa	
Personagens	
Espaço	
Tempo	
Tipo de narrador	

Enredo	
Situação Inicial	
Conflito	
Clímax	
Desfecho	

Plano de aula (10ª e 11ª aulas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zaparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 22/10/2014 (quarta-feira)

Horário: 10h15-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver concretamente os conhecimentos da configuração do gênero conto, através de uma produção escrita deste tipo de enunciado.

Objetivos Específicos

Estabelecer relações entre a palavra escrita e outras linguagens audiovisuais, desenvolvendo a sensibilidade artística;

Participar das atividades propostas pelas professoras, interagindo com os colegas;

Elaborar um conto assustador, observando a configuração e os elementos do gênero proposto.

Conhecimentos abordados

Produção textual do gênero conto.

Metodologia

Em um primeiro momento, as professoras colocam uma música assustadora e passam para os alunos imagens em papel que lembram histórias de terror (casas assombradas, fantasmas, gato preto, monstros, etc.). Os alunos, que passam as imagens uns para os outros, escrevem em pequenos papéis coloridos (distribuídos pela professora), palavras que eles consideram assustadoras, ou que lembrem alguma história de terror já lida por eles. A professora recolhe os papéis com as palavras dos alunos e os cola no quadro.

A seguir, a professora faz uma proposta de produção textual, na qual os alunos escreverão um conto assustador individualmente. Para a escrita, haverá como inspiração ou

motivação as fichas criadas por eles em uma aula anterior (com a criação de um personagem, um espaço, um tempo e um narrador), as palavras pensadas por eles e pelos colegas na dinâmica e os contos lidos ao longo das aulas. Tempo para a escrita.

Recursos

Som, imagens assustadoras impressas em papel, papéis coloridos pequenos, fita adesiva, 33 folhas almaço que serão entregues para os alunos e fichas criadas pelos alunos sobre elementos narrativos.

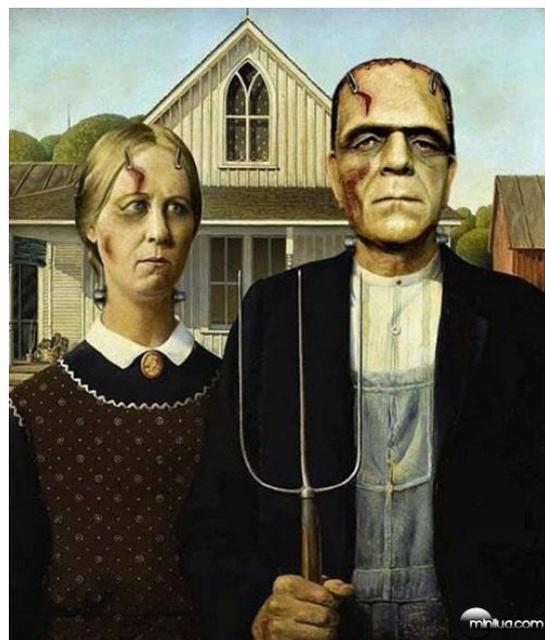
Avaliação

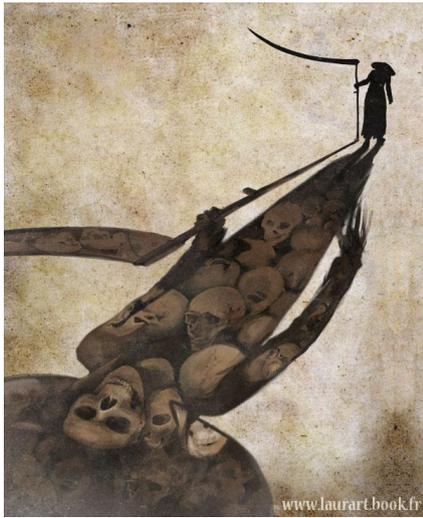
Será avaliada a participação nas atividades propostas pela professora e a produção escrita na qual observar-se-á a adequação da configuração do gênero e do tema proposto, coesão e coerência.

Referências

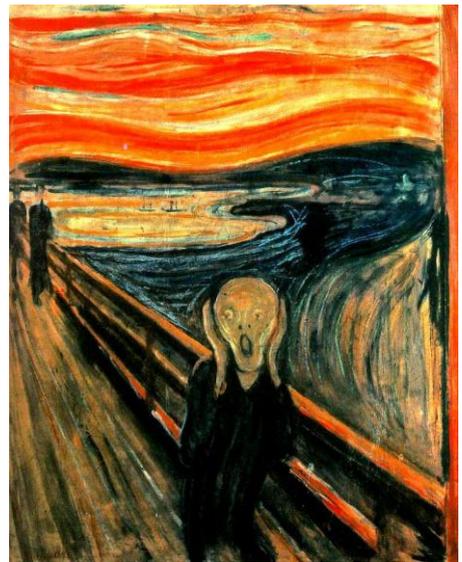
Não há.

Anexos









Plano de aula (12ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 24/10/2014 (sexta-feira)

Horário: 7h45-8h30

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Aprofundar o conhecimento sobre os adjetivos, refletindo sobre seu funcionamento no enunciado.

Objetivos Específicos

Identificar o funcionamento dos adjetivos e observar as formas como podem ser usados no enunciado;

Aplicar os conhecimentos sobre os adjetivos;

Desenvolver a integração e respeito através da dinâmica de adjetivos.

Conhecimentos abordados

Adjetivos.

Metodologia

Primeiramente será feita será realizada uma exposição, pela professora, sobre os usos dos adjetivos e sua função sintática, para em seguida, comentar sobre a utilização que os estudantes fizeram em suas produções textuais deste elemento gramatical. Após isso, será feita uma dinâmica na qual serão entregues dois pequenos papéis para cada aluno. Em um deles, o aluno deverá escrever um substantivo e em outro um adjetivo qualificando o substantivo escolhido. A professora, então, recolherá esses papéis e os colocará em duas caixas: uma para os substantivos e outra para os adjetivos. Os alunos terão que colher um papel de cada caixa para em seguida ler em voz alta o resultado obtido pela junção inesperada dos elementos.

Recursos

66 papéis pequenos (de duas cores diferentes) e duas caixas.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação nas atividades propostas pela professora.

Referências

Não há.

Plano de aula (13ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Suzy Zapparoli

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 28/10/2014 (terça-feira)

Horário: 11h-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver o conhecimento gramatical através de exercícios sobre adjetivos.

Objetivos Específicos

Exercitar o uso de adjetivos através de exercícios;

Socializar as ideias construídas no exercício de completar a história com adjetivos.

Conhecimentos abordados

Reflexão sobre o uso de adjetivos.

Metodologia

A aula terá início com a entrega de uma folha com um exercício sobre adjetivos para cada aluno. Este exercício será feito com uma música, *Erva venenosa*, de Rita Lee, na qual os alunos terão que preencher as lacunas com os adjetivos que faltam na letra. Após isso, será entregue uma segunda folha com um com um exercício para que cada aluno resolva individualmente. Na correção, os alunos farão a leitura de alguns exercícios elaborados por eles.

Recursos

35 cópias de exercícios elaborados para os alunos e som.

Avaliação

Será avaliada a participação nas atividades propostas pelo professor.

Referências

Não há.

Anexos

Exercício sobre adjetivos

1. Ouça a música *Erva venenosa* de Rita Lee e complete com os adjetivos que faltam de acordo com a letra:

Erva Venenosa - Rita Lee

Parece uma rosa

De longe é _____

É toda _____

A alegria _____ incomoda

_____!

Êh êh êh êh êh!

Erva _____

Êh êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

De longe não é _____

Tem voz de uma sereia

Cuidado, não a toque

Ela é _____

Pode até te dar um choque

Venenosa!

Êh êh êh êh êh!

Erva _____

Êh êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

Se porta como _____

Achata bem a boca

Parece uma bruxa

Um anjo _____

Detesta todo mundo

Não para um segundo

Fazer maldade é seu ideal

Oh! Oh! Oh!

Como um cão _____

Seu grito é _____

É _____ e _____

Deus do céu!

Como ela é _____

_____!

Êh êh êh êh êh!

Erva _____

Êh êh êh êh êh!

É pior do que cobra _____

O seu veneno é _____

EL! EL! EL!

Se porta como _____

Achata bem a boca

Parece uma bruxa

Um anjo _____

Detesta todo mundo

Não para um segundo

Fazer maldade é seu ideal

Han! Han! Han! Haaaaan!

-Xá prá lá!

Erva _____!

Erva venenosa!

Venenosa! Venenosa!

Venenosa! Venenosa!

Erva venenosa!

Erva venenosa!

Erva venenosa!

Erva venenosa!

2. Preencha as lacunas com os adjetivos ou locuções adjetivas que você considerar mais apropriados para criar uma história assustadora.

Em uma cidade _____, onde tudo era muito _____, havia um parque de diversões _____, habitado por um fantasma muito _____. Certo dia, um menino _____, que estava jogando bola próximo ao parque, deixou ela cair para dentro dos muros _____ do lugar. Como a criança era muito _____, não pensou duas vezes e pulou o muro. Ao cair na terra _____, percebeu que sua bola _____ estava no carrossel, que rodava lentamente, sem que ninguém estivesse perto para controlar o brinquedo. Uma música _____ tocava enquanto o carrossel _____ girava. O menino aproximou-se para pegar sua bola, quando viu um vulto _____ passar ao seu lado. A criança _____ gritou, mas ninguém podia ouvi-la, pois o parque era _____. Antes que o menino pudesse recuperar o fôlego, a sombra _____ o calou. Na cidade _____, ninguém, nunca mais, viu o menino _____.

Plano de aula (14ª e 15ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 29/10/2014 (quarta-feira)

Horário: 10h15-11h45

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver a leitura e interpretação do gênero conto de terror, além da produção escrita através da elaboração da segunda versão do conto.

Objetivos Específicos

Realizar a leitura do conto *Ceia dos mortos*, de Salma Ferraz;

Refletir sobre os aspectos narrativos do texto;

Conhecer outras culturas e costumes em relação ao tema da morte;

Reescrever o conto de terror produzido com as devidas modificações apontadas, observando o uso dos adjetivos e os elementos narrativos presentes no próprio texto.

Conhecimentos abordados

Leitura de contos, interpretação, produção textual e cultura geral.

Metodologia

Nesta aula, será avisado aos alunos que eles poderão escolher o lugar em que irão sentar, para o desenvolvimento da dinâmica de leitura que se dará. A aula terá início com a entrega das produções dos alunos para a reescrita do conto de terror e entrega da segunda versão para as educadoras, que deverá ser feita em 30 minutos.

Depois será lido o conto *Ceia dos mortos*, de Salma Ferraz, por alguns alunos, em voz alta. A escolha dos alunos se dará através de da seguinte maneira: embaixo de algumas carteiras estarão coladas imagens numeradas de um a dez; aqueles alunos que encontrarem as imagens, serão os escolhidos para fazer a leitura. Após esta atividade, a professora conduzirá uma discussão oral sobre o conto lido, a partir de algumas questões: por que os habitantes da

cidade gostavam quando alguém morria?, vocês acham que os costumes são definidos coletivamente?, vocês conhecem alguns costumes que são muito diferentes dos seus?.

Por fim, a professora trará, em uma apresentação em *datashow*, alguns costumes de outras culturas relacionados à morte, como a “Santa Morte” da cultura mexicana e suas celebrações do Dia dos Mortos; os costumes japoneses relacionados ao tema; os rituais fúnebres dos índios Tupi e Guarani; o “famadihana” praticado na ilha de Madagascar; o “zoroastrismo”, costume praticado na Índia e no Irã; e ainda, nas civilizações antigas, o Funeral Viking e o processo de mumificação dos farás no Egito.

Recursos

Datashow, 35 cópias do conto a ser lido, 10 papéis com imagens numeradas de um a dez, fita adesiva, 33 folhas almaço.

Avaliação

Será avaliada a participação nas atividades propostas pelo professor, a produção textual realizada pelos alunos através da observação da utilização dos adjetivos, coesão e coerência, bem como a adequação do gênero proposto dentro de sua configuração.

Referências

FERRAZ, Salma. *A ceia dos mortos*. Blumenau: Edifurb, 2012.

Anexos

A CEIA DOS MORTOS

*Tragada foi a morte pela vitória.
Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde
está ó morte, o teu aguilhão.
I Cor. 15:54*

Ouvi esta estória no interior do Mato Grosso e desde aquele dia fiquei repleta de sombras pensando em quantos mortos carregamos incrustados em nossas rugas e em nosso espírito. Preciso ressuscitar alguns mortos e transportá-los das trevas da morte para o brilho também enganoso da escritura, nem que seja por uns breves momentos, à luz de um conto, dos teus olhos e do teu julgamento, caro leitor. Tu, sombra do porvir, todos nós, cadáveres

adiados por antecipação e teimosia, não passamos de rascunhos de mortos. Sim, da nossa inimiga mais inflexível, mistérios de todos os mistérios, aquela que não aceita rendição, não oferece trégua, ao contrário, metralha impiedosamente até que cada uma de nossas células se desintegre e sejamos somente pó – ela, a Morte, a nossa predestinada noiva negra que nos espera para nossas núpcias eternas. Inimiga impossível de se destruir porque não é feita da mesma matéria de que somos feitos. Aquela que possui os atributos de Deus ou do Diabo, a insondável, com a qual ninguém quer conversar. Todo homem tem que se haver com a Morte, o único destino inelutável de todo ser humano.

No sertão do Mato Grosso existia uma vila pequenina denominada Salto do Céu, lugar parado no tempo, onde absolutamente nada acontecia a não ser, a espaços de anos, algumas mortes. Naquele lugar, a antiga população foi desaparecendo aos poucos. Os próprios velhinhos contavam que haviam participado da II Guerra e, desanimados com o mundo, não mais quiseram ter filhos. Dessa forma, nascia-se de menos e morria-se demais. Com exceção das missas domingueiras, a rotina preguiçosa transformava tudo numa mesmice sem fim. Devido a isso, a morte de qualquer pessoa assumia uma pompa imensa e era quase desejada.

Quando passava um ano sem que ninguém morresse, uma tristeza invadia o coração dos habitantes, e os mais velhos, principalmente aqueles que chegavam aos noventa anos sem dar pistas de que pretendiam cruzar a última fronteira, eram olhados de soslaio nas ruas e sentiam-se um estorvo. Era como se estivessem ali ganhando um tempo extra, roubando daquelas pessoas o direito a um festivo enterro. As mulheres guardavam roupas pretas para as festividades fúnebres e olhavam os mais velhos ainda fortes com indisfarçável tristeza. Por que aquele doente permanecia vivo e lhes roubava o direito ao desfile de gala? Houve um caso dum velhinha que teve uma parada cardíaca. O povo todo já se preparava, encomendava caixão; o carpinteiro afiava as plainas; as mulheres expunham suas roupas pretas aos raios de sol; a florista fazia suas coroas enfeitadas de cores do arco-íris, mas o fraco coração da pobre alma, de raiva, voltou, devagarzinho, a bater. Foi uma desilusão geral e a doente ficou numa tristeza só, sentindo-se culpada por não ter descido à tumba. Era Já amaldiçoando o dia em que não morrera. A vida deveria ser breve como a flor e a morte o maior e mais belo de todos os sacramentos, já que ela nos concede o domínio da eternidade. Era isso que pensavam os habitantes daquele fim do mundo, com muito mais de cem anos de solidão pesando em suas estórias.

Porém o tempo foi passando e os costumes mortuários foram desaparecendo; quase não existiam mais velhinhos. Com o passar dos anos, outros jovens imigrantes vieram e

invadiram o vilarejo, transformando-o numa próspera cidadezinha. Trouxeram consigo um banco, um hospital e até uma funerária. Não se morria mais como se morria antigamente.

Agora não havia mais graça em morrer; a morte deixara de ser pública; fazia-se tudo muito rápido. No próprio hospital, o morto já era arrumado pelos agentes funerários, que tornavam a morte limpa, disfarçando-a da melhor maneira possível. Coroas de flores verdadeiras que davam pouco trabalho e duravam também bem pouco, missas rápidas; nada de carpideiras, nada de escândalos, nada de velório, nada de bolinhos, nada de piadas, nada de luto. Golpearam a face pálida da morte e a morte morreu; findara-se o vale de lágrimas e o preto saíra definitivamente de moda.

Próximo à cidadezinha, há alguns quilômetros dali, moravam numa fazenda em decadência quatro irmãos. Eram os últimos velinhos da antiga vila que foram empurrados para a zona rural pelo progresso indesejável. Eles faziam parte da família que, no passado, estava presente em todos os velórios. Eram obcecados pela morte, adoravam os velórios e nunca faltavam a nenhum: eram os primeiros a chegar e os últimos a sair. Os novos moradores diziam que eles tinham vocação para a morte e que o olhar deles não pertencia mais a este mundo. Por amarem tanto a morte nunca se casaram, pois, ter filhos, para eles, era perpetuar as desgraças desta vida e criar preocupações além-túmulo. Aceitavam friamente o tripé do destino de todos os humanos: carne, osso e pó.

Mas, apesar de sentirem prazer com a morte e os rituais a ela relacionados, eles não morriam. Da vila de outrora só sobraram eles, os irmãos-morte, como eram chamados, já que todas as suas antigas atividades estavam relacionadas à morte. Seu Judas Morte fazia caixão, seu João Morte era o padre que encomendava as almas, seu Tiago Morte, o velho coveiro e Maria Morte, a que bordava mortalhas, as mais lindas de Salto do Céu. Entendiam de todos os procedimentos relativos à morte, porém, para eles, apesar de todo o ritual com missa, caixão, coroas, aquela lamentação, aqueles vestidos pretos, os bolinhos, a cara do viúvo ou da viúva, os discursos, as despedidas, tudo isso não era suficiente para a grandeza que o momento exigia, para o espetáculo apoteótico da morte, a velha amante de Deus, como tão bem descreveu a dama belga-francesa. Na hora suprema da morte, todos ganham o estatuto de estrelas cadentes; simplesmente é a hora da estrela, como bem definiu outra grande dama, esta ucraniana de nascimento e brasileira de alma. Naquele insólito lugar, as pessoas mais velhas já tinham todas passado para o outro lado pelas mãos dos irmãos-morte, e os novos cidadãos tinham horror à morte e antipatia por aquela família grotesca. Diziam que os irmãos-morte nem sombra no chão faziam e que até a própria Morte os respeitava e que seus olhos não

tinham mais brilho. Por isso a tétrica família deixara a cidade em formação e nunca mais fora vista.

Com os olhos já baços, viviam isolados na fazenda, que foi apelidada por um jovem padre de Vale da Sombra da Morte. Só mensalmente um velho homem da cidade lhes levava os provimentos necessários. Os anos se passavam, a fazenda era só ruínas e eles foram morrendo um por um, velando-se entre si. Para cada morte, fazia-se um caixão bonito, flores e coroas de plástico, rezava-se missa, vestia-se luto, contavam-se piadas e preparava-se uma grande ceia, em que se assava um carneiro com ervas, que era servido junto a um vinho saboroso.

Quando Judas Morte morreu, seu irmão e padre, João Morte, aprendeu o ofício do morto e fez o caixão. Depois morreu o padre, e seu irmão, Tiago Morte, além de coveiro, tornou-se carpinteiro de caixão e rezador de missa. Quando Tiago morreu, Maria Morte teve que fazer o caixão, rezar a missa, tecer a mortalha e enterrar seu irmão.

Mas cada morte era uma festa, esperada e realizada com toda a pompa, uma vez que os irmãos-morte tinham suas economias e guardavam tudo para a celebração triunfal. Quando se mudaram para a fazenda, logo na primeira semana, Maria Morte voltara à cidade e encomendara algo que muitos estranharam: quatro cristaleiras luxuosas e com um detalhe esquisito: elas deveriam estar vazias, sem uma tábua sequer dividindo os compartimentos. Pagara a vista e, dois meses depois, uma enorme carroça transportara, em duas viagens, as cristaleiras, feitas da melhor madeira, com o melhor vidro e forradas com veludo vermelho.

O que ninguém na cidade sabia é que os caixões enterrados no cemitério da fazenda estavam vazios. Os irmãos faziam tudo isso para não despertar a atenção dos moradores das redondezas, uma vez que ninguém entendia que a morte é a única lei que é aplicada, cedo ou tarde, a todos, sem discriminação, sendo, por isso, digna de uma comemoração especial. Para eles a morte era o êxtase de uma revelação que só eles conheciam, pressentimento de uma eternidade misteriosa, caminhar solitário no deserto do silêncio.

Além de todas as cerimônias já conhecidas, eles inventaram uma ceia, mas era uma ceia com a participação do morto. O morto era colocado à mesa em lugar de destaque, todo bemlavado, embalsamado com ervas aromáticas e perfumes, e ficava ali extático com ar de poeta notívago, observando os comentários sobre episódios de sua vida, as piadas, a ceia, os cafezinhos. Quando o velho relógio marcava a meia-noite, um dos irmãos abria a cristaleira mortuária que já estava enfeitada de coloridas flores, complementemente perfumada, e lá colocava o defunto, convidado de honra, todo paramentado com seu traje a rigor. Em vez de ser enterrado, o morto permanecia emparedado na cristaleira da sala principal do antigo casarão,

participando de todas as coisas na vida daquela amorosa e estranha família. Assistia a todos os jantares, a todas as discussões, participava de todas as decisões. Dessa forma ele nunca era esquecido e a morte se perpetuava para alegria dos irmãos-morte. Aquela viria a ser a casa dos ossos secos. Quem me contou este caso acreditava piamente que Maria Morte era uma bruxa, uma vez que ela conhecia o poder misterioso de certas ervas e com elas embalsamava o morto, de maneira que não cheirava mal nem se deteriorava.

Os anos se passavam e o morto, já carne ressequida, continuava a ostentar sua presença em todas as ocasiões assim como as antigas múmias egípcias que permaneciam ou em casa ou em capelas, expostas por meses, às vezes anos, aos parentes para serem veneradas. Três cristaleiras já estavam decoradas com seus mortos, todos homens. A vida era tão banal, só na morte havia glória, e somente a morte dá sentido à vida e iguala todos os humanos. Esse era o verdadeiro espírito da morte. Em sua mortal sabedoria, nunca entenderam a felicidade da ressurreição de Lázaro. Como trazê-lo de volta à vida, quando ele já atravessava serenamente os umbrais do silêncio e da paz?

Quando um sino de uma igreja toca por um finado, na realidade, toca pela humanidade inteira já que a morte anda sempre grudada à nossa pele e somos todos cadáveres adiados no dizer de Pessoa, adiados e odiados no meu pensar. Será que alguns vivos já não estão mortos há tempos? Será que não há mortos que estão mais vivos do que muitos vivos? Não haverá no reino das trevas mais luz do que no reino do sol? A verdade cruel de tudo isso é que a única companheira inseparável da vida é a morte, a única amante de Deus, e que começamos a morrer desde que nascemos.

O mato tomava conta da fazenda, a porteira rangia e Maria Morte, enquanto dava, prazerosamente, os últimos alinhavos em sua própria mortalha como se fosse seu vestido de noiva, começou a sentir fortes dores no peito e muita falta de ar. Ela era a última que restara e cumprira seu ofício feliz, já que se sentia cansada em ser apenas um rascunho da morte. Levantava-se, tomava café, limpava a casa e depois limpava as vitrines mortuárias e ajeitava-as uma de frente para a outra. Nunca se afastava de seus mortos queridos. Ela achava a morte linda a tal ponto que trouxe seu velho colchão e passou a dormir na sala, entre eles, a velar-lhes o sono eterno. Era como se aquelas bocas já sem carne alguma, contassem, felizes, as estórias de todos os seus antepassados embalando assim o sono do último templário. Era o diálogo dos mortos. Aliás, os mortos possuem os atributos próprios de Deus. Insondáveis! Incompreensíveis!

Chegou o Natal e ela preparou uma ceia de carneiro com ervas, trancafiou bem a porteira e a casa toda e, lá pelas onze horas, sentou-se trajando sua impecável e bordada

mortalha roxa. Nunca se casara, sua mortalha seria seu vestido de noiva e ela já sentia o hálito do noivo chegando. Olhava, comovida, seus três irmãos. As três cristaleiras recobertas de flores se iluminavam com as luzes das velas. Colocou na antiga vitrola um disco de Beethoven já arranhado pelo tempo, herança de seu avô, e olhou alegremente a quarta cristaleira vazia. Como eram lindos seus mortos! Isso sim que era morte, a morte serena, ali ostentada, eternizava-se. Enquanto ouvia a antiga música e comia satisfeita seu carneiro com ervas, tomando seu copo de precioso vinho, sentia no peito pontadas cada vez mais intensas. Fazia dois anos que estava sozinha e entristecia-se por estar viva, uma vez que já pertencia ao lado de lá. Não, agora ela não seguraria mais as rédeas da morte, já que passara a odiar o dom de viver.

Antes daquela suntuosa ceia, arrumara sua cripta com flores perfumadas, que ela havia confeccionado carinhosamente, e ajeitara a quarta cristaleira ao lado das outras três já ocupadas de maneira que cada uma ficasse de frente para a outra. Todos os mortos deveriam olhar um para o outro para que, no além, o diálogo pudesse continuar. O olhar de um morto, para os vivos, é uma coisa assombrosa, mas quando mortos se olham, o próprio tártaro se ilumina uma forma especial. Depois se banhara com ervas misteriosas.

O disco saiu fora da rotação da velha vitrola e o relógio secular, em poucos minutos, badalaria a meia-noite e, se ninguém desse corda, pararia para sempre. As dores no peito se tornavam insuportáveis e a respiração cada vez mais difícil. Um pincel invisível começava a pintar de roxo sua boca já murcha que, agora sim, combinava perfeitamente com a cor do vestido de noiva. Era preciso que a morte fosse luxuosa e opulenta. Ela estava feliz como nunca estivera em todos os seus noventa anos; fartava-se com o carneiro, com o arroz, com os quindins. Afinal a morte tinha um gosto delicioso e uma cor belíssima. Quanto mais dor sentia, mais ria e mais vinho bebia. Finalmente enfeitaria definitivamente a sua cristaleira e contemplaria a face bela da morte. Era o início do mistério.

Lavou rapidamente a louça, jogou o resto da comida pela janela dos fundos, para uns velhos porcos que grunhiam lá fora, e a trancafiou com força; decorou a sala com flores e quatro belas coroas, acendeu mais algumas velas, olhou pela última vez seus irmãos, levou a mão ao peito e apreciou aquelas dores lancinantes. Abriu sua cripta nupcial, entrou e fechou-a por dentro esboçando o sorriso de quem estava preparada para a passagem da solitária fronteira. Sentiu um gélido sopro, enquanto um sino melancolicamente tocava ao longe impelido por misterioso vento marcando a chegada do Natal. Ela escolhera quando e como queria morrer.

As velas bruxuleantes queimavam respeitosas em prostração e, quando o relógio marcou meia-noite com doze badaladas, o vidro daquela quarta cristaleira foi-se enchendo aos poucos de um leve bafo. O último halo agonizante de vida explodiu contra o vidro frio, a palidez chegou suave, e as pupilas docemente se dilatavam. Não era preciso trazer o óbolo da passagem. Átropos, a dama da foice que se veste de negro, com a face descarnada movimentava sua enferrujada tesoura. Findava-se ali a ceia dos mortos. Agora os mortos velavam seus mortos e principiava a suprema comunhão. O gozo da morte é somente para os iniciados. Só para esses são revelados o deslumbramento e o entorpecimento das trevas. Morrer é nascer ao contrário.

Os ponteiros do velho relógio pararam. Silêncio total, o silêncio excessivo que só os mortos conhecem. Nada.

Morte, aí está tua vitória. Morrer ou não morrer, esta sempre foi a questão. Sem a morte tudo seria possível. Sem a morte seríamos como deuses. Eternos.

Não fazemos mais que lidar com fantasmas e só não lidamos com esqueletos por simples repugnância. Admiro-me como ainda não chegamos ao extremo de guardar os nossos mortos em armários envidraçados providos de rodas, para nos acompanharem por toda a parte, a fim de que o defunto não perdesse nenhum dos nossos movimentos.

José Saramago. Terra do Pecado, p. 184.

Plano de aula (16ª aula)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula: Ana Cláudia Fabre Eltermann

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II Turma: 71 Turno: matutino

Data: 31/10/2014 (sexta-feira)

Horário: 7h45-8h30

Tema

Contos de terror e mistério

Objetivo Geral

Desenvolver a integração, a interpretação e o olhar para outras linguagens através da discussão de um curta-metragem e da leitura de alguns contos produzidos.

Objetivos Específicos

Desenvolver o olhar para as linguagens audiovisuais estabelecendo relações através do tema proposto;

Acompanhar a leitura feita pelos colegas, demonstrando respeito e cooperação durante a atividade.

Conhecimentos abordados

Interpretação.

Metodologia

Primeiramente, será feita a leitura em sala dos cinco melhores contos selecionados pelas professoras Rita de Cássia Peres, Suzy Zapparoli e Ana Cláudia Fabre Eltermann. A leitura será feita pelos próprios autores dos contos.

Em seguida, os alunos irão assistir o curta-metragem *Deathigner*, para em seguida ser feita uma discussão oral através das seguintes perguntas: como vocês imaginam a figura da morte?, a morte necessariamente precisa lembrar algo ruim?; como é a escola da morte?; o que se aprende lá?.

Recursos

Datashow e 5 contos dos alunos selecionados.

Avaliação

Será avaliada a participação nas discussões e nas atividades propostas pela professora.

Referências

YOUTUBE. *Deathigner*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mptpw8fQ-lw>> Acessado em: 26/09/2014.

1.3. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

1.3.1. Relato das aulas

1ª aula - Terça-feira (07/10)

A professora iniciou a aula com a apresentação das estagiárias e do projeto, discutindo também sobre a avaliação que seria realizada a partir da produção textual dos alunos (10 pontos) e dos exercícios propostos durante a atividade do estágio (10 pontos). Combinou com os alunos que quando estes queriam falar algo para a turma, seria necessário levantar a mão.

Em seguida entregou a primeira parte do texto *A coisa*, de Ruth Rocha, e realizou a leitura em voz alta para a sala. Após a leitura, a professora orientadora Isabel Monguilhott fez a observação de que alguns alunos estranharam a forma como a estagiária pronunciava algumas palavras com o fonema *r* mais forte. Diante disto, a estagiária fez uma breve explicação sobre diferença linguística e do motivo de sua fala ser diferente.

Em seguida a educadora retomou o texto lido fazendo alguns questionamentos a respeito do texto e perguntou sobre as características que cada personagem dava à *Coisa* que via no porão, escrevendo as palavras ditas pelos alunos no quadro. Finalmente a educadora entregou uma folha de almaço para cada aluno imaginar o que seria a *coisa* no porão e escrever as características dela. A descrição não poderia ter o nome da *coisa* imaginada pelos alunos. Após eles realizarem esta tarefa, a estagiária pediu para a professora de língua portuguesa da turma, que acompanhou o processo do estágio juntamente com a orientadora, para que esta dissesse um número. O número escolhido foi relacionado com os nomes da chamada e um aluno foi convidado para ler sua descrição. Após lê-la, os outros estudantes deveriam tentar adivinhar o que era a *coisa* descrita. Aqui é necessário um parêntese. O aluno descreveu um colega de turma, se referindo a ele na descrição de forma ofensiva: “grande como uma girafa”. Diante disto, a professora orientadora chamou atenção do aluno para essa atitude.

Foi realizada a leitura de quatro descrições pelos alunos e após isso, foram entregues todas as produções para a educadora.

2ª e 3ª aula - Quarta-feira (08/10)

Visto que as atividades planejadas da aula de terça-feira não foram finalizadas, a educadora, primeiramente, mostrou a caixa onde estaria a *coisa* referente ao texto lido na aula anterior, retomando a leitura. Em seguida, passou de classe em classe mostrando o conteúdo contido dentro da caixa, a saber, um espelho. Após isso, os alunos receberam o final da história que foi lida pela educadora. A professora pediu para que todos colassem as folhas entregues no caderno “para que não se espalhem por aí...”. Em seguida, com a ajuda da professora orientadora, foi montado o *datashow* para que os alunos visualizassem as ilustrações da história *O gato e o diabo*, de James Joyce, e a educadora entregou para os alunos duas folhas com a mesma história. Após isso, a professora mostrou o livro de James Joyce e falou um pouco sobre a vida deste escritor. A educadora leu uma parte do texto e a outra parte foi lida pelos alunos que eram sorteados. Em seguida houve uma discussão sobre a história através de perguntas propostas pela professora.

Logo após a leitura e discussão do texto *O gato e o diabo*, houve a proposta da leitura do conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe. Para isso, a professora entregou as folhas do conto para cada aluno e preparou a turma para um “conto grande”, estipulando que se houvesse alguma dúvida sobre alguma palavra durante a leitura era para erguer a mão. Em seguida começou a leitura do mesmo conto, sorteando alunos para ler de quando em quando. Enquanto ia sendo feita a leitura, havia imagens sendo projetadas no quadro através do *datashow*, relacionadas com a passagem da história. No meio da leitura foi feita uma pausa para refletir sobre o que já havia sido lido, visto que a maioria dos alunos estavam visivelmente cansados. Após a pausa, apesar da reclamação de dois estudantes, houve a continuação da história até o final da aula.

4ª aula - Sexta-feira (10/10)

A educadora fez uma retomada do conto *O gato preto* lido na aula anterior, em que as mesmas imagens, mostradas durante a leitura do conto, foram retomadas e os alunos deveriam visualizá-las e contar o que havia acontecido na história. Desta vez, a professora pegou outro *datashow*, já que aquele utilizado na aula anterior não permitia abrir o programa *PowerPoint* onde estavam todas as imagens, obrigando a abrir uma imagem de cada vez.

Após finalizar essa etapa, a educadora entregou uma folha com exercícios para cada aluno responder. Novamente foi orientado para que os alunos colassem no caderno e avisado sobre a cobrança da participação na atividade. Enquanto essa atividade era realizada, a professora orientadora buscou uma caixa de som. Quando esta foi conectada no computador, a

educadora passou o curta-metragem *Vincent*, de Tim Burton, através de projeção, finalizando assim a aula. Aqui se faz um parênteses, pois notou-se que o áudio estava muito baixo, pois a caixa de som disponível não era muito potente. Nas aulas posteriores, foram utilizadas as caixas de som de computador disponibilizadas pela professora orientadora.

5ª aula - Terça-feira (14/10)

A quinta aula teve início com a leitura do conto *Crianças à venda*, de Rosa Amanda Strausz, pela estagiária responsável pela aula, Ana Cláudia. Cópias do texto foram distribuídas para que os estudantes acompanhassem a leitura, feita em voz alta pela professora. Os alunos da turma parecem gostar bastante de leituras em voz alta, o que já tinha sido percebido por nós no período de observação das aulas, e permaneceram em silêncio durante a leitura do texto.

Após isso, a professora perguntou aos alunos o que eles tinham achado do texto e estes responderam no geral que haviam gostado. Alguns alunos comentaram sobre o final da história, questionando sobre o que havia acontecido com o personagem ou sobre os pais adotivos deste. A estagiária fez então uma discussão que foi demasiadamente breve, devido ao nervosismo da primeira aula ministrada por ela.

A professora Ana então colocou o curta-metragem de animação *Alma*, para que os alunos assistissem, no *datashow*. Depois de assistirem ao vídeo, os alunos comentaram sobre ele, incentivados pela professora. Esta perguntou se eles haviam percebido alguma relação do vídeo com o conto lido, mas os alunos tiveram dificuldade de estabelecer esta relação.

Em seguida, Ana explicou aos alunos sobre o blog criado para a turma, incentivando os alunos a entrarem para visualizar os vídeos assistidos em aula, além de outros conteúdos extras que seriam disponibilizados. Entregou então um cartão com o endereço do blog, junto com uma atividade escrita para ser feita em casa, sobre o conto lido e o vídeo assistido em aula.

6ª e 7ª aula - Quarta-feira (15/10)

A aula começou quinze minutos depois do horário normal, devido a um intervalo estendido em razão do dia dos professores. A estagiária responsável, Ana Cláudia, iniciou a aula com a correção das atividades anteriores: a primeira sobre o conto *O gato preto* e o curta-metragem *Vincent*, e a segunda sobre o conto *Crianças à venda* e o curta-metragem *Alma*. A

professora leu as perguntas e pediu que os alunos dissessem o que haviam respondido. Muitos alunos se sentiram envergonhados de falar oralmente suas respostas, mas alguns procuravam responder e participar da aula. Em uma questão, sobre quais superstições eles conheciam, houve uma maior participação, enquanto que em questões mais críticas, ou que exigiam que eles relacionassem um texto com outro, trouxeram uma maior dificuldade e, conseqüentemente, uma participação menor. Durante a correção, a outra estagiária, Suzy, passou nas mesas dos alunos para anotar quem havia realizado a atividade.

Em seguida, Ana fez uma explicação oral, utilizando o quadro branco, sobre os elementos narrativos que configuram o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo e narrador. Para isto, utilizou os contos lidos anteriormente com os estudantes, fazendo os alunos relembrem os contos lidos.

Por fim, a professora distribuiu fichas em branco para que os alunos preenchessem, criando um personagem, um espaço, um tempo e escolhendo um tipo de narrador. A maioria dos alunos fez a atividade, ou pelo menos parte dela. Os que não finalizaram, foi devido ao tempo, que pareceu pouco para alguns alunos, que demoram mais para escrever, ou se distraem lendo as respostas dos colegas.

8ª aula - Sexta-feira (17/10)

Antes de a aula começar, as estagiárias organizaram a sala, fazendo grupos de cinco ou seis carteiras. Em cada mesa, colocaram o nome de um aluno em um papel colorido, cada grupo com uma cor diferente. Quando os alunos entraram em sala, as professoras pediram que cada um se sentasse no lugar que havia sido escolhido para eles. Como alguns alunos faltaram, um grupo teve que ser desfeito, e os alunos foram redistribuídos em outros grupos.

A estagiária responsável pela aula, Ana Cláudia, explicou a atividade que deveria ser feita em grupo. Os alunos iriam sortear papéis de quatro caixas, cada uma contendo um elemento criado por eles na aula anterior (personagem, tempo, espaço e narrador), que foram digitados e recortados em pequenos papéis pelas professoras. Com os elementos em mãos, deveriam montar um pequeno conto de terror, a partir de um começo dado pelas professoras em uma folha.

Embora alguns alunos tenham gostado da organização diferente das carteiras, outros não gostaram de ter que sentar com colegas com os quais não possuíam afinidade. Enquanto que em alguns grupos a atividade funcionou bem e eles dialogaram e trabalharam em equipe, em um grupo em especial a atividade não deu resultado. Os alunos deste grupo ficaram a

maior parte do tempo sentados, chateados, e no final somente duas alunas escreveram textos individuais.

O tempo foi curto e somente um dos grupos conseguiu finalizar a atividade, pois a maioria passou a maior parte da aula pensando sobre como faria a história. Apesar disso, alguns textos ficaram muito bons, e a atividade foi, no geral, produtiva. Muitos alunos perguntaram se a atividade seria continuada em outras aulas, pois ficaram empolgados com as histórias.

9ª aula - Terça-feira (21/10)

A aula teve início com a apresentação do conto *O coração peludo do mago*, de J.K. Rowling. A professora falou um pouco sobre a autora do livro, que também é famosa por ter escrito *Harry Potter*, série de livros famosa entre os alunos, e sobre o contexto de escrita e publicação da obra que seria lida. Embora muitos na turma já tivessem lido a série *Harry Potter*, nenhum dos alunos conhecia o conto, e duas alunas pediram o livro emprestado, para ler os outros contos em casa.

A educadora leu então o conto e em seguida fez alguns questionamentos sobre ele e sobre as reflexões que o livro suscita, como: por que o mago decidiu tirar o coração do corpo?, seria possível viver sem emoções e sentimentos?, vocês acham que viver sem coração seria positivo?. Alguns alunos da turma participaram da discussão, afirmando que gostariam de poder não sentir tristeza ou raiva, mas que não gostariam de viver sem as emoções boas, como a alegria, por exemplo.

Após isso, a professora passou uma folha com um exercício escrito, no qual os alunos deveriam identificar os elementos narrativos presentes no conto lido: personagem, espaço, tempo, narrador e enredo (situação inicial, conflito, clímax e desfecho). Os estudantes fizeram o exercício em sala, auxiliados pelas duas estagiárias.

10ª e 11ª aula - Quarta-feira (22/10)

A educadora iniciou a aula realizando a correção das atividades sobre os elementos narrativos. Para tanto, retomou o conto *O coração peludo do mago*, pedindo para os alunos informações sobre esse conto.

Em seguida, a educadora fechou as cortinas, desligou as luzes, pediu para os alunos fecharem os olhos e iniciou uma história sombria, enquanto tocava um áudio com sons

assustadores (correntes, floresta abandonada, porta abrindo-se, etc.). Após essa dinâmica a educadora entregou papéis coloridos para os alunos e imagens de terror, e pediu para que cada aluno escrevesse uma palavra que pensou ao ver as imagens. Com a ajuda de alunos as estagiarias colaram no quadro as palavras escritas para em seguida serem lidas para o grande grupo.

A educadora então propôs para os alunos a produção de um conto de terror que seria posteriormente colocado no blog da turma. Assim, o restante do tempo da aula foi utilizado para a produção dos alunos em que as educadoras observavam a elaboração feita pelos alunos, auxiliando-os e motivando-os. Ao final da aula, as primeiras versões dos contos foram entregues para as educadoras, para que estas fizessem as correções necessárias.

12ª aula - Sexta-feira (24/10)

A educadora iniciou a aula falando sobre os contos produzidos pelos alunos e avisando-os de que a aula seria sobre adjetivos e que eles deveriam copiar o conteúdo do quadro negro que será representado neste relatório.

Adjetivos

Observe o começo deste conto:

O coração peludo do mago

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso [...].

Em seguida a professora fez as seguintes perguntas para a turma:

Do que fala esta história? Que coisa/pessoa o narrador está se referindo?

Como é esse mago?

A medida que os alunos respondiam, a professora sublinhava os adjetivos e os substantivos escrevendo embaixo da palavra a sua classificação. Em seguida escreveu no quadro a definição de adjetivo e alguns exemplos retirados das produções textuais dos próprios alunos:

Adjetivos são palavras que caracterizam os substantivos e podem expressar qualidade, estado, aparência e modo de ser. Eles delimitam o substantivo.

Exemplos:

Flavia era uma menina linda. Cabelos curtos, mais ou menos no ombro, castanhos escuros, pele morena e olhos azuis.

Reunião Escolar

Os bichos deformados

A casa estava abandonada, suja, fedida, com teias de aranha e xixi de rato.

A educadora chamou atenção para o último exemplo e perguntou para os alunos se “de rato” não era uma restrição, uma característica de “xixi”, ao que os alunos responderam afirmativamente. A professora então explicou sobre a locução adjetiva e escreveu a definição da mesma no quadro:

Locução adjetiva é a expressão que serve para caracterizar os substantivos e que é construída com mais de uma palavra.

Tinha muitas barracas de brinquedos.

A gente viu macaco sem olho e um leão sem rabo.

O conto do vigário

Um dia, um casal de jovens apaixonados.

A educadora ainda retornou ao título da primeira frase escrita no quadro “O coração peludo do mago” e perguntou para os alunos se “do mago” não seria uma locução adjetiva. Ao receber uma resposta afirmativa, a expressão foi sublinhada como nos outros exemplos.

A aula foi finalizada com o começo de uma dinâmica, em que foram distribuídos papéis para os alunos: um colorido e outro branco. Em seguida foi orientado para que cada um deles escolhesse um substantivo e um adjetivo que correspondesse ao mesmo, escrevendo o adjetivo no papel colorido e o substantivo no branco. A aula foi finalizada com as estagiárias recolhendo os papéis.

13ª aula - Terça-feira (28/10)

A aula teve início com a retomada da dinâmica encaminhada na última aula em que os alunos deveriam retirar de uma caixa um papel colorido e de outra caixa um papel branco

constituindo assim, um substantivo e um adjetivo. Em seguida, deveriam dizer para o grande grupo o que haviam sorteado, unindo o substantivo com o adjetivo. A educadora, após a dinâmica comentou com os alunos sobre a concordância entre substantivo e adjetivo e os usos que se pode fazer na linguagem poética com esse tipo de ligação *inusitada*.

Em seguida a educadora entregou uma folha de exercícios para que os alunos completassem a música *Erva venenosa* com os adjetivos que faltavam. Essa atividade mostrou-se produtiva, pois os alunos se entusiasmaram com a mesma e por conta disto, a música foi tocada várias vezes. Finalizando a aula, a professora entregou uma atividade para que os alunos comesçassem em sala e terminassem em casa, para entregar às educadoras na próxima aula.

14ª e 15ª aula - Quarta-feira (29/10)

A aula teve início com a leitura do conto *A ceia dos mortos*, de Salma Ferraz. A professora fez primeiro uma apresentação rápida da autora do livro e, em seguida, fez a leitura em voz alta do texto. Os alunos não pareceram gostar muito do conto como haviam gostado dos outros, talvez por não terem entendido bem a história. Depois disso, a educadora fez uma discussão sobre o texto, questionando os alunos sobre o costume estranho que havia entre os habitantes e sobre como esses costumes são definidos de forma coletiva, de acordo com o lugar em que estamos inseridos.

Após isso, foram devolvidas as produções textuais dos contos de terror, com observações feitas pelas duas estagiárias, para a reescrita. O restante da aula foi utilizado para essa atividade, com as professoras auxiliando os alunos no que fosse preciso. Alguns alunos finalizaram rapidamente o conto, mas muitos não conseguiram terminar, deixando seus textos inacabados.

16ª aula - Sexta-feira (31/10)

No início da aula, foi colocado no *datashow* o blog da turma, para que os alunos vissem que os textos deles já se encontravam na página. A professora responsável pela aula, Ana Cláudia, pediu então para que alguns alunos, que haviam sido escolhidos anteriormente pelas duas estagiárias, lessem os contos que fizeram para a turma. Alguns alunos, envergonhados, não quiseram ler, e outros haviam faltado. A educadora, então, perguntou

quem gostaria de ler o próprio conto e alguns alunos se ofereceram. A turma pareceu gostar bastante de ouvir e partilhar os textos com os colegas.

Ao invés de passar o curta-metragem previsto para essa aula, as professoras decidiram aplicar um pequeno questionário escrito, para que os alunos avaliassem as aulas ocorridas ao longo do mês. As perguntas eram: se eles haviam gostado do tema escolhido, dos textos selecionados e das professoras. Por fim, as professoras recolheram as respostas dos alunos e se despediram da turma.

1.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

Desde o período de observação das aulas, já havíamos notado que os alunos da turma 71 respeitavam muito os professores da escola. Conosco não foi diferente; os estudantes se mostraram receptivos, sempre nos cumprimentando com alegria quando nos viam e mostrando respeito por nós. Isto já nos motivou desde o início, fazendo com que tivéssemos vontade de trazer sempre atividades que eles gostassem e que fosse do interesse deles.

Ao selecionar o tema de nosso estágio, o conto de terror, e também pela nossa prática ao longo das aulas, percebemos que fizemos uma boa escolha, pois a maior parte dos alunos pareceu gostar e estar motivada com o assunto. Ao final do período de docência, fizemos um questionário aos discentes perguntando se haviam gostado do tema, e a maioria dos alunos respondeu que sim, que era algo diferente do que normalmente estudavam na escola.

Nossas aulas sempre partiam das leituras dos contos para construir o conhecimento, mas é necessário dizer que o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe não cumpriu expectativas previstas. Apesar dos alunos terem gostado da escolha feita, e a maioria ter acompanhado o decorrer da narrativa nas cópias disponibilizadas pelas professoras, percebemos que a história se mostrou muito extensa e cansativa, dispersando a turma em vários momentos. De certa forma, não há arrependimentos pela escolha feita, pois alguns alunos agradeceram e comentaram que “finalmente alguém dá um texto assim para a gente!”.

Buscamos, ainda, costurar as narrativas com outras linguagens, tais como curta-metragens, músicas e imagens para motivar os discentes e aprofundar a reflexão sobre o assunto abordado, pois acreditamos que o ensino de literatura não deve vir sozinho, como uma disciplina estanque, mas sim vinculado às outras artes e linguagens.

Quanto ao nosso objetivo do projeto, isto é, a produção de um conto de terror, foi bem sucedida, pois os alunos mostraram entusiasmo para a criação de suas próprias narrativas, principalmente ao saberem que estas seriam digitadas e disponibilizadas no blog da turma. No

que se refere à reescrita do conto, no entanto, tivemos nossas expectativas um pouco frustradas. Isto porque muitos alunos encararam a reescrita apenas como uma correção gramatical, não vendo sentido em ter que escrever o texto novamente. Alguns alunos, que não haviam terminado o conto, apenas continuaram a escrevê-lo, sem readequar o que havia sido proposto. Outros alunos até, que haviam terminado a história na primeira versão, acabaram mudando o texto completamente na segunda e, quando questionados, responderam que não sabiam o que mudar e, por isso, haviam escrito um novo conto, ou um final diferente para este. Percebemos, assim, que a reescrita ainda é vista como algo negativo perante os discentes, como se o fato de reescrever significasse que a primeira escrita não estava boa, ao invés de dar a ideia de que podemos sempre melhorar o nosso texto.

Na nossa prática docente, também privilegiamos atividades individuais e coletivas, para desenvolver a integração e participação entre os alunos. Porém, na principal atividade em grupo, os alunos não deram o retorno esperado, sendo que em apenas dois dos cinco grupos houve de fato um diálogo e uma construção em equipe. Notamos que nos outros três, além de não haver participação de muitos integrantes, havia, também, muitas discordâncias dividindo o grupo.

Quanto à escola e à disponibilidade de material, tivemos, em grande parte dos momentos, o apoio necessário. Tínhamos uma cota de xerox que poderíamos utilizar, que todos os professores possuem, além de materiais como caneta para o quadro branco, folhas de papel, notebook, *datashow* e aparelho de áudio. Apenas algumas vezes não conseguimos folhas de almoço, por estar em falta na escola. A equipe pedagógica sempre esteve disponível e nos auxiliou no que precisamos, sendo sempre muito simpáticos e receptivos.

Por fim, talvez o maior aprendizado que tivemos na nossa prática pedagógica no estágio é que o óbvio não é tão óbvio. Com isso, queremos dizer que muitas vezes em sala de aula, quando propomos algo para os alunos, é necessário mostrar o que se quer com aquilo, onde queremos chegar e o que vamos cobrar ao final do processo, dessa forma, construindo um diálogo com o aluno.

2. DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE

2.1. O projeto extraclasse: Jornal da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito³

2.1.1. Apresentação

Formar leitores hábeis em interpretar diferentes gêneros textuais que circulam nas mais variadas atividades humanas é uma das funções da escola. Para isso, é importante que o currículo escolar reflita o cotidiano da população que atende. Um dos recursos é a elaboração de um jornal, pelo qual os alunos podem aprender a língua de forma prazerosa, uma vez que suas produções textuais exigirão que tragam para dentro do ambiente escolar situações vivenciadas por essa comunidade e que serão valorizadas pela escola, familiares e outras instâncias sociais.

O jornal escolar é um recurso pedagógico que proporciona ao educando superar, de forma criativa, possíveis dificuldades que possua na leitura e na escrita, bem como, pela interação com outros colegas, aprender a trabalhar em equipe, conhecer outras culturas, outras formas de expressão e a argumentar apropriadamente expressando suas ideias e tornando-se um leitor crítico. A produção de um jornal impulsiona o saber de todos os membros da escola, possibilitando que a instituição seja uma unidade de referência para toda a rede de ensino.

A implantação de um jornal escolar não é novidade nas redes de ensino no país, principalmente na rede municipal de Florianópolis. Visto ser uma proposta dinâmica que desafia as crianças e atrai a atenção do corpo docente, bem como importante para que as estagiárias de Língua Portuguesa vivenciem as práticas pedagógicas fora da sala de aula, julgou-se interessante dar continuidade ao projeto do jornal escolar na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito⁴, desenvolvido inicialmente pelos estagiários Camila Pollnow, Clara Santos, Jaqueline Toner, Mariana Hoffmann Junckes, Rozelena May e

³ Este projeto foi elaborado pelos estagiários do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Catarina, Camila Pollnow, Clara Santos, Jaqueline Toner, Mariana Hoffmann Junckes, Rozelena May e Rubens Rozsa, no ano de 2011. Para esta edição do jornal, o projeto passou por uma revisão em que foram realizadas pequenas alterações e adaptações pelas acadêmicas Ana Cláudia Fabre Eltermann, Camila Leticia Inocenti, Cryslyayne Schetz, Letícia Cortelette Melo, Mariany Teresinha Ricardo e Suzy Zapparoli.

⁴ E conforme solicitação da própria escola.

Rubens Rozsa, com os alunos do contraturno, das séries finais do Ensino Fundamental, e assim elaborar um jornal com as características e anseios dessa comunidade.

2.1.2. Justificativa

A escolha do jornal como foco do projeto extraclasse pode ser vista na forma como esse veículo contempla diversos gêneros que circulam socialmente. Tendo em mente o trabalho a ser desenvolvido com alunos de Ensino Fundamental, podemos pensar nesse trabalho com o jornal como forma de estímulo aos novos leitores, os quais, com acesso ao jornal, nas práticas a serem trabalhadas, poderão interpretar a realidade social, a consciência cidadã e refletir criticamente sobre o conteúdo dos gêneros presentes nesse veículo. Também podemos ver a efetivação dessa proposta na formação de um estudante-leitor, e, o jornal como porta de entrada a outras leituras. Lembrando que o trabalho com o jornal pode ser visto como ferramenta de desenvolvimento e aplicação dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser.

No jornal, o aluno poderá desenvolver criticamente suas opiniões, de forma clara e concisa, transitando pelos diferentes gêneros textuais, e também poderá familiarizar-se com esse meio de comunicação enquanto espaço cultural, tendo consciência do papel do jornal e do jornalista, e da influência social.

2.1.3. Referencial teórico

Um dos indicadores mais evidentes do desenvolvimento da aprendizagem escolar como se conhece é o domínio da leitura e da escrita. Desde o início da história da formação intelectual, saber ler e escrever atribui ao sabedor um *status* que significa, entre muitas coisas, ter condições de transcender imposições, classes sociais e dominações através do conhecimento e da comunicação. Pode-se até dizer que a erudição foi, durante muito tempo, embasada nesses dois pilares. A leitura e a escrita são tão importantes, desde os tempos imemoriais, porque, apesar de estarem sempre marcadas por traços do seu emissor, do receptor e das condições de produção, conseguem se distanciar em tempo e espaço desses fatores.

É por isso que, ao propor o presente Projeto de Atividades Extraclasse, focamos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, por crer que, conforme as concepções assumidas, são esses os passos a serem dados rumo a uma educação que supere os problemas

enfrentados por ela mesma, que culminaram em deficiências na aprendizagem de leitura e escrita por parte dos alunos.

O Projeto Político-Pedagógico da escola, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), compromete-se com a perspectiva de domínio da linguagem como objetivo do ensino escolar. Afinal, é na e pela linguagem que se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais e representações da realidade e da sociedade. Nesse sentido, é por meio da aprendizagem da língua(gem), como atividade discursiva e cognitiva, que o indivíduo terá condições e possibilidade de plena participação social.

2.1.4. A linguagem como objeto de ensino e suas implicações

De acordo com Bakhtin (2003), enunciados são as formas orais e escritas pelas quais se emprega a língua. São formas concretas e únicas e refletem as condições e finalidades de cada “campo de uso” pelo tema, estilo e pela construção composicional.

O enunciado é a unidade real e verdadeira, da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir devido aos enunciados (RODRIGUES, 2005). Segundo Bakhtin, toda a enunciação é um ato de linguagem, definindo-se por três características:

- A alternância entre os sujeitos que realizam o discurso;
- A expressividade – uma vez que não existe enunciado neutro;
- A conclusividade – que representa a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado (RODRIGUES, 2005, p. 161).

A concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin – que a trata como sociointeracionista – significa que a linguagem só existe em função do uso que o tu/eu (interlocutor/locutor) fazem do enunciado. Ou seja, o emprego da linguagem passa necessariamente pelo sujeito (que se constitui na alteridade, medindo as relações com o outro pela linguagem), constituindo-se como social. O sujeito se apoiará em algum enunciado já realizado pelo outro para formular falas e redigir textos – tendo em vista que o texto é o texto enunciado, que começa a partir do outro e finaliza a partir da contrapalavra.

[...] o enunciado representa um elemento inalienável e singular, pois é uma nova unidade da comunicação discursiva contínua, contribuindo para a sua existência e mudança. Mas, é também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas uma fração, um elo, na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva. Nascido na inter-relação discursiva, ele não pode ser nem o primeiro,

nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica. (RODRIGUES, 2005, p. 159)

A linguagem não é adâmica, mas uma cadeia de acontecimentos, infinita. Uma cadeia de enunciados que não possui início e nem final exatos.

Pode-se considerar que o objetivo do ensino é, além do desenvolvimento da cidadania e da ação crítica e reflexiva, “a aprendizagem do conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (Parâmetros Curriculares Nacionais⁵, 1998, p. 22). O projeto da escola, nessa perspectiva, propõe um ensino voltado para as atividades discursivas e as suas condições de produção. Em outras palavras, o processo de ensino-aprendizagem está centrado nas realizações discursivas que, quando produzidas, manifestam-se por meio de textos. O texto, assim, assume a posição de unidade básica de ensino.

Os textos são resultantes da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, por isso, o ensino de língua deve focar nos quatro eixos que norteiam as atividades comunicativas: escuta de textos orais, produção de textos orais, leitura de textos escritos e produção de textos escritos. Cabe acrescentar que “o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos” (PCN, 1998, p.21). Os textos se organizam dentro de uma composição e estilo, caracterizando-os pertencentes a um ou outro gênero, e é desse modo que a noção de gênero necessita ser trabalhada no ensino.

O trabalho com os mais diversos gêneros discursivos, orais e escritos, deve partir do uso do texto, na reflexão sobre os papéis sociais que cada gênero desempenha, centrar na reflexão das estruturas mobilizadas para cada gênero, e destinar o texto do aluno ao uso social, para que não se torne mero exercício de forma. João Wanderley Geraldi, em sua obra *Portos de Passagem* (2003), defende que o ensino de textos deve ser baseado nas atividades de produção, leitura e análise de textos de determinado gênero.

A produção de textos é o primeiro aspecto destacado pelo autor, já que é essa prática que sustenta as atividades em linguagem na escola. É pensando na produção de textos que serão feitas todas as atividades de leitura e análise linguística. Geraldi (2003) inicia a sua crítica ao estado atual da produção de textos por ela desconsiderar a diferenciação entre produzir textos na escola e produzir textos para a escola (GERALDI, 2003, p. 136). Essa é a

⁵ Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para os terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental, doravante PCN.

diferença entre a produção de textos e a redação, visto que a primeira assegura o caráter de prática de usos da língua (gêneros do discurso) no lugar destinado à aprendizagem, e a segunda se destina ao mero exercício de uma escrita descontextualizada em que não há destinação social.

Para se produzir textos na escola, aponta Geraldi (2003), é necessário trazer os gêneros que circulam socialmente para dentro da escola, e nesses gêneros praticar a expressão da língua. É necessário ao aluno ter o que dizer, ter uma razão para dizer, ter para quem dizer, se constituir como o locutor do que vai dizer e ter instrumentos para dizer o que vai dizer. Mas essas condições de produção de texto só se concretizam em um ambiente que valoriza a relação interlocutiva, que possibilite ao aluno se constituir como sujeito da sua locução, para que então ele mobilize o seu turno de fala com os elementos propostos. Só há a possibilidade de o aluno destinar o seu texto a um leitor/interlocutor se ele puder ter a visualidade de que seu texto é um diálogo com o que está sendo feito em sala de aula. Manter, nesse sentido, uma escrita que tem como objetivo único servir de avaliação e motivação única a solicitação do professor é fadá-la ao fracasso.

Quanto à leitura de textos em sala de aula, esta não pode ser olhada como isolada da produção de textos. É a leitura que fornece subsídios para se ter o que dizer, que mostra os efeitos das estratégias do dizer, e explicita a existência de um diálogo entre um texto escrito e o sujeito que o lê, mediado por todas as valorações e construções sociais. Nesse sentido, vale destacar que essa concepção de leitura só pode ser assumida em consonância com a perspectiva de que a leitura de um texto não é atribuição de sentidos, muito menos extração de sentidos, mas de construção deles, por meio da tessitura das axiologias implícitas no texto e as que provêm do leitor, que sempre é situado social e historicamente. Desse modo, a leitura nunca é ingênua e nunca pode ser a mesma entre os sujeitos (até no mesmo sujeito, em diferentes momentos). A alegoria da tessitura é usada por Geraldi (2003), e espelha brilhantemente as relações estabelecidas na leitura de textos. O texto empresta seus fios, com os quais o leitor trança com os seus. O tecido nunca será, portanto, construído parcialmente, mas no diálogo, na trama dos fios. “O texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá” (GERALDI, 2003, p. 167).

Para legitimar a presença da leitura na sala de aula, Geraldi (2003) defende que é necessária a existência de motivações que conduzam a isso. Ele elenca, então, alguns dos motivos que levam um sujeito a ir ao texto, a saber: a) busca por respostas a perguntas anteriores à leitura, o que caracteriza a leitura busca de informações; b) retirar informações relevantes que o texto traz, num estudo do texto; c) usar o texto na produção de outros, como

referência, como pretexto; d) para aproveitar a sua leitura como fruição. Vale destacar que essas motivações não são estanques, mas se interpenetram, podendo combinar-se e aparecerem juntas em outras motivações não abordadas.

A leitura, também como postura do professor em relação à produção do aluno, deve constituir o diálogo que foi anteriormente defendido. A atitude dialógica e, conseqüentemente, responsiva da parte do professor quanto ao texto do aluno vai contribuir para a sua refacção, além de evidenciar a verdadeira intenção da produção e leitura de textos, que é a prática das relações sociais instauradas e mediadas pelos gêneros discursivos pertencentes à modalidade escrita da linguagem.

A terceira configuração da prática escolar da linguagem é a análise linguística. E é exatamente nesse âmbito que reside a importância da perspectiva proposta por Geraldi (2003): a análise nunca pode ser tratada isoladamente, mas por meio da leitura e da produção de textos. Como as atividades não existem em sociedade isoladamente, por que a escola deve assim tratá-las? Por acaso alguém que escreve um texto do gênero bilhete não se preocupa como o seu interlocutor o vai receber? E isso porventura não é analisar o texto?

A análise linguística, conforme propõe Geraldi (2003), deve ser epilinguística antes e metalinguística depois. [há uma parte que foi retirada] Não se trata de excluir a metalinguagem, mas de reservar a ela o seu verdadeiro valor e verdadeiro momento de estudo, representando uma sistematização do conhecimento construído juntamente com os alunos, ao longo de atividades linguísticas e epilinguísticas que perpassam os atos de leitura e escrita fora e dentro da escola, e não a repetição de um conhecimento incoerente e abstrato.

O texto de Geraldi é, sem dúvida, uma proposta que tem por base e por substância a concepção dialógica da linguagem. Ele propõe reconstruir a prática escolar a partir da visão de que a linguagem é este instrumento de mediação e instauração de relações sociais. E tendo isso em mente, não há como perpetuar uma prática escolar que nega o diálogo, a construção dos conhecimentos e os usos efetivos da linguagem. Assim, na sala de aula, de acordo com a perspectiva proposta, serão realmente praticadas as capacidades dos alunos em linguagem, por meio de práticas efetivas em produção, leitura e análise de gêneros discursivos, incidindo sobre as relações sociais que os alunos irão estabelecer fora da escola, ao invés de fingir ensinar e aprender um rol de conceitos que pertencem somente ao ambiente escolar.

A escola, tendo em vista as atividades discursivas com maior relevância social, deve proporcionar ao aluno o contato com os mais diversos tipos de textos, visando à expansão do seu conhecimento. As situações de ensino precisam favorecer o exercício das diversas formas de pensamento, desde as mais simples às mais elaboradas. “É preciso abandonar a crença na

existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social”(PCN, 1998, p. 24).

Nesse processo, assumimos a postura destacada no documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que de certa forma colocam em evidência a necessidade de os alunos desenvolverem três competências: a discursiva, responsável pela “filtragem”, adequação do texto a diferentes situações de interlocução; a linguística, que se refere aos saberes que o falante tem da língua da sua comunidade; e a estilística, que é a capacidade do sujeito de escolher os recursos expressivos a serem utilizados, de acordo com as condições de produção e destino.

Como a escola é a grande mediadora entre os sujeitos e o conhecimento, é necessário que ela assuma o compromisso de fazer com que a sala de aula seja um espaço democrático, onde cada sujeito tenha direito à palavra e a ver ou ouvir esta palavra ressoar no discurso do outro. Assim o professor tem o papel de organizar ações que possibilitem ao aluno o contato crítico e reflexivo com o diferente, tendo clareza sobre as finalidades colocadas para o ensino e dos conhecimentos que precisam ser construídos para alcançá-lo.

No processo de ensino-aprendizagem do aluno espera-se que o mesmo desenvolva seu domínio ativo do discurso, já que este é o tópico fundamental do ensino de Língua Portuguesa: fazer com que o aluno aprenda a lidar com diversas situações comunicativas, principalmente em instâncias públicas do uso da linguagem, exercendo seu papel de cidadão. Por conta disso, a finalidade do ensino da Língua Portuguesa é (ou pelo menos deveria ser) a produção e recepção de discursos.

Além disso, a instituição escolar tem o dever de organizar o conjunto de atividades que possibilite ao aluno utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos. Em outras palavras, a escola – como espaço de interação – deve oportunizar ao aluno a apropriação do conhecimento sobre atividades básicas que permitem a qualquer um o título de cidadão, através da ação sobre os conteúdos, desenvolvendo a competência linguística por meio das práticas de uso da linguagem. A necessidade dessas práticas do uso da linguagem determina que os conteúdos de ensino da Língua Portuguesa sejam articulados em torno de dois eixos básicos: o eixo do uso da língua oral e escrita e o eixo da reflexão sobre a língua e linguagem.

Cabe também à escola e ao professor articularem estes diversos fatores não apenas a fim de planejar situações didáticas, as quais permitirão ao professor levantar o campo de conhecimento sobre o qual o aluno já apresenta domínio, identificando dificuldades e

facilidades, podendo assim priorizar os aspectos que serão necessários à ação de ensino, mas também para organizar a sequenciação dos conteúdos possíveis e necessários aos alunos.

2.1.5. O jornal escolar como estratégia para o ensino da língua

Indo ao encontro de toda a teoria acima apresentada, em defesa do projeto da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito de formar leitores hábeis em interpretar diferentes gêneros textuais que circulam nas mais diversas esferas de atividade humana é que desejamos contemplar, neste projeto, a continuação do jornal escolar. A continuação de tal projeto visa manter os ideais ansiados pelos estagiários iniciantes deste projeto: que os alunos possam aprender, de forma prazerosa, a configuração dos gêneros presentes no jornal desenvolvendo sua competência linguística.

De acordo com todo o planejamento dos encontros, os alunos darão continuidade ao jornal escolar contemplando a esfera de atividade social na qual eles se encontram inseridos na maior parte do tempo, ou seja, a esfera escolar.

A produção jornalística em questão contemplará quatro diferentes gêneros discursivos que compõem o jornal: entrevista/reportagem, notícia, propaganda e variedades, permitindo que os alunos se envolvam espontaneamente com o contexto escolar, o que, inclusive, gerará maior aproximação com a realidade escolar e a possibilidade de desenvolvimento de uma visão mais crítica a respeito de várias situações escolares.

A experiência possibilitará ao aluno, como já anteriormente colocado, superar possíveis dificuldades que possua na leitura, escrita e produção textual, o que ocorrerá também com a maior interação que necessariamente haverá para com outros colegas. Essa interação contribui principalmente com a possibilidade de que os alunos possam aprender a trabalhar em equipe – o que é constantemente exigido num contexto real de produção de jornais – e conhecer outras culturas, diferentes formas de expressão e a argumentar apropriadamente a respeito de determinado tema, expressando suas ideias e defendendo suas posições, para, a partir disto, tornarem-se leitores críticos.

Para que todo o processo de elaboração do jornal escolar ocorra bem será necessário, primeiramente, inserir os alunos na esfera de produção jornalística, o que ocorrerá no primeiro encontro do grupo, no qual os alunos visualizarão os diferentes gêneros que compõem um jornal e demonstrarão o domínio que já possuem sobre este meio de comunicação. Tudo isto antes da intervenção de uma palestrante que estará presente neste primeiro encontro para

conversar com a turma sobre a funcionalidade do jornal e a sua importância como meio social de escrita e leitura.

Nos encontros seguintes, os alunos terão a experiência de sair a campo para realizar a pesquisa e entrevista necessária para a composição escrita da coluna escolhida, depois de já terem relativo domínio sobre o gênero; bem como processarão estas informações recolhidas para a composição real do texto dentro do gênero em questão e edição do mesmo na sala de informática da escola.

A ideia de elaborar um jornal escolar no projeto em questão visa não apenas a uma produção textual e à prática da leitura em sala de aula (que possibilitará aos alunos que se construam como sujeitos em um uso específico da língua), mas a um trabalho que permita que os alunos ajam com desenvoltura, para que este trabalho, além dos conhecimentos técnicos, gere também um sentimento positivo em relação à disciplina de Língua Portuguesa. O intuito é que os alunos não deem valor apenas à experiência, mas à disciplina, inserida em um todo, principalmente no que toca seu uso social significativo.

O jornal escolar é a melhor maneira de aproximar os alunos de um uso social da escrita, onde a produção textual nunca é só para si, mas para um tu constituído a partir do enunciado colocado pelo eu. Em busca de colocar este aluno como sujeito no mundo é que procuramos auxiliá-lo a se comunicar de maneira adequada, na forma em que a língua se manifesta em sociedade, permitindo que o aluno exerça seu papel de cidadão através da consciência de uma necessidade de domínio da norma padrão da Língua Portuguesa – pleno objetivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

2.1.6. Objetivos

O presente projeto tem por objetivo produzir, juntamente com alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, um jornal para a comunidade escolar. As atividades que serão desenvolvidas para conduzir os alunos à realização deste objetivo são os objetivos específicos de conhecer os gêneros contidos em um jornal de maneira que os alunos tenham uma base para produção textual, de produzir textos adequados ao gênero proposto e de entender a importância da refacção de textos para o crescimento do senso crítico e da autonomia nos estudos.

2.1.7. Metodologia

Primeiramente será feito um trabalho de reconhecimento e aproximação do jornal, explicando o projeto e fazendo a escolha dos grupos que irão trabalhar nas diferentes seções do mesmo, simulando um ambiente editorial jornalístico. Nesse primeiro momento, também contaremos com a participação da jornalista Jéssica Stierle, editora da Revista Its, que fará uma palestra explicando como funciona a preparação, produção e edição de um veículo de comunicação impresso.

A partir das decisões relacionadas às seções do jornal, será feito o estudo dos gêneros específicos de cada uma, com o objetivo de instrumentalizar a escrita dos alunos. Para dar base à escritura propriamente dita, será decidido o papel dos alunos e elaborado um roteiro de trabalho para uma saída de campo de coleta de dados, que possibilitará a produção da primeira versão dos textos. Após esses textos serem analisados pelas estagiárias serão reescritos e digitados para a versão final do jornal.

Como forma de divulgação do jornal, no final a equipe de estagiários ficará responsável por fazer a diagramação e encaminhar o mesmo para a impressão, para posteriormente promover a circulação e distribuição de diversos exemplares na comunidade escolar.

2.1.8. Recursos

Jornais diversos. Recortes de jornais para colagem. Estrutura de jornal em papel pardo, preparada previamente pelos estagiários. Exemplos de roteiro para anotações, fotocopiados. Papel, caneta, cola e lápis diversos. Revistas e recortes. Gravadores. Câmera fotográfica. Lousa e caneta. Computadores com acesso à *internet*.

2.1.9. Avaliação

Os alunos serão avaliados ao longo do processo de acordo com a sua participação e envolvimento em todas as etapas da construção do jornal escolar. Com relação à produção escrita, eles não receberão uma nota, mas terão constantemente o retorno das estagiárias quanto ao processo da construção do texto, o que lhes dará condições de reconhecer a evolução no progresso da sua produção textual pelo processo de refacção e do reconhecimento da apropriação do conhecimento trabalhado.

2.1.10. Planos de aula

Plano de aula (1º encontro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Data: 04/11/2014 (terça-feira)

Horário: 9h00-11h30

Objetivo Geral

Ampliar o conhecimento sobre os gêneros jornalísticos e sobre a estrutura de um jornal, bem como o seu processo de produção.

Objetivos Específicos

Conhecer a estrutura de um jornal;

Compreender o processo de produção do jornal através de uma palestra;

Escolher a seção do jornal de acordo com as afinidades.

Conhecimentos abordados

O jornal, sua configuração e seu processo de produção.

Metodologia

Inicialmente as estagiárias se apresentarão aos alunos e pedirão para que eles façam o mesmo. Em seguida, apresentarão o projeto extraclasse, explicando, de forma breve, as atividades em que estarão envolvidos ao longo da preparação do jornal.

Posteriormente será ministrada uma palestra pela jornalista Jéssica Stierle. Encerrada a palestra, distribuiremos exemplares de jornais de diversas fontes e de diferentes estilos. Realizaremos uma leitura dirigida das seções do jornal a partir da atividade de montagem de um jornal. As estagiárias levarão vários esqueletos de jornal em papel pardo, com os nomes dos cadernos e seções, e vários recortes de seções significativas, representantes de um jornal. Após a amostra do esqueleto do jornal, as estagiárias irão explicar resumidamente as características de cada seção do jornal.

Em grupos⁶, os alunos deverão selecionar os recortes e montá-los na estrutura disponibilizada. Após isso, lendo o conjunto, deverão montar a capa do seu jornal (com desenhos, colagens, etc.) e dar um nome que represente a visão do seu jornal. Se houver tempo, cada grupo apresentará a forma final do seu jornal, descrevendo as seções que o compõem. Consequente à atividade, apresentaremos os núcleos desenvolvidos por cada dupla de estagiárias. Os alunos deverão se integrar aos núcleos de acordo com a afinidade com o tema trabalhado em cada um deles. Feitas as escolhas, encerraremos o encontro.

Recursos

Exemplares de jornais de várias linhas e de diversos lugares para a apresentação aos alunos, recortes de jornais, com seções variadas, para a atividade de colagem, estrutura de jornal em papel pardo, preparada previamente pelos estagiários, contendo diversos cadernos e seções.

Avaliação

Neste momento, a avaliação acontecerá de forma diagnóstica, de modo a reconhecer os conceitos que os alunos já dominam a respeito da estrutura do jornal. A avaliação acontecerá durante todo o trabalho, tanto individualmente quando coletivamente na atividade em grupo.

Plano de aula (2º encontro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

⁶ O número de alunos por grupo não pode ser previsto, levando em consideração as características do projeto extraclasse. O ideal seria até quatro integrantes por grupo, a serem escolhidos aleatoriamente.

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Data: 06/11/2014 (quinta-feira)

Horário: 9h00-11h30

Objetivo Geral

Aprofundar o conhecimento sobre o gênero reportagem, através de leituras e observações de reportagens elegidas pelas professoras.

Objetivos Específicos

Conhecer a configuração do gênero reportagem e seu papel histórico-social;

Desenvolver a leitura e interpretação de textos;

Participar das atividades propostas pelo professor, socializando as ideias com os companheiros de grupo.

Conhecimentos abordados

Gênero reportagem

Metodologia

O encontro terá início com a leitura em conjunto de uma reportagem. Em seguida, as professoras irão explicar a configuração do gênero, suas especificidades e a divisão de suas partes (manchete, *lead*, boxes, corpo do texto, entrevista, etc.).

Após isso, serão distribuídas várias reportagens para que os alunos leiam e conheçam mais profundamente o gênero. Depois, divididos em duplas, irão escolher uma reportagem e fazer um quadro com os seguintes itens: título da reportagem, jornal de que foi retirado, jornalista que a escreveu, assunto principal, quem foi consultado, recursos utilizados (entrevistas, quadros explicativos, gráficos, imagens, etc.). Em seguida, irão socializar as informações com os colegas.

No momento final do encontro, os alunos irão pensar sobre o assunto de sua reportagem e fazer um roteiro de como a escrita e a pesquisa serão feitas e quais os elementos

que irão compor o texto. Aqueles que forem fazer entrevistas, irão elaborar as perguntas a serem feitas.

Recursos

Cópias de uma reportagem para cada aluno, recortes de várias reportagens, cópias de quadros.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação nas atividades propostas pelas professoras.

Anexos

MITOS MODERNOS

O nascimento da fantasia
medieval contemporânea.

✦ Reinaldo José

Tolkien foi original ao tentar reinventar a mitologia europeia, um projeto colossai que ninguém havia tentado (ou achado razões para tentar) realizar antes dele. Mas Tolkien não surgiu do nada. O trauma das Grandes Guerras talvez seja o melhor jeito de explicar o renascimento do interesse pelas mitologias medievais que tomaria o planeta de assalto com o seu trabalho.

É preciso recuar um pouco mais no tempo para entender o porquê de tudo isso. No século 19, a Idade Média estava na moda entre os intelectuais europeus, que a usavam para tentar descobrir a suposta “essência” de seus países e de sua história. Poetas ingleses reinventaram o rei Arthur, compositores de ópera na Alemanha resolveram se inspirar nas sagas da Escandinávia viking, escritores portugueses só queriam saber de cruzados matando mouros, e por aí vai.

Não por acaso, essa paixonite medieval coincidiu tanto com movimentos nacionalistas quanto com a expansão colonial europeia na África e na Ásia. É claro que, no longo prazo, isso de todo mundo se achar o máximo acabaria dando em caca — e deu, levando à carnificina da Primeira Guerra Mundial, na qual muito moleque com a cabeça cheia de ideias sobre “cavalheirismo” e “glória” bateu as botas. A





Os livros de Tolkien só foram fazer sucesso mesmo nos anos 60.

natural reação da maioria dos escritores e artistas que viveram essa época foi considerar que esses sonhos românticos medievais tinham sido perniciosos, ajudando a levar a Europa para o abismo. Em outras palavras, chega de rei Arthur e de Thor.

Só que uma minoria de intelectuais — e os mais influentes foram, disparado, Tolkien e seu amigo C.S. Lewis (o criador das *Crônicas de Nárnia*) — chegou justamente à conclusão oposta. O século 20 estava virando um pesadelo, segundo eles, não por mitologia demais, mas por mitologia de menos. Sim, a guerra era um troço horrendo, e devia ser evitada a todo custo, mas só tinha virado um massacre industrializado sem precedentes porque muita gente não acreditava mais nos padrões eternos de certo e errado que podiam ser encontrados, por exemplo, no cerne das antigas mitologias. Era preciso recontá-las antes que fosse tarde.

Partindo de uma matéria-prima confusa e desorganizada — na mitologia escandinava, por exemplo, a diferença entre elfos e anões não é muito clara —, Tolkien fez questão de criar um universo consistente, sistematizado e lógico. Outro ponto importante é a maneira como ele decidiu “limpar” sua matéria-prima — nas palavras do próprio Tolkien, “purificando-a de seu lado grosseiro”. Embora seja possível reconhecer a inspiração das figuras de Odin e Thor nos “deuses” do universo do autor, os chamados Valar, essas figuras divinas, na verdade, estão mais para anjos um pouco mais poderosos. Em Tolkien, só existe um único Deus verdadeiro. Não por acaso, o autor era um fervoroso (e conservador) católico apostólico romano.

O Hobbit, primeiro livro de fantasia de Tolkien, saiu em 1937. Fez sucesso, mas era destinado ao público infanto-juvenil. *O Senhor dos Anéis* foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial, e acabou publicado só em 1954. Só virou um fenômeno de público em meados dos anos 60, graças ao lançamento de uma edição pirata nos EUA. O *timing* não poderia ter sido melhor, porque o livro acabou sendo “adotado” pelos hippies e por muitos outros membros da juventude que, assim como Tolkien, achavam que o mundo tinha entrado numa espiral de destruição no século 20. Nesse ponto, de fato, o professor antiquado de Oxford e muitos fãs dos Beatles tinham algo em comum: a visão negativa, contestadora, a respeito do mundo moderno.

As semelhanças paravam por aí. Ao ver as referências (relativamente raras, na verdade) à magia nos livros, a rapaziada de 1968 logo pensava em tradições místicas pagãs ou orientais, que certamente levariam Tolkien a fazer o sinal-da-cruz e sair correndo; liam sobre a célebre erva de cachimbo hobbit e logo pensavam em maconha (embora Tolkien tivesse usado até o nome científico do tabaco, *Nicotiana*, para deixar claro que o troço era simples fumo mesmo).

Pouco importava: o gênio já tinha saído da garrafa. Junto com as bandas de rock e o sinal de paz e amor, o gênero da fantasia medieval virou parte inseparável do “pacote” dos anos 60 (tanto que até os Beatles pensaram em produzir e estrelar sua própria versão cinematográfica de *O Senhor dos Anéis*).

Para atender a essa demanda, imitações bastante deslavadas da obra tolkieniana começaram a ser publicadas, vendendo feito pãozinho quente (um dos principais exemplos é *A Espada de Shanara*, do americano Terry Brooks, lançada em 1977). E um novo tipo de jogo, baseado na interpretação de personagens, fez da fantasia medieval seu principal filão. Eram os RPGs (do inglês *role playing game*, “jogo de interpretar papel”), que têm como um de seus primeiros e mais famosos exemplos o célebre *Dungeons and Dragons* (“calabouços e dragões”), lançado originalmente em 1974.

Em 1976, a fantasia chegou aos computadores com *Colossal Cave Adventure*, dando origem ao RPG em videogame. E o gênero continua a gerar fenômenos da cultura pop, como *World of Warcraft* e *The Elder Scrolls: Skyrim*.

Colocando nesses termos, pode ser que você fique com a impressão de que, após os anos de ouro de Tolkien e Lewis, as recriações da mitologia medieval acabaram lentamente virando uma mistura de mercantilismo deslavado e escapismo barato. Na verdade, tudo indica que não, ao menos não totalmente — e um dos melhores contra-exemplos recentes é justamente *As Crônicas de Gelo e Fogo*, ou *Game of Thrones*, como decidiram batizar a versão televisiva do universo do romancista George R.R. Martin.

Sim, a série é uma máquina de fazer dinheiro, e o mundo de Martin é muito mais cínico que o de Tolkien. Mas o autor continua fazendo o que o mestre fez tão bem na metade do século 20: usar elementos mitológicos para refletir sobre a natureza do poder, do certo e do errado. E isso nunca deixará de ser relevante. ♦

Exercício

Título da reportagem	
Jornal que foi retirado	
Data da reportagem	
Jornalista que a escreveu	
Assunto principal	
Quem foi consultado	

Recursos utilizados na reportagem:

- Entrevistas
- Quadros explicativos
- Gráficos
- Imagens
- Outros _____

Plano de aula (3º encontro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zaparoli

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Data: 11/11/2014 (terça-feira)

Horário: 9h00-11h30

Objetivo Geral

Realizar a produção de uma reportagem desenvolvendo o *ser pesquisador*.

Objetivos Específicos

Desenvolver o trabalho em equipe e o interesse pela pesquisa;

Desenvolver a escrita e o conhecimento do gênero reportagem através da produção textual.

Conhecimentos abordados

Gênero reportagem

Metodologia

A aula terá início com a pesquisa e a coleta de dados sobre o tema escolhido para a reportagem. Os alunos que forem realizar entrevistas e/ou tirar fotos, terão este tempo para realizá-las.

Após isso, os alunos irão organizar as informações reunidas, pensar sobre a melhor maneira de passar elas ao leitor e começar a escrita. No fim do encontro, entregarão a primeira versão do texto.

Recursos

Gravadores, máquina fotográfica e folhas almaço.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação nas atividades propostas e da produção textual, na qual será observada a adequação ao gênero reportagem.

Plano de aula (4º encontro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Data: 13/11/2014 (quinta-feira)

Horário: 9h00-11h30

Objetivo Geral

Aprofundar o conhecimento do gênero reportagem finalizando a produção da mesma.

Objetivos Específicos

Desenvolver a escrita com a elaboração da segunda versão da reportagem, observando os comentários realizados pelas educadoras;

Digitar o próprio texto, observando a formatação que é própria do meio digital;

Socializar a reportagem elaborada e as fotos com os colegas.

Conhecimentos abordados

Gênero reportagem

Metodologia

A aula iniciará com a reescrita das reportagens feitas na aula anterior, a partir das observações das professoras. Com a finalização das produções e suas devidas revisões, os alunos irão para a sala informatizada para a digitação dos textos.

Após isso, irão socializar com os colegas as reportagens prontas. Encerramento então do projeto.

Recursos

Computadores e folhas almaço.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação do aluno nas atividades propostas, bem como a reelaboração textual obedecendo a configuração do gênero reportagem.

Plano de aula (5º encontro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora orientadora: Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

Identificação

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias: Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zapparoli

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Data: 18/11/2014 (terça-feira)

Horário: 9h00-11h00

Objetivo Geral

Vivenciar o processo de confecção de um jornal.

Objetivos Específicos

Conhecer um ambiente real de produção de jornal;

Aprofundar o que foi trabalhado ao longo dos encontros.

Conhecimentos abordados

O jornal, sua configuração e seu processo de produção.

Metodologia

Os alunos, com a orientação das professoras, irão fazer uma visita à imprensa universitária, para ter contato com uma situação real de produção editorial.

Avaliação

A avaliação se dará através da participação dos alunos nas atividades propostas.

2.2. RELATOS DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA NO EXTRACLASSE

2.2.1. Relato das aulas

1º encontro

O encontro teve início com a apresentação das estagiárias e das nove alunas que estavam presentes no encontro. Logo em seguida, cada dupla de estágio comentou sobre um assunto: Cryslayne Schetz e Mariany Teresinha Ricardo discutiram sobre o projeto do Jornal do Beatriz, Camila Leticia Inocenti e Letícia Cortelette Melo apresentaram sobre os cadernos, ou seja, as seções que compõem um jornal, Ana Cláudia Fabre Eltermann e Suzy Zaparoli explicaram sobre o desenvolvimento da atividade que seria feita na sequência. As alunas formaram grupos de três e receberam, cada, um papel pardo com recortes de jornais. A atividade constituía em formar um jornal dispondo os recortes e formando as seções que poderiam ser escolhidas e criadas pelas alunas. A atividade foi interrompida às 10:00 horas, para o intervalo.

Após o intervalo, houve uma palestra com Jéssica Stierle, da revista *Its*, na qual, entre outras coisas, foi discutido o processo de produção de um jornal. Após a palestra, deu-se a continuidade da atividade de confecção do jornal através dos recortes.

2º encontro

O encontro teve início com a continuação e finalização da atividade do jornal e apresentação do resultado, em que cada grupo mostrou o seu jornal pronto. Após cada apresentação, as estagiárias destacavam as diferenças de um jornal para o outro.

Em seguida, houve a explicação sobre os gêneros a serem trabalhados, a saber reportagem, notícia e diversos, como quadrinhos, charges e correio do amor. Dessa forma, foram divididas as oito alunas em duplas, por gênero a ser trabalhado, e houve um sorteio entre três meninas que queriam participar da reportagem.

Após o intervalo, houve a explicação sobre a configuração do gênero reportagem e leitura em conjunto da reportagem *Mitos modernos*, da revista *Dossiê Super Interessante*, de outubro de 2014. Aqui se faz necessário um parêntese. Foi escolhida a referida reportagem, pois julgou-se ser um assunto que iria despertar a curiosidade e o interesse nas estudantes, já

que é algo presente na vida dos adolescentes atualmente. Surpreendentemente, as duas alunas não conheciam o assunto e, portanto, não demonstraram entusiasmo pelo texto.

Em seguida, as estagiárias disponibilizaram várias reportagens para que as duas alunas escolhessem uma. Ambas escolheram e leram juntas a entrevista *A vida de estudante*, da revista *Mundo Jovem*, de fevereiro de 2014. Finalmente, as discentes deveriam preencher uma tabela com as partes da reportagem eleita.

3º encontro

No início do encontro, as professoras conversaram com as alunas e perguntaram sobre o assunto que elas gostariam de abordar na reportagem que seria escrita. As duas escolheram então o tema *bullying*. A partir disso, foram decididas algumas questões: seria feita alguma entrevista ou algum questionário? Haveria boxes, quadros ou tabelas? Quais informações seriam relevantes para constar na reportagem? A partir destas questões, as alunas decidiram fazer uma entrevista com a orientadora pedagógica e um questionário com os alunos. A entrevista, no entanto, não pôde ser realizada, por questão de tempo.

As alunas foram, em seguida, para a sala de informática, para que pudessem pesquisar sobre o assunto e fazer as anotações pertinentes. Após a pesquisa, começaram a escrita do texto, escolhendo as informações mais relevantes e estruturando-as em sua reportagem.

4º encontro

Neste encontro, primeiramente, as estagiárias e as alunas foram nas salas das turmas 61, 71 e 81 para aplicar um questionário sobre *bullying* para os estudantes. Foram entregues, em cada sala, uma folha com três perguntas: você já sofreu *bullying*?, se sim, que tipo de *bullying* você já sofreu?, conte uma experiência de *bullying* que você já tenha vivenciado ou visto.

Depois de recolhidas as respostas, foi lido o que havia sido respondido e contabilizados os dados em uma tabela. A partir desta tabela, foi construído então um gráfico no computador, com os tipos mais frequentes de *bullying* que haviam na escola. Foram selecionados, ainda, três relatos, para aparecer em boxes na reportagem do jornal. Por fim, as alunas escreveram a continuação da reportagem que haviam iniciado no encontro anterior, apresentando o gráfico e comentando os resultados.

5º encontro

Esse encontro ocorreu na Imprensa Universitária com os alunos do extracurricular da manhã e da tarde. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, através do passeio pela imprensa, a indústria por trás da confecção de jornais e de livros. Mostraram particular interesse na elaboração do jornal antigo, em que o processo era por meio de carimbo, havendo na imprensa pequenas peças para cada letra. Após a visita, os alunos caminharam de volta para a escola.

2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

O princípio do projeto extraclasse se deu a partir de uma demanda da própria escola, pois a pedido do diretor deu-se continuidade ao projeto *Jornal da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito*, iniciado em 2011 por uma turma de estágio de língua portuguesa da UFSC. Dessa forma, foram realizados cinco encontros, no período matutino, na sala 5 da E.B.M. Beatriz de Souza Brito para a confecção do jornal nos dias 4, 6, 11 e 13 de novembro de 2014 e uma saída para a Imprensa Universitária no dia 19 de novembro do mesmo ano.

Para trabalharmos no projeto, escolhemos o gênero reportagem, pois era amplo e possibilitava a abordagem de diversos assuntos. Construimos os planos de aula sempre pensando no contexto do nosso “futuro público”, escolhendo reportagens que prendessem a atenção dos discentes. No primeiro dia o encontro foi realizado com o grande grupo, sendo que apenas no segundo encontro os alunos foram separados em duplas e demos início às nossas atividades com duas alunas de turmas diferentes - uma do sétimo ano e outra do sexto ano.

Refletindo sobre nossa prática no projeto extracurricular, pudemos perceber e pensar sobre as diferenças entre as duas práticas: a docência em sala de aula e a docência em um projeto extraclasse. Uma delas é em relação à quantidade de alunos e de atenção que demos a cada um. Durante o período das aulas na turma 71, tínhamos dificuldade, muitas vezes, de conseguir a atenção, devido à quantidade excessiva de adolescentes na mesma sala de aula, no caso de nossa turma, trinta e cinco, o que tornava o volume de conversas muito alto e difícil de controlar, em alguns dias em que estavam mais agitados. Muitas vezes não podíamos dar uma atenção mais especializada para alguns estudantes, que tinham mais dificuldade de concentração ou de escrita, porque tínhamos muitos alunos para atender. No projeto extraclasse, que possui uma quantidade reduzida de participantes, podíamos estar sempre ao

lado das adolescentes, auxiliando-as durante todo o tempo e facilitando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Apesar disso, como a quantidade de encontros no extraclasse é menor do que os do período de docência, não conhecemos tão bem as alunas que participavam, como havíamos feito antes, com a aplicação de questionários, com a observação e com a própria prática. Dessa forma, era difícil saber quais eram os interesses delas, principalmente com as alunas com as quais trabalhamos, que eram muito tímidas.

Em geral, não tivemos grandes dificuldades, principalmente porque as alunas que participaram conosco do projeto o fizeram por vontade própria e por gostarem de escrever. No entanto, como não tivemos oportunidade de conhecê-las antes dos encontros, como já mencionado, ao selecionar a reportagem para a leitura, acabamos escolhendo um assunto que não era do interesse delas, o que acabou não funcionando como o esperado.

Além disso, por conta do tempo, não conseguimos desenvolver todas as atividades que as discentes planejaram, como a entrevista com uma funcionária pedagógica da escola, construindo em conjunto apenas a pesquisa quantitativa através dos questionários.

Por fim, sabendo que a função do professor não se restringe apenas em seu tempo em sala de aula, pensamos que o projeto extraclasse foi importante para a nossa formação como educadoras. Observamos que o projeto, também, integrou e mobilizou diversos alunos da comunidade escolar para produzir diversos textos para os leitores do *Notícias do Beatriz*, que são, em sua maioria, os próprios alunos. O projeto, dessa forma, incentiva a escrita e a leitura no ambiente escolar se constituindo em *diálogo*.

3. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

A atuação do professor vai muito além da sala de aula. O conselho de classe é um dos momentos em que os docentes de todas as áreas podem, juntos, refletir sobre a própria prática pedagógica e sobre aquela que vem sendo realizada na escola como um todo. Além disso, o conselho constitui um momento de superação da fragmentação do trabalho escolar, permitindo que novas formas de ensino, interdisciplinares, possam ser propostas.

Assim, participamos também do conselho de classe do terceiro bimestre, que foi realizado no dia 23 de outubro de 2014 na sala informatizada. O conselho foi iniciado com informes feitos pelo diretor sobre a matrícula, a saída de estudo para a Bienal de São Paulo, a aquisição de novos monitores e notebooks e a importância da apropriação desses materiais pelos professores. O diretor ainda comentou sobre a reforma e alguns percalços que ocorreram com a mesma. Em seguida houve uma exposição, realizada por uma professora para o restante dos professores, sobre novos modelos de ensino em outras partes do mundo. Além disso, se discutiu sobre a escola em tempo integral. A reunião pedagógica prosseguiu com a leitura individual do texto elaborado pela coordenação pedagógica e discussão sobre o mesmo.

Não pudemos participar de toda a reunião que se estendeu no período da tarde, mas através dela despertamos novos olhares para a escola e para nossa própria turma onde desenvolvíamos as atividades de estágio. O conselho de classe, assim, mostrou-se um espaço necessário para a reflexão e discussão sobre a prática pedagógica e sobre os sujeitos que estamos educando e o cotidiano de cada um.

4. ENSAIOS INDIVIDUAIS

4.1. A experiência de estágio: o início do percurso, por Ana Cláudia Fabre Eltermann

Neste ensaio, tenho como objetivo fazer uma reflexão acerca da experiência de estágio no Ensino Fundamental II, na turma 71 da E.B.M. Beatriz de Souza Brito. Início minha escrita com uma confissão: o estágio era um dos momentos mais temidos por mim, desde que entrei na graduação. Eu sabia que, em algum momento, teria que entrar em sala de aula como professora, mas esta ideia sempre me deixava apreensiva. Será que eu daria conta? Será que eu conseguiria transpor o conhecimento que adquiri ao longo do curso de uma forma adequada? Será que os alunos me entenderiam e eu seria uma boa professora?

No entanto, eu não poderia imaginar que a experiência fosse sequer parecida com o que foi. E, felizmente, o estágio foi muito além das minhas expectativas. Primeiramente, tive o apoio de duas pessoas maravilhosas, que me ajudaram muito a enfrentar o meu nervosismo e a minha ansiedade neste percurso docente: a nossa orientadora, professora Isabel, sempre incentivadora e prestativa, e minha dupla de estágio, Suzy, que é a melhor colega e amiga possível. Além disso, a escola e a professora da turma sempre nos ofereceram o suporte e o apoio necessários para o que precisássemos. E talvez eu seja suspeita para falar, mas também trabalhamos com uma turma encantadora; seria difícil não gostar de dar aula para eles.

O primeiro ponto que gostaria de comentar é relacionado ao período de observação, principalmente. Voltar à escola de Ensino Fundamental, depois de tantos anos, e ficar lá, no fundo da sala, observando a aula, os exercícios, as conversas, as brincadeiras, me deu uma dimensão do caminho que eu percorri, do quanto eu mudei ao longo desse tempo, mas também do quanto as coisas continuavam iguais ao que eram. Continuamos com aquele modelo de escola no qual os alunos sentam enfileirados, abre-se o livro didático e fazem-se exercícios de interpretação, a maioria de localização, e pronto. E sabemos que a culpa não é do professor, que é difícil sair desse modelo quando temos os três períodos cheios e mais de trezentos alunos para educar. Estar no estágio, com uma turma apenas, neste caso, é um privilégio. E justamente por isso, por termos quase um mês para planejar nossas aulas, é que desejamos dar o melhor de nós.

Apesar disso, muitas vezes, conversando com minha dupla de estágio, pensando na melhor forma de abordarmos o nosso tema, o conto de terror, várias perguntas surgiram. Queríamos escapar de um ensino tradicional, trazer atividades diversificadas, fazer com que os alunos ficassem motivados a procurar cada vez mais leituras. No entanto, no planejamento,

mesmo com as teorias atuais de ensino frescas na cabeça, muitas vezes caíamos em atividades do ensino tradicional, principalmente quando pensávamos em análise linguística e ensino de gramática, e tínhamos que repensar toda a aula. Era uma frustração, porque sabíamos o que *não* devia ser feito. Mas e o novo, de que forma o fazemos? Estamos no meio de um percurso, no meio de uma mudança, e é muito difícil saber por onde trilhar. Não existe um modelo pronto de como ensinar e nunca vai existir. Saber disso é um desafio.

No que se refere às aulas ministradas, propriamente ditas, acredito que minha maior dificuldade, principalmente nas primeiras aulas, foi o nervosismo. Por desejar dar o meu melhor, ficava muito apreensiva antes de entrar em sala. Acredito, no entanto, ser normal, e nas últimas aulas já me sentia à vontade me colocando na posição de professora.

Outra dificuldade que senti, pela quantidade excessiva de alunos na turma, é que o professor, em sala de aula, precisa estar atento a uma quantidade enorme de acontecimentos: precisa pensar sobre o assunto que está trabalhando, ouvir o aluno que está questionando algo, prestar atenção no aluno que quer sair de sala, no aluno que sairá em seguida, na chamada que precisa ser feita, etc. Muitas vezes eu não sabia o que fazer primeiro. Por este motivo, muitas vezes era impossível dar uma atenção maior para alguns alunos que tinham mais dificuldade, considerando que havia outros trinta alunos em sala.

Apesar das dificuldades, acredito que a experiência foi extremamente positiva. Sei que tenho ainda muito a aprender e, sendo professora, o aprendizado será eterno. Estou ansiosa para o Estágio II, para os novos desafios, dessa vez mais segura do que estava nesta primeira etapa.

4.2. Estágio: Costurando e vestindo experiências, por Suzy Zaparoli

Penso que o estágio não deve ser encarado como uma transposição da teoria – vistas nas disciplinas acadêmicas – para a prática. Não se trata disto. Essa etapa em nossa formação deve ser vista como uma união entre a prática e teoria, ação e reflexão que faz parte do fazer docente constituindo um espaço para a nossa performance, ou seja, nossa realização do ser professor.

Mesmo já tendo algumas experiências de sala de aula, já que fiz curso de magistério e ministrei algumas aulas de latim no curso extracurricular na faculdade, o estágio docência mostrou-se fundamental para a minha formação como professora, amadurecendo a minha visão do papel do educador. Para tanto, contei com o apoio de minha dupla de estágio, Ana Claudia Fabre Eltermann – a Anete, que me acompanhou nas reflexões sobre os alunos, sobre

os caminhos que faríamos para motivá-los a ampliar seus conhecimentos e ajudou-me na costura dessa experiência que é o estágio.

Entrando mais nos nós desta costura, é importante refletir sobre a minha própria prática docente, lembrando aqui do poema de Sérgio Capparelli, em que eu me coloco como sujeito singular, com uma vivência histórico-social própria. Portanto o meu modo de ver e sentir será único.

Na minha pele

Ninguém vê
 O que vejo
 Faz
 O que faço
 Sente
 O que sinto
 Sou eu
 De pedaço
 Em pedaço.
 Ninguém sente
 A pele que visto
 Por isso
 Eu sou eu
 E apenas eu
 Desde que existo.

Seguindo essa linha de costura, gostaria de falar como eu vi e senti o estágio. No começo de minhas aulas, eu mostrava uma desorganização temporal, em que eu ficava explicando atividades para os alunos até o último momento, o que gerava confusão quando se ouvia o sinal do fechamento das aulas. Esse problema, logo que observei, eu fui melhorando com o tempo, sempre dando espaço nos finais das aulas, para que os alunos se organizassem. Também notei desde o estágio observação que apesar da turma ser em geral receptiva e respeitosa para com os professores, ela era muito grande, 35 alunos, carecendo assim de acompanhamento individual, o que penso ser muito importante para o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, muitas vezes, não conseguia perceber singularidades e aproximar-me dos alunos que mostravam desinteresse e indiferença. Isso me frustrava de certa forma, pois não conseguia dar a atenção que todos necessitavam.

Outra experiência que me trouxe certa frustração foi a leitura do conto *O gato preto* de Edgar Allan Poe, pois os alunos acharam-no extenso e “muito complicado”. Durante a leitura, busquei fazer pausas para explicação e retomada da história, busquei troca de vozes entre os alunos, e a exibição de imagens através de Datashow. Apesar disso, alguns alunos apenas

acompanharam até a segunda página e logo desistiram. Dois estudantes, durante uma pausa chegaram a sugerir que o resto poderia ser lido no outro dia. Respirei fundo e neguei a sugestão: o conto deve ser lido do começo ao fim. Ao final, senti que não havia alcançado o que eu esperava com a aula, que os alunos haviam detestado o conto. Por isso fiquei muito surpresa quando um aluno no mesmo dia me disse que “finalmente alguém traz algo assim para a gente ler!”. Fiquei mais admirada quando notei que um aluno havia retirado um livro de contos de Edgar Allan Poe. Isso, o fato de eu ter despertado interesse nos discentes, me fez mudar minha ideia de “aula perfeita”.

Lembrando a frase de que muitas vezes o óbvio, não é tão óbvio, meu maior medo e insegurança frente à turma era “Será que eles entenderam?”. Eis o motivo de eu repetir muitas vezes a mesma coisa para a turma. Preocupava-me também o fato dos alunos se sentirem cativados pela aula, dessa forma, meu esforço era de que sentissem atração pelo tema. Buscava também ter controle de disciplina sobre a turma, sempre chamando atenção de determinado comportamento ou comentário feito em sala de aula. A frase que ouvi de uma aluna nos corredores “Você é a professora que dá cortação nos alunos!” é o que sintetiza o meu dia a dia no estágio. Assim, buscando ser autoridade, sem ser autoritária, cobrava respeito por parte de todos os alunos.

Por fim, devo fazer um pequeno comentário sobre o espaço da minha experiência, a E.B.M. Beatriz de Souza Brito. Já conhecia a escola anteriormente e admirava o projeto pedagógico e o espaço da escola. Exercendo o papel de educadora dentro da escola, confirmei minhas expectativas, pois a equipe pedagógica oferece um grande apoio para os professores, criando laços com as crianças e se possível saber qual é a realidade de cada um, preocupando-se em formar sujeitos críticos e inventivos. Isso ficou mais claro no conselho de classe, em que trouxeram pequenas anotações de cada aluno, suas dificuldades e suas atitudes. Além disso, a escola através do tema “leitura e escrita, compromisso de todas as áreas”, traz uma costura entre disciplinas que possibilitam que o aluno tenha experiências únicas, coisa que não havia observado em outra escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, fica a pergunta “O que tiramos da experiência de estágio?”. Partindo do pressuposto de que somos seres em constante mudança, e acreditando que o professor está sempre em trans(formação), essa pergunta não tem resposta pronta, pois demanda uma reflexão contínua sobre nossa prática ao longo deste semestre.

Ao entrar na sala de aula, sentimos que é necessário se ter uma boa base teórica para não se contradizer na prática pedagógica. Porém, muitas vezes, sentimos dificuldade em seguir a teoria nas nossas atitudes como educadoras. Por isso, achamos de real importância a reflexão sobre nossas ações como profissionais da educação, seja através de reuniões pedagógicas, seja individualmente. Temos total consciência, no entanto, da precariedade de tempo para os professores na rede pública para (re)pensar sobre sua atuação pedagógica, limitando-os a ficar presos em um dado modelo teórico. No estágio, porém, e em especial na escola onde iniciamos nossa caminhada como professoras, fomos presenteadas com esse tempo para a reflexão.

O estágio nos proporcionou, dessa forma, esta experiência de transposição da teoria para a prática e esse momento de reflexão. Saímos da sala de aula como alunas e entramos, desta vez, como professoras. Sabemos que o estágio não representa exatamente o que vamos enfrentar em sala de aula como docentes, pois é uma situação artificial. Não acompanhamos aqueles alunos ao longo do ano letivo; temos aquelas escassas 16h/a para passar algo a eles, para cumprir nossa meta e nosso cronograma. Mas ainda assim, o estágio nos proporciona esta transição, esta primeira vivência. É o primeiro passo para nos sentirmos, finalmente, educadoras.

Aprendemos muito com os nossos alunos do estágio: fomos tão professoras deles, quanto alunas. E sabemos que ainda temos muito o que aprender sobre o fazer docente e que, como professoras, estaremos sempre em busca do nosso melhor: a melhor forma de fazer, de dizer, de passar o que queremos.

6. REFERÊNCIAS

6.1. REFERÊNCIAS DA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. [Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO. *Projeto Político Pedagógico*. 2013.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

_____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo, SP: Ática, 2006.

OLIMPÍADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. In: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php>>. Acesso em 14 de Setembro de 2014.

POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras do Brasil)

SCHNEUWWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

6.2. REFERÊNCIAS DO PROJETO DOCÊNCIA

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª edição. São Paulo: Hucitec, 2009.

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos sobre o conto. _____. In: *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucchi Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo (SP): Ática, 2006.
- _____. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARIA, Luzia de. *O que é conto*. 1ª reimpr. da 4. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 135)
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação da Excelência à Regulação das Aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZABALA, Antoni. Conteúdos da avaliação: avaliação dos conteúdos conforme sua tipologia. In: *A Prática Educativa: como ensinar*. Porto alegre: ARTMED, 1998.

7. ANEXOS

DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

Anexo 1 - Termo de compromisso de estágio obrigatório - TCE

Anexo 2 - Registro de observação das aulas de português - Ensino Fundamental

Anexo 3 - Entrevista com a professora regente

Anexo 4 - Questionário para os alunos

EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

Anexo 5 - Amostra de atividade: *A coisa*, de Ruth Rocha

Anexo 6 - Amostra de atividade: Elementos narrativos

Anexo 7 - Amostra de atividade: Conto em grupo

Anexo 8 - Amostra de atividade: Exercício de adjetivos

Anexo 9 - Amostra de atividade: Conto individual

PROJETO EXTRACLASSE

Anexo 10 - Reportagem escolhida pelas alunas para atividades

Anexo 11 - Questionário para pesquisa

Anexo 12 - Reportagem produzida

Anexo 13 - Fotos

Anexo 1 - Termo de compromisso de estágio obrigatório – TCE



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 562359

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Edilton Piacentini, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto De Vargas, e o(a) estagiário(a) Ana Claudia Fabre Eltermann, CPF 028.546.961-40, telefone 96653328, e-mail ana_eltermann@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 11206379 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Municipal Beatriz de Souza Brito, de 11/08/2014 a 12/12/2014, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rita De Cássia Peres.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 562359

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 07 de outubro de 2014.

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Edilton Piacentini
Edilton Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Ana Claudia Fabre Eltermann
Ana Claudia Fabre Eltermann - Estagiário

Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Rita De Cássia Peres
Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 562274

O(A) **Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação**, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Edilton Luís Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Suzy Zaparoli**, CPF **028.846.780-93**, telefone **(048)91821900**, e-mail **suzyzaparoli@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11201907** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|---|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Municipal Beatriz de Souza Brito, de 11/08/2014 a 05/12/2014, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rita De Cássia Peres.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|---|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 562274

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de sétimo ano – Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos; atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 07 de Outubro de 2014.

Isabel Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Edilton Luís Piacentini
Edilton Luís Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Suzy Zaparoli
Suzy Zaparoli - Estagiário

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio

Anexo 2 - Registro de observação das aulas de português - Ensino Fundamental



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Escola Municipal Beatriz de Souza Brito
Turma: 71
Professora: Rita de Cássia Peres
Estagiário(a): Ana Cláudia Galvão Ostermann
Período de observação total: 10 h/a

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	20/08/2014	10:15 - 11:45	Leitura de crônica e exercícios de interpretação	
Aula 2	22/08/2014	7:45 - 8:30	Exercícios de interpretação (concepção)	
Aula 3	26/08/2014	11:00 - 11:45	Exercícios sobre figuras de linguagem	
Aula 4	27/08/2014	10:15 - 11:45	Leitura e correção sobre o gênero crônica	
Aula 5	29/08/2014	7:45 - 8:30	Planejamento da produção textual (crônica com diálogo argumentativo)	
Aula 6	02/09/2014	11:00 - 11:45	Planejamento e elaboração da crônica	
Aula 7	03/09/2014	10:15 - 11:45	Leitura e elaboração da crônica	
Aula 8				
Aula 9				
Aula 10				

Assinatura da Professora da Turma



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

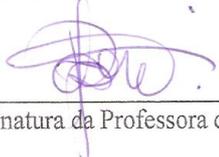


Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Escola Municipal Beatriz de Souza Brito
Turma: 7A
Professora: Rita de Cássia Peres
Estagiário(a): Suzy Zapardi
Período de observação total: 10 h/aula

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	20/08	10:35 - 11:45	leitura de crônica e exercícios de interpretação (correção)	
Aula 2	22/08	7:45 - 08:30	exercícios de interpretação (correção)	
Aula 3	26/08	11:00 - 11:45	correção de exercícios sobre figuras de linguagem	
Aula 4	27/08	10:35 - 11:45	leitura e reflexões sobre o gênero crônica: texto	
Aula 5	29/08	7:45 - 08:30	Planejamento da crônica de diálogo argumentativo	
Aula 6	02/09	11:00 - 11:45	Planejamento do gênero de diálogo argumentativo	
Aula 7	03/09	10:35 - 11:45	leitura, avaliação da crônica com diálogo argumentativo	
Aula 8				
Aula 9				
Aula 10				


Assinatura da Professora da Turma

Anexo 3 - Entrevista com a professora regente

1. Qual a sua formação profissional?

Letras/ Português – Universidade Federal de Santa Catarina.

2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? Há quanto tempo na rede de ensino municipal de Florianópolis?

Há dezenove anos e, na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, há quinze anos.

3. Exerce atividade de ensino em outra rede/escola?

Sim, na Rede Estadual: Escola de Educação Básica Dr. Paulo Fontes.

4. Qual a sua carga horária semanal? Em que regime de trabalho (efetivo ou temporário)?

Minha carga horária é de sessenta horas semanais e meu regime de trabalho é estatutário, ou seja, sou professora efetiva nas duas redes de ensino.

5. Qual a quantidade de alunos você tem atualmente?

Atualmente trabalho com, aproximadamente, trezentos e trinta estudantes.

6. Tem outra atividade remunerada?

No momento, não tenho outra atividade remunerada.

7. Qual a sua metodologia de trabalho? Como planeja suas aulas? Há diálogo com os professores de outras disciplinas e/ou com o outros professores de português?

Procuro exercer a docência, sempre que possível, a partir do diálogo, da interação e através de sequências didáticas; planejo minhas aulas procurando contemplar sugestões que foram dadas pelos estudantes, por colegas de trabalho, a partir de pesquisas, leituras e a partir de uma autoavaliação quase que diária procurando, sempre, fazer o melhor possível para que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. Em relação ao diálogo com outras disciplinas, ele ocorre e, às vezes, acontece na hora do recreio, no almoço ou quando temos uma reunião em que um tempo é reservado para que conversemos e planejemos juntos. Este ano, por exemplo, na Escola Beatriz, já fizemos duas atividades em conjunto e uma terceira está em andamento. Agora, em relação a interagir com outros/outras professores/as de Português, somente

em encontros de Formação da Rede Municipal de Ensino; nas escolas, infelizmente, não tenho colega de área.

8. Qual a sua proposta de trabalho para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, escuta e oralidade?

Em relação à leitura, procuro estimulá-los mantendo um horário semanal de visita à biblioteca, trazendo livros, gibis e/ou revistas para a sala de aula no horário da visita à biblioteca, lendo para eles, contando sobre o quanto a leitura me ajudou, e ajuda, para o desenvolvimento de minhas atividades e no exercício de minha cidadania; no caso da escrita, pedindo, em alguns momentos bem específicos, para que reescrevam uma história que li, solicitando a produção textual de um gênero estudado e pedindo para que planejem, elaborem e revisem seus textos e, quando necessário, solicitando a reescrita do texto que tenha apresentado problemas de coerência e coesão – por exemplo. No caso da oralidade, trabalhando com gêneros da oralidade, chamando a atenção para a importância de ouvir o outro e, principalmente, quando se trata de crianças e adolescentes, ultimamente, solicitando que respeitem a fala do outro e, para concluir, dizendo aos estudantes que a fala e a escuta fazem parte do processo avaliativo.

9. Na escola há um projeto específico que trata das questões da linguagem? Você participa de algum?

Específico, até o momento, não; teremos em breve.

10. Qual a sua concepção de língua e de sujeito?

Língua/ linguagem é interação e sujeito é aquele capaz de mudar, de alguma forma, o mundo que o cerca. É através da língua/linguagem que exercemos nossa cidadania, nos fazemos visíveis, mantemos aspectos de nossa cultura que precisamos perpetuar ou adequamos outros que não são mais possíveis de serem mantidos como eram. Em se tratando de língua, comungo da teoria de Bachtin quando diz: "A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam".

11. Quais as suas práticas sociais de leitura?

Leio os vários gêneros com os quais trabalho e outros que se fazem necessários para o exercício de minha profissão e para exercer minha cidadania; sendo assim, costumo ler: jornais,

revistas especializadas, ou não e livros técnicos – este último, infelizmente, em quantidade muito reduzida, pois a docência me consome bastante tempo.

12. O que você costuma ler no tempo livre?

Sempre que posso leio romances – principalmente clássicos – e livros técnicos. Leio também jornais e revistas; tanto no virtual quanto no físico.

13. Você tem autonomia para escolher o material didático?

Sim. Nunca encontrei nenhum empecilho quanto à escolha de material didático e procuro ser muito consciente de minhas escolhas.

14. Qual a relevância da biblioteca da escola no planejamento das suas aulas?

Extremamente relevante; não consigo conceber – mesmo sabendo que tem – uma escola sem uma biblioteca e, pior, uma biblioteca sem um/uma bibliotecário (a). Infelizmente, volto a repetir, tem escolas em que não há biblioteca e, em outras, existe o espaço da biblioteca, porém não há o profissional. Se em meu planejamento a leitura aparece em destaque, conseqüentemente a biblioteca também será relevante para a efetivação de práticas de leitura – tanto para os/as estudantes quanto para mim.

15. Há alguma observação relevante que você gostaria de deixar registrada?

Mesmo não tendo falado em gramática, gostaria de deixar registrado que ela é enfocada de acordo ao gênero textual em estudo, ou seja, elenco conteúdos gramaticais relevantes para o entendimento e produção do gênero em estudo.

Anexo 4 - Questionário para os alunos

QUESTIONÁRIO

Ninguém vê
 O que vejo
 Faz
 O que faço
 Sente
 O que sinto
 Sou eu
 De pedaço
 Em pedaço.
 Ninguém sente
 A pele que visto
 Por isso
 Eu sou eu
 E apenas eu
 Desde que existo.

(CAPPARELLI, Sérgio. Na minha pele. In: *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003.)

Nome: _____

Apelido: _____

Data de nascimento: / /

Qual é o meio de transporte que você utiliza para chegar à escola? _____

Onde você nasceu? _____

Quantas pessoas moram com você? _____

Qual é o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino superior completo | <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto |

Você gosta do lugar onde mora? Por quê?

O que você mais gosta na escola em que estuda? O que poderia melhorar?

Você participa ou já participou de algum projeto extraclasse? Se sim, qual projeto?

O que você acha das aulas de Língua Portuguesa? O que considera bom e que pensa que poderia melhorar?

Quais são as suas melhores qualidades como aluno? E que pontos você acha que deve melhorar?

Você faz alguma atividade fora da escola? (Outros cursos: língua estrangeira, esportes, informática, etc.).

Você exerce alguma atividade remunerada? Qual? Por quantas horas?

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Você gosta de ler? O quê (revistas, quadrinhos, jornal, livros)?

Você tem computador em casa? Usa a internet?

Tenho computador e internet em casa

Não tenho computador e internet em casa, mas tenho acesso à internet em outros lugares

Não tenho acesso ao computador e à internet

Se você utiliza a internet, é para:

e-mail

facebook

whatsApp

jogos online

twitter

youtube

tumblr

blogs

notícia

estudo

instagram

quadrinhos

() Outros. Especifique: _____

As professoras Ana e Suzy querem assistir um filme. Qual filme você recomendaria para elas?
Por quê?

Você assiste televisão? Qual o seu programa favorito?

Se você pudesse se tornar um personagem de ficção (de um livro, desenho, filme ou série), qual você seria?

Qual o seu estilo musical favorito?

Anexo 5 - Amostra de atividade: A coisa, de Ruth Rocha

Descrição

Alto, grande, de aparência horrível, tufo de cabelo vermelho na cabeça grande, com uma luz vermelha brilhante e medonha na barriga, um focinho meio estenso, fogo saía serpenteando em baforadas de sua boca, pele escamada e vermelha escarlate, olhos grandes que brilhavam como vidro, recolhido na forma de um "C", dois grandes chifres saíam de sua cabeça e se retorciam formando um meio círculo.

Eu acho que é a Annabelle. Ela é uma boneca, com o rosto manchado de sangue e usa um vestido meio rosa. Ou pode ser também o Justin Bieber com um boné vermelho e uma roupa dourada, não é muito grande e tem o cabelo jogado pro lado meio loiro.

Anexo 6 - Amostra de atividade: Elementos narrativos

1. Crie descrições de um personagem, um espaço, um tempo e assinale um tipo de narrador.

Ficha do personagem

Nome ou como é chamado: Vendão (Porque citava uma praia Verde)

Características físicas: Ele é negro, tem olhos grandes e escuros, tem uma boca normal, tem dois de seus dentes muito grandes, ele é alto, tem a cabeça exposta, como se fosse um espírito.

Características psicológicas: Ele é muito gostoso, gosta de pescar para a guarda das águas, para ajudar, ele não mata as pessoas apenas a deixam d'beira d'água até ficarem secas, depois as levam para suporície.

Espaço

Nome do espaço / Tipo de espaço: Praia do Verde

Faça uma descrição do local: É uma praia muito movimentada, não importa se o Vendão cita, as pessoas sempre vão para praia, já que ninguém vai morto, dizem que quando está morto, fica mais gostoso, mas saudável, por isso a praia é sempre movimentada.

Tempo

A história acontece:

em um tempo passado () no presente, na atualidade () em um tempo futuro

Caracterize este tempo que você imaginou: Aconteceu todos os domingos,

um dia com um dia só, durante um ano.

Narrador

() Narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa (o narrador é uma das personagens da história. Ao mesmo tempo que conta os fatos, participa deles, mostra-se. Percebemos sua presença pelo uso da 1ª pessoa: *eu, nós* ou *a gente*.)

Narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa (ausente do texto, limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões. O leitor não percebe a presença dele no texto.)

() Narrador intruso (não toma parte nos acontecimentos, mas comenta os fatos, expressa sentimentos e opiniões.)

1. Crie descrições de um personagem, um espaço, um tempo e assinale um tipo de narrador.

Ficha do personagem

Nome ou como é chamado: Diana

Características físicas: Cabelos longos e ruivos, pele branca como a neve, olhos negros e sem vida, pequenos sardas pelo rosto, lábios vermelhos escarlate, estatura mediana vestida com um vestido longo, rendado e totalmente negro com uma adaga presa a cintura

Características psicológicas: Calma, doce, gentil, mas afastada de todos os outros por medo de machucar ou até matar alguém.

Espaço

Nome do espaço / Tipo de espaço: Cemitério

Faça uma descrição do local: Tumulos, altares e criptas se estendiam ao longo de fileiras bem organizadas, onde a garota se sentava numa clareira no meio do cemitério onde não havia nada e a grama já estava morta.

Tempo

A história acontece:

() em um tempo passado (X) no presente, na atualidade () em um tempo futuro

Caracterize este tempo que você imaginou: Tempos como hoje onde os jovens
saem pra se divertir e tem mais liberdade.

Narrador

(X) Narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa (o narrador é uma das personagens da história. Ao mesmo tempo que conta os fatos, participa deles, mostra-se. Percebemos sua presença pelo uso da 1ª pessoa: *eu, nós* ou *a gente*.)

() Narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa (ausente do texto, limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões. O leitor não percebe a presença dele no texto.)

() Narrador intruso (não toma parte nos acontecimentos, mas comenta os fatos, expressa sentimentos e opiniões.)

Anexo 7 - Amostra de atividade: Conto em grupo

Exercício

1. Preencha as lacunas com as fichas sorteadas pelo grupo e, em seguida, continue a história.

Em uma noite sombria (tempo), quando tudo parecia perdido, Homem-aranha (personagem) foi até o castelo (espaço) e encontrou

o temido Lucas. Foi quando, inesperadamente, Lucas morreu em bre-
agudo e foi assassinado por moças frutí-
feras. Uma detetive chamada Violeta fez inves-
tigar o caso. Homem-aranha teria sido quem
incentivou Lucas a beber naquela noite.

Violeta foi dar uma olhada no castelo,
querendo ver Homem-aranha sujeito de sangue
dormindo.

Depois de ver aquela cena a detetive foi po-
quiar na biblioteca e descobriu que, na verdade
Homem-aranha e Lucas eram dois maníacos
conhecia e que o Homem-aranha tinha cometido
o Lucas para saciar sua fome.

Após isso ela não existiu mais o Homem-aranha.
Com medo, chamou a polícia... mas quando
a polícia chegou ao local, viu apenas o
corpo de Violeta pisalhada, com os membros
arrancados brutalmente e as entranhas para fora.
Foi então quando Homem-aranha agarrou a droga
e disse:

Anexo 8 - Amostra de atividade: Exercício de adjetivos

2. Preencha as lacunas com os adjetivos ou locuções adjetivas que você considerar mais apropriados para criar uma história assustadora.

Em uma cidade escura, onde tudo era muito sombrio, havia um parque de diversões macabro, habitado por um fantasma muito feio. Certo dia, um menino ridículo, que estava jogando bola próximo ao parque, deixou ela cair para dentro dos muros altos do lugar. Como a criança era muito idiota, não pensou duas vezes e pulou o muro. Ao cair na terra pedre, percebeu que sua bola quadrada estava no carrossel, que rodava lentamente, sem que ninguém estivesse perto para controlar o brinquedo. Uma música chata tocava enquanto o carrossel veloz girava. O menino aproximou-se para pegar sua bola, quando viu um vulto lindo passar ao seu lado. A criança pequeno gritou, mas ninguém podia ouvi-la, pois o parque era grande. Antes que o menino pudesse recuperar o fôlego, a sombra falta o calou. Na cidade escura, ninguém, nunca mais, viu o menino solista.

2. Preencha as lacunas com os adjetivos ou locuções adjetivas que você considerar mais apropriados para criar uma história assustadora.

Em uma cidade formosa, onde tudo era muito bonito, havia um parque de diversões fantástico, habitado por um fantasma muito feio. Certo dia, um menino louro, que estava jogando bola próximo ao parque, deixou ela cair para dentro dos muros verdes do lugar. Como a criança era muito louro, não pensou duas vezes e pulou o muro. Ao cair na terra molhada, percebeu que sua bola redonda estava no carrossel, que rodava lentamente, sem que ninguém estivesse perto para controlar o brinquedo. Uma música assustadora tocava enquanto o carrossel veloz girava. O menino aproximou-se para pegar sua bola, quando viu um vulto feio passar ao seu lado. A criança então gritou, mas ninguém podia ouvi-la, pois o parque era assombroso. Antes que o menino pudesse recuperar o fôlego, a sombra o-abafou o calou. Na cidade formosa, ninguém, nunca mais, viu o menino louro.

Anexo 9 - Amostra de atividade: Conto individual

Conto

- Parece que você está mais pensativa hoje. Possa saber o motivo? -
Ouvi a voz do Sacristão do cemitério me tirar do fundo de minha mente.

- Só sinto que logo acontecerá algo. - Respondi logo depois dele deixar a bandeja com comida na parte de onde a clareira se inicia, tanto que ele estava de costas indo pra parte do cemitério que é mais recente e aberta a visitas.

- Como assim? - Ele se virou rápido e eu somente arqueei as sombrancelhas perguntando se ele estava falando sobre eu falar com ele a sobre meu presentimento.

- Não é como se algo ruim fosse acontecer, é algo que sempre esperei e no entanto nunca percebi, não sei o que é. - Falei, minha voz continuava fraca, ele pareceu querer rir me abraçar, mas não o fizera pois sabe o que sou e o que aconteceria se o fizesse toda a família dele sabe.

- Deveria falar mais, sua voz é bela como você. - Me limitei a sorrir, antes fixaria o fôlego pelo cortejo pela época da qual nasci.

Ele foi andando pra longe, acho que o senhor acharia estranho ver os anos se passarem por ele e me ver igual sem um ruga, sem envelhecer.

Vi a flor ao meu lado, toqueia e ela murchou enquanto morria pelo meu toque.

Deixei os cabelos vivos cobrirem meu rosto e a voz da bruxa ecoando em minha mente, "Enquanto você viver nada poderá tocar-me, somente um descendente meu do qual irá se apavorar!".

Uma simples maldição e tudo que toca morre e sua

O texto está ótimo! Você escreve muito bem. Continue assim!



energia vital vem para mim, me mantendo viva e jovem com o passar dos séculos.

Levantei-me de maneira calma e andei até a bandeja onde havia como sempre uma taça antiga com açaí, um prato com um pouco de comida, umas frutas e vi que havia também um pequeno espelho.

Peguei o pequeno objeto e levei-o até próximo ao rosto, estava igual a séculos atrás, os cabelos ruivos como fogo, eram longos e lisos, minha pele pálida de aparência e textura macia, olhos azuis escuros quase negros e sem brilho, meus lábios eram um vermelho vivo.

Sorri, comi o que tinha na bandeja e voltei para o centro da clareira. Me dei ao olhando o céu e logo adormeci, me lembrando somente que hoje era noite de Halloween.

Ouvia risadas e passos, ecoavam bastante pela parte restitua e silenciosa do cemitério. Levantei-me rapidamente.

"Deve ser só o sacristão." Pensei tentando me tranquilizar, quando dei para onde a bandeja uma hora esteve, não estava lá, ele já havia vindo para retirá-la.

— Acho melhor ir embora, antes que alguém nos pegue. — A voz era feminina, pelo barulho que faziam pareciam um grupo de 9 ou 10 pessoas.

"Não." Pensei. "Não vou recorrer aquilo, não posso... Mas des estão aqui, se me acharem eles vão morrer."

Suspirei.

Sentei no chão em posição de lótus, fechei os olhos e me concentrei, me senti mais leve e em um segundo estava vendo o grupo, eram nove pessoas, quatro garotas todas bonitas, cinco garotos, sendo quatro bonitos, e um moreno.

Aquele moreno me lembrava alguém, os cabelos negros e os olhos

azuis claras, a pele branca, ele me lembrava aquela mulher, a dona de minha malícia, mas o garoto não podia ser o descendente dela, ela não tinha filhos não era? Por isso a malícia foi desta forma.

Abri meus olhos, me levantei, o vestido negro longo, no estilo vitoriano girou levemente com o movimento brusco.

Me vixei e corri suavemente por entre as criptas, controlando meu "dam", não fazia com frequência isso pelo desconforto, mas desse jeito nada que eu tocasse morreria.

O sacristão morava perto da área restrita, com seu filho, do qual sabe de mim e será o próximo a cuidar de mim. Era uma casa pequena em tons neutros com a porta de madeira escura, onde assim que cheguei comecei a bater com certo desespero.

-O que houve?- Perguntou o Sacristão e ao abrir a porta e me ver ali pareceu preocupado.

-Há pessoas na parte restrita- Respondi com calma e o vi arregalar os olhos e correr para dentro, voltando dois segundos depois com um roupão, pantufas e uma lanterna, o cabelo branco estava bagunçado e ele corria para a minha parte do local.

Corri atrás dele, mas mantendo certa distância

— Parece que você está mais pensativa hoje. Posso saber o motivo? — Ouvi a voz do Sacristão do cemitério me tirar do fundo de minha mente.

— Só sinto que logo acontecerá algo. — Respondi logo depois dele deixar a bandeja com comida na parte de onde a clareira se inicia, tanto que ele estava de costas indo pra parte do cemitério que é mais recente e aberta a visitas.

— Como assim!?! — Ele se virou rápido e eu somente arqueei as sobrancelhas perguntando se ele estava falando sobre eu falar com ele ou sobre meu pressentimento.

— Não é como se algo ruim fosse acontecer, é algo que sempre esperei e no entanto nunca percebi, não sei o que é. — Falei, minha voz continuava fraca, ele pareceu querer vir me abraçar, mas não o faria pois sabe o que sou e o que aconteceria se o fizesse toda a família dele sabe.

— Deveria falar mais, sua voz é bela como você. — Me limitei a sorrir, antes ficaria ofendida pelo cortejo pela época da qual nasci.

Ele foi andando pra longe, acho que o senhor achava estranho ver os anos se passarem para ele e me ver igual sem uma ruga, sem envelhecer.

Vi a flor ao meu lado, toquei-a e ela murchou enquanto morria pelo meu toque.

Deixei os cabelos ruivos cobrirem meu rosto e a voz da bruxa ecoando em minha mente, “Enquanto você viver nada poderá tocar-lhe, somente um descendente meu do qual irá se apaixonar.”

Uma simples maldição e tudo que toco morre e sua energia vital vem para mim, me mantendo viva e jovem com o passar dos séculos.

Levantei-me de maneira calma e andei até a bandeja onde havia como sempre uma taça antiga com suco, um prato com um pouco de comida, umas frutas e vi que havia também um pequeno espelho.

Peguei o pequeno objeto e levei-o até próximo ao rosto, estava igual há séculos atrás, os cabelos ruivos como fogo, eram longos e lisos, minha pele pálida de aparência e textura macia, olhos azuis escuros quase negros e sem brilho, meus lábios eram um vermelho vivo.

Sorri, comi o que tinha na bandeja e voltei para o centro da clareira. Me deitei olhando o céu e logo adormeci, me lembrando somente que hoje era noite de Halloween.

Ouvia risadas e passos, ecoavam bastante pela parte restrita e silenciosa do cemitério. Levantei-me rapidamente.

“Deve ser só o sacristão.” Pensei tentando me tranquilizar, quando olhei para onde a bandeja uma hora esteve, não estava lá, ele já havia vindo para retirá-la.

— Acho melhor irmos embora, antes que alguém nos pegue. — A voz era feminina, pelo barulho que faziam pareciam um grupo de 9 ou 10 pessoas.

“Não.” Pensei. “Não vou recorrer aquilo, não posso... Mas eles estão aqui, se me acharem eles vão morrer.”

Suspirei.

Sentei no chão em posição de lótus, fechei os olhos e me concentrei, me senti mais leve e em um segundo estava vendo o grupo, eram nove pessoas, quatro garotas todas loiras, cinco garotos, sendo quatro loiros, e um moreno.

Aquele moreno me lembrava alguém, os cabelos negros e os olhos azuis claros, a pele branca, ele me lembrava aquela mulher, a dona de minha maldição, mas o garoto não podia ser o descendente dela, ela não tinha filhos não era? Por isso a maldição foi desta forma.

Abri meus olhos, me levantei, o vestido negro, longo, no estilo vitoriano girou levemente com o movimento brusco.

Me virei e corri suavemente por entre as criptas, controlando meu “dom”, não fazia com frequência isso pelo desconforto, mas desse jeito nada que eu tocasse morreria.

O sacristão morava perto da área restrita com seu filho, do qual sabe de mim e será o próximo a cuidar de mim. Era uma casa pequena em tons neutros com a porta de madeira escura, onde assim que cheguei comecei a bater com certo desespero.

— O que houve? — Perguntou o Sacristão e ao abrir a porta e me ver ali pareceu preocupado.

— Há pessoas na parte restrita. — Respondi com calma e o vi arregalar os olhos e correr para dentro, voltando dois segundos depois com um roupão, pantufas e uma lanterna, o cabelo branco estava bagunçado e ele corria para a minha parte do local.

Corri atrás dele, mas mantendo certa distância. [...]

Ata

A Casa Mal Assombrada

— Era uma vez uma casa mal-assombrada no meio do mato e um casal se perdeu no mesmo mato.

E ~~o~~ estava chovendo e de tanto o casal caminha, eles acharam uma casa e resolveram ir a te lá dentro e quando eles entraram na casa a televisão ligou e as janelas começaram a abrir e fechar e o homem foi a te lá acima e não tinha nada e quando ele desceu a sua mulher não estava mais lá.

— E do nada tudo se tranca e o homem ficou trancaado e foi dormir e quando ele se acordou era muito de lua cheia e o fantasma apareceu e pegou ~~o~~ no pescoço do homem e quando o homem estava morrendo a pareceu a mulher e falou um negócio: — não morra e ele se acordou chorando e o fantasma simil e veio três batidas na porta, Tak, Tak, Tak e ele falou quem é e pegou um pedaço de madeira e veio de rogar e veio a sua mulher e fim.

Fim



A Casa dos Mal Assombrados

Era uma vez uma casa mal assombrada no meio do mato e um casal se perdeu no mesmo mato.

E quando estava anoitecendo começou a chover e o casal achou uma casa e resolveram ir até lá dentro e quando eles entraram na casa a televisão ligou e as janelas começaram a abrir e fechar e o homem foi até lá em cima e não tinha nada. Quando ele desceu a sua mulher não estava mais lá.

E do nada tudo se trancou. O homem ficou trancado e foi dormir e quando ele acordou era noite de lua cheia e um fantasma apareceu e pegou no pescoço do homem. Quando o homem estava morrendo apareceu a mulher e falou um negócio:

- Não morra!

Ele acordou chorando, o fantasma sumiu. Veio três batidas na porta: tok, tok, tok. Ele perguntou quem é e pegou um pedaço de madeira, e abriu a porta devagar e viu a sua mulher.

FIM

Eu estava sozinho em casa, meus pais tinham ido viajar no final de semana. Antes de ir^{eu} me apresentar, meu nome é Sophie e tenho 16 anos.

Porém 3 da manhã, estava sem sono e me sentia muito sozinho, então, resolvi ligar para Luke, um amigo meu.

- Oi Sophie! São 3 da manhã, por que me ligou a essa hora?

- É porque não tenho nada pra fazer, então resolvi te acordar - soltei uma risada - Tudo bem?

- Tirando a parte que estou morrendo de sono, sim Gise!

- Está ótima, como sempre!

Neste momento, ouvi barulhos vindo do jardim, fiquei um pouco preocupada, mas logo voltei a falar com Luke:

- Ei, estou ouvindo uns sons vindo do jardim, acha que devo ir ver? - perguntei

- Não seja bobá! Deve ser o cachorro do vizinho!

- É verdade, álar, está tão quentinho aqui embaixo dos cobertores... - Os sons aumentaram, deixei minha curiosidade tomar conta de mim, me levantei e me aproximei da janela, quando vi, percebi que o vulto escuro no meu jardim parecia com um homem de costas, mas eu não conseguia ver seu rosto. Logo, percebi que ele estava com uma jaqueta igual a de Luke, e peguei o telefone novamente:

- Luke! É você lá embaixo! Para de tentar me assustar!

Muito bom! Paralelins! Continue por que estamos curiosas.



étras +

- Claro que não Sophie! Oba que eu saia de casa num fim de semana! - Ele respondeu, ferozmente.

Antes que conseguisse responder, ouvi um barulho de uma pedra batendo na janela do meu quarto, com medo, me aproximei lentamente e vi o mesmo homem, mas agora de frente, e a única coisa que conseguia ver em seu rosto era um sorriso orgulhoso, e ao seu lado, uma covinha com aproximadamente 2 metros de largura. Mas neste momento, o homem começou a andar em direção a porta da minha casa. Peguei o telefone e falei gaguejando.

- L-LUKE ME AJUDE! Tem um homem entrando aqui em casa! Me ajuda! Liga pra polícia, por favor!

- Ok, toma cuidado, aguenta mais um pouco que a polícia já vai chegar! - Ele disse, com tom amastado.

Comecei a ouvir passos subindo a escada, não pensei duas vezes e entrei no armário, então ouvi o barulho da porta sendo aberta lentamente, e eu disse:

- E ele está aqui! - Minha mão tremia tanto que acabei deixando o celular cair no "chão" do armário.

Poucos segundos depois, já conseguia ver a mão do homem, e ela segurava algo que parecia uma faca. Então eu fechei meus olhos e senti uma dor incivelmente ao lado direito da minha barriga, e fui caindo para o lado por conta da dor que não me deixava continuar em pé, então, a última coisa que ouvi antes de morrer, foi a voz do meu amigo Luke pelo celular:

- Sophie? Sophie me responde! Que barulhos são esses? O que está acontecendo? Aguenta mais um pouco! Por favor, não morra...

A última ligação

Eu estava sozinha em casa, meus pais tinham ido viajar no final de semana. Antes, deixe eu me apresentar, meu nome é Sophie, sou alta, tenho cabelos longos e castanhos, 16 anos e olhos verdes.

Eram 3 da manhã estava sem sono e entediada, então resolvi ligar para meu amigo Luke.

— Oi Sophie! São 3 da manhã, por que resolveu me ligar a essa hora?

— É porque eu não tenho nada pra fazer, então resolvi te acordar — soltei uma risada — Tudo bem?

— Tirando a parte que estou morrendo de sono, sim. E você?

— Estou ótima, como sempre!

Neste momento, ouvi barulhos vindo do jardim, fiquei um pouco preocupada, mas logo voltei a falar com Luke.

— Ei, estou ouvindo uns barulhos vindo do jardim, acha que devo ir ver? — perguntei.

— Não seja boba! Deve ser o cachorro do vizinho!

— É verdade, aliás, está tão quentinho aqui embaixo dos cobertores... — Os sons aumentaram, deixei minha curiosidade tomar conta de mim, me levantei e me aproximei da janela, quando vi o vulto escuro no meu jardim parecia um homem de costas, mas eu não conseguia ver seu rosto. Logo, percebi que ele estava com uma jaqueta igual a de Luke, e peguei o telefone novamente:

— Luke! É você lá embaixo! Para de tentar me assustar!

— Claro que não Sophie! Acha que eu sairia de casa num frio desses? — Ele respondeu, ofendido.

Antes que conseguisse responder, ouvi um barulho de uma pedra batendo na janela do meu quarto, com medo, me aproximei lentamente e vi o mesmo homem, mas agora de frente, e a única coisa que conseguia ver em seu rosto era um sorriso orgulhoso, e ao seu lado, uma cova com aproximadamente 2 metros de largura. Mas neste momento, o homem começa a andar em direção a porta da minha casa. Peguei o telefone e falei gaguejando.

— L-LUKE ME AJUDE! Tem um homem entrando aqui em casa! Me ajuda! Liga pra polícia, por favor!

— Ok, toma cuidado, aguenta mais um pouco que a polícia já vai chegar! — Ele disse, com tom assustado.

Comecei a ouvir passos subindo a escada; não pensei duas vezes e entrei no armário, então ouvi o barulho da porta sendo aberta lentamente, e eu disse:

— E-ele está a-aqui! — Minha mão tremia tanto que acabei deixando o celular cair no “chão” do armário.

Poucos segundos depois, já conseguia ver a mão do homem, e ela segurava algo que parecia uma faca. Então eu fechei meus olhos e senti uma dor incrivelmente ao lado direito da minha barriga, e fui caindo para o lado por conta da dor que não me deixava continuar em pé, então, a última coisa que ouvi antes de morrer, foi a voz do meu amigo Luke pelo celular:

— Sophie? Sophie me responda! Que barulhos são esses? O que está acontecendo? Aguenta mais um pouco! Por favor, não morra...

1. O demônio no quarto escuro.

8. Certo dia uma menina chamada Isabel, estava na escola e gritou:
 — Venham demônios, não tenho medo de vocês, seus idiotas.

Após acabar a aula, ela foi embora pra casa, entrou no seu quarto e apagou a luz, para dormir. Durante a tarde, ela acordou, já era umas 23:30 pegou um livro para ler no escuro com o abajur, logo começou a rangir o chão, depois os vidros da janela se quebraram, o pé da cama começou a pagar fogo. a Isabel começou a gritar:

— Socorro, cara ## socorro, mãe, pai.

Mos seus pais tinham vindo para ir no pet shop levar sua cachorrinha.

Do chão surgiu um demônio vermelho e ruivo, ele disse:

— Você vai morrer.

A menina entrou em desespero, o demônio pegou a menina pelos cabelos e botou o seu pescoço num saco de vidro.

e perfurou sua garganta com ele.

O demônio tirou a cabeça da menina do vidro e decapitou sua cabeça. Com a cabeça em mãos, começou a devorá-la, logo depois foi seu corpo.

O demônio foi embora, mas antes de sair do quarto Isabel ele escreveu na parede uma mensagem: Aqui deixei uma prova real de que demônios existem.

O pai da menina Isabel, enterrou no quarto da menina para acordá-la para ir a escola, eles se depararam com aquele ser do quarto de sua filha, entraram em desespero e desmaiaram, quando acordaram acordaram estavam pendurados no quarto de sua filha, menos de 1 minuto parece um demônio com uma boca elétrica, o demônio para em frente aos pais de Isabel e disse:

— Sua filha não ia gostar de ficar com sua alma vizinha, como eu sou bomzinho vou deixar vocês fazer companhia a ela.

Dos dias os vizinhos sentiram a falta daquela família, muito bem!

Na escola sentiram a falta da Isabel, depois de um tempo ninguém mais lembrava da família.

fiquei com medo! Sua história é de arrepiar!

O demônio no quarto escuro

Certo dia uma menina chamada Isabel estava na escola e gritou:

- Venham demônios, não tenho medo de vocês, seus idiotas.

Ao acabar a aula, ela foi embora para casa, entrou no seu quarto e apagou a luz, para dormir durante a tarde. Ela acordou, já era umas 21:30, pegou um livro para ler no escuro com o abajur. Logo começou a ranger o chão, depois os vidros da janela se quebraram, os pés da cama começaram a pegar fogo. Isabel começou a gritar:

- Socorro, cara####, socorro, mãe, pai.

Mas seus pais tinham saído para ir no pet shop levar sua cachorrinha.

Do chão surgiu um demônio vermelho e raivoso. Ele disse:

- Você vai morrrrrrrrr.

A menina entrou em desespero, o demônio pegou a menina pelos cabelos e botou no seu pescoço um caco de vidro e perfurou sua garganta com ele.

O demônio tirou o pescoço da menina do vidro e decapitou sua cabeça. Com a cabeça em mãos começou a devorá-la, logo depois, foi seu corpo.

O demônio foi embora, mas antes de sair do quarto de Isabel ele escreveu na parede uma mensagem: Aqui deixei uma prova real de que demônios existem.

Os pais da menina Isabel, entraram no quarto da menina para acordá-la para ir à escola. Eles se depararam com aquele horror do quarto de sua filha, entraram em desespero e desmaiaram. Quando acordaram, estavam pendurados no quarto de sua filha. Menos de 1 minuto aparece um demônio com uma serra elétrica. O demônio para em frente aos pais de Isabel e diz:

- Sua filha não ia gostar de ficar com sua alma sozinha. Como eu sou bonzinho vou deixar vocês fazerem companhia à ela.

Dias depois os vizinhos sentiram falta daquela família. Na escola sentiram falta de Isabel. Depois de um tempo ninguém mais lembrava da família.

o conto do canário

Um menino chamado Sharkão estava numa brejeira, quando avistou uma casa. Foi até a casa e lá foi abordado por uma lavadeira bruxa. A bruxa pegou uma vaca e sumiu... Sharkão voltou em barulho e foi até a cozinha e a bruxa pegou a foga e passou pão na manteiga. Animados dois comeram pão com manteiga a muito tado. Viviam felizes para sempre, exceto pelo fato de o Sharkão se engorçar com o pão de subey del e falcar. Sinto llo infomer litar, mas não caim no conto del canário! Balala HAHANA!

Diogo C. 92

Parabéns pela criatividade! Rimas horríveis!
mas parece esboçar parágrafos no texto.

☺

O canto do canário

Um menino chamado Sharkão estava numa floresta, quando avistou uma casa.

Foi até a casa e lá foi abordado por uma horrenda bruxa. A bruxa pegou uma vaca e sumiu...

Sharkão escutou um barulho e foi até a cozinha e a bruxa pegou a faca e passou pão na manteiga. Assim os dois comeram pão com manteiga a noite toda.

Viveram felizes para sempre, exceto pelo fato de o Sharkão se engasgar com o pão de Whey dele e falecer. Sinto lhe informar leitor, mas você caiu no canto do canário! Bololo HAHAHA!

Anexo 10 - Reportagem escolhida pelas alunas para atividades

Entrevista: Mayra Celina da Silva Pereira

A vida de estudante

Ao longo de 2014, nesta série *Juventudes os jovens é que vão falar da vida dos jovens*. Convidamos Mayra Celina da Silva Pereira para conversar sobre a vida de estudante. Ela tem 27 anos, veio de uma comunidade indígena chamada Malacacheta, onde passou a infância. Foi morar em Boa Vista, RR, onde cursou Ensino Fundamental e Médio na escola pública.

E-mail: mayrawape@yahoo.com.br



Mayra iniciou seus estudos na escola da comunidade indígena.

Como foi seu estudo no Ensino Fundamental e Médio?

Na verdade estudei até a sexta série na escola da comunidade indígena. Depois ingressei na escola pública na cidade de Boa Vista. E um dos fatos marcantes foi o contato com os demais colegas de classe, de cultura diferente. Às vezes gerava uma sensação de exclusão daquele ambiente. Foi um processo difícil, mas que serviu como incentivo à luta pela valorização da cultura indígena, uma vez que se convivia com pessoas de culturas diferentes e com um preconceito ainda muito forte a respeito do indígena.

Uma curiosidade é que nem mesmo era reconhecida como indígena. Usa-se uma expressão conceituando o índio como caboclo, até pela falta de conhecimento de quem é o indígena. Mas como conhecia bem a minha cultura, fiquei muito tranquila e ia além daquelas dificuldades do ambiente.

E você foi superando essa discriminação?

No Ensino Médio já estava mais adaptada, já havia estabelecido relações com outras pessoas e já tinha adquirido respeito por parte dos colegas. E eu sempre estive focada no meu objetivo que era estudar, buscar conhecimentos, ainda que enfrentando todas as dificuldades diárias. Gosto de buscar o essencial para uma boa formação humana.

Por que você estuda?

Eu tenho um objetivo claro que é estar envolvida com uma causa. Entendo que é necessário conhecer a comunidade, estar inserida na sociedade, até mesmo como uma forma de enfrentar as demandas que a vida nos apresenta. Atualmente estou cursando a faculdade de jornalismo e tenho um foco que vai além do ego pessoal. Não quero apenas ter uma formação supe-

rior, estou voltada para uma causa coletiva, para o benefício também de outras pessoas que possam necessitar de minha intervenção, dos meus conhecimentos. É a forma que encontro de praticar a solidariedade. E no meu caso específico, pela identificação com as lutas do movimento, pretendo sempre continuar com o diálogo na defesa dos direitos dos povos indígenas, do protagonismo indígena. Quero levar para toda a sociedade a voz do povo indígena, talvez possa ser porta-voz da realidade dos povos indígenas.

O que você acha da educação brasileira?

Penso que o modelo, o sistema de educação, quando se trata da formação humana da criança, do jovem, está necessitando de uma reformulação. Especialmente no sentido de redescobrir a história do Brasil, como de fato as coisas aconteceram. Percebo uma grande carência de informação nos conteúdos que são ensinados para as crianças. Os professores precisam se aprofundar mais nessa questão histórica, de como se deu a formação do Brasil.

Quando se fala em democracia, cidadania, também é necessário envolver todos os segmentos, pois vejo que a questão indígena, por exemplo, é a que menos se trabalha nas escolas. E ela está na origem da construção do Brasil. Vejo, dentro das escolas, uma grande falta desse olhar para a diversidade que existe no nosso país. Pois falar em democra-

cia, cidadania, direitos é também falar de coisas fundamentais.

Isso deveria ser uma orientação geral?

O Estado deveria proporcionar mais estes conhecimentos dentro da escola pública para que houvesse valorização das diferenças, esta diversidade que faz parte do contexto histórico do país e que também faz parte do ambiente da sala de aula.

Um país justo é um país que respeita e valoriza a diversidade, também e principalmente dentro do ambiente escolar. Não existe outra forma de se oferecer uma educação de qualidade. A qualidade da educação não está restrita às condições de conforto, como ar-condicionado ou estrutura física.

Qual é o recado que você deixaria para o jovem estudante?

Que o jovem dirija um olhar mais humano às pessoas que estão ao seu redor e que, a partir desse olhar, possa identificar suas diferenças, sua cultura, seu modo de viver, independentemente de classe social ou de etnia. E que possa também respeitar mais os diferentes, pois isso garante a harmonia nos ambientes. E que os professores possam despertar nos jovens esse compromisso com a sociedade, para que a sociedade possa se tornar mais justa e pacífica, fundamentada no respeito às diferenças, à diversidade.

Anexo 11 - Questionário para pesquisa

1. Você já sofreu *bullying*?
2. Que tipo de *bullying* você já sofreu?
3. Escreva sobre uma experiência de *bullying* que você já vivenciou ou já viu.

Resposta dada por aluno:

1) Sim.

2) Ah, eu já sofri *bullying* quando
do pequena, por mim usar
óculos e ser a mais alta da
minha turma.

3) Sim, eu via meu irmão
sofrendo *bullying* por ele ser
gay, e isso me incomoda.

Anexo 12 - Reportagem produzida



BULLYING é UMA AGRESSÃO ORAL OU FÍSICA, QUE PODE ACONTECER NA ESCOLA, NA RUA, NA VIZINHANÇA, ^{NA INTERNET} ~~em casa~~ OU ATÉ DENTRO DE CASA. A PESSOA QUE PRÁTICA BULLYING SEMPRE ^{ESTÁ} ALI "CUTUCANDO" A OUTRA.

O bullying pode causar isolamento, queda ou rendimento escolar, inutilidade, depressão, ansiedade.

Os principais alvos são as pessoas que tem alguma diferença psicológica ou física, que nem sempre tem características ruins.

O bullying não é ~~uma~~ ~~uma~~ algo recente, ~~mas~~ sempre existiu, mas apenas agora que começaram ~~começar~~ a encarar isso como um problema.

Algumas maneiras de praticar bullying são insultar, ~~a vítima~~ ~~o~~ dizer que a pessoa não serve pro nada, espalhar mentiras, fazer grupos e ~~deixar~~ deixar a pessoa "diferente" de fora, agredir fisicamente a vítima ou pegar objetos da pessoa sem pedir e danificá-los.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS
 INSTITUCIONAL, PEDAGÓGICA E ACADÊMICA
 Prédio da Reitoria - Térreo - Fone: (48) 3721-9419
 E-MAIL: prae@reitoria.ufsc.br

~~Reitoria~~

Para saber se os alunos sabem bullying na nossa escola, fizemos perguntas através de um questionário com as turmas 61, 71 e 81.

Foi perguntado se eles sabiam bullying, o tipo de bullying que sabiam e para contar uma experiência.

Nós fizemos uma tabela ~~com~~ com os resultados da pesquisa.

De 78 pessoas que responderam o questionário 38 pessoas sabem bullying.

e 39 mãe responderam, e uma mãe
soube responder.

Abaixo mostramos os tipos
mais comuns de bullying de
acordo com os questionários

Anexo 13 - Fotos



Foto tirada pela professora orientadora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, durante a palestra com os integrantes da revista *Its*, Gustavo Bruning e Jéssica Stierle.



Imprensa Universitária - UFSC

Foto da imprensa universitária, retirada em: <http://iu.ufsc.br/fotos/>